

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GABRIELA LAGES GONÇALVES

QUEM VIGIA O CASARÃO?

Uma análise sobre a convivência entre vigilantes e seres intangíveis no Centro
Histórico de São Luís

São Luís - MA
2019

GABRIELA LAGES GONÇALVES

QUEM VIGIA O CASARÃO?

Uma análise sobre a convivência entre vigilantes e seres intangíveis no Centro
Histórico de São Luís

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para obtenção do título de
Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Martina Ahlert

São Luís - MA
2019

GABRIELA LAGES GONÇALVES

QUEM VIGIA O CASARÃO?

Uma análise sobre a convivência entre vigilantes e seres intangíveis no Centro Histórico de São Luís

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Martina Ahlert

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Martina Ahlert (Orientadora - UFMA)
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Prof.^a Dr.^a Márcia Milena Galdez Ferreira (UEMA)
Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e
Narrativas

Prof.^a Dr.^a Raquel Gomes Noronha (UFMA)
Programa de Pós-Graduação em Design

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Gonçalves, Gabriela Lages.

QUEM VIGIA O CASARÃO? : Uma análise sobre a convivência entre vigilantes e seres intangíveis no Centro Histórico de São Luís / Gabriela Lages Gonçalves. - 2019.
103 p.

Orientador(a): Martina Ahlert.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Casas. 2. Espíritos. 3. Pessoas. I. Ahlert, Martina. II. Título.

Dedicada a todos que vigiam os casarões de São Luís...!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, pelo estímulo e apoio constante para que eu desse continuidade à minha trajetória acadêmica. Muita gratidão aos amigos que acompanharam meus processos profissionais e pessoais durante esse período – as idas despretensiosas a Praia Grande, conversas acidentais sobre o Maranhão e suas encantarias, viagens e diversas boemias produtivas, alguns pedaços destas vivências estão aqui de alguma maneira: Bruno Pereira, Rafa Noletto, Thays Brasil, Renata Queiroz, Ellen Cripf, Gerson de Melo, Dandara Azevedo, Marcos Lamy, Lázaro Rocha, Allyne Fernandes, Eva Braun, Heveny Araújo, Chris Dinitri e Júnior Sousa.

À minha turma de mestrado que parece ter sido escolhida a dedo: Geysa, Wellington, Wendson, Ana Mendes, Conceição, Luama, Dayanne, Ronyere, Osmilde, Camila, e Kaique; Um agradecimento especial as garotas do Etnografia Etflica: Luama, Maynara, Conceição e Ellen, foi muitíssimo importante os debates que travamos nos ambientes extra academia.

Agradeço imensamente por mais uma parceria bem-sucedida com a minha orientadora, Martina Ahlert, que com maestria me apontou correções, releituras, estratégias analíticas e entre outras coisas que me auxiliaram nesta dissertação. Obrigada aos professores que compuseram minhas bancas de qualificação e defesa - Benedito Souza, Raquel Noronha e Milena Galdez; foi muito importante o retorno que tive de suas leituras – gatilhos analíticos, estratégias narrativas, além de suas percepções sensíveis sobre as ‘encantarias da Praia Grande’. Guardarei tudo com muito afeto.

Além das pessoas mencionadas, sou bastante grata a instituição que me proporcionou uma bolsa de mestrado acadêmico durante dois anos, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Por fim, agradeço muito a todos que participaram da pesquisa: Silvana, Camila, funcionários de museus ou instituições públicas, moradores do Centro Histórico, e principalmente aos vigilantes e zeladores que compartilharam as experiências que compõem este trabalho.

RESUMO

Esta dissertação trata da convivência entre vigilantes e seres intangíveis nos casarões do Centro Histórico de São Luís, Maranhão. Os edifícios possuem marcos do processo de colonização portuguesa, o que concedeu à cidade o título de Patrimônio Mundial da Humanidade em 1997. Com casarões ocupados de diversas maneiras, o trabalho se concentra em vigilantes de três prédios públicos – enfatizando narrativas e experiências com seres intangíveis que habitam as casas – *visagens*, *assombrações*, *espíritos*, *entidades*. Analisa as diferentes formas de manifestação (visual/sonora/olfativa/sensorial) e impacto sentidos pelas pessoas. A partir disso, vigilantes, casarões e seres intangíveis constroem relações de estranhamento e familiaridade. Com orientação etnográfica, o trabalho está dividido em três momentos – i. a circulação de narrativas sobre seres intangíveis; ii. experiências e estratégias de vigilantes; iii. situações que remetem à vulnerabilidade de pessoas e casas. Nesse sentido, considera diferentes engajamentos entre humanos e a imaterialidade, evidenciando seus efeitos na vida social.

Palavras-chave: Casas, Pessoas, Espíritos.

ABSTRACT

This dissertation is about coexistence between security guards and intangible beings in manors from Centro Histórico in São Luís, Maranhão. The buildings have marks from the Portuguese colonization, which inscribed the city the title of World Heritage of Humanity in 1997. Considering that manors have many uses and forms of occupations this analysis concerns in watchmen from three public buildings – emphasizing experiences and narratives with intangible beings that reside in the houses – *visions*, *haunts*, *spirits*, *entities*. The research analyzes the different forms of manifestations (visual / sonor / olfactory / sensory) and their impacts on people. Therefore, security guard's houses and intangible beings gets involved in a relationship that demonstrate estrangement and familiarity. From ethnographic methods, this research has three parts – i. circulation of narratives about intangible beings in Centro Histórico; ii. watchmen's experiences and strategies; iii. situations that refers to vulnerability conditions from people and historic buildings. Finally, it considers different interactions between humans and immateriality, by showing their effects on social life.

Key-words: Houses, People, Spirits.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1. ‘Casa Histórica’ (Ilustração).....	12
Figura 2. Mapa A Casarões percorridos	14
Figura 3. Prédio de História da UEMA	43
Figura 4. ‘Os <i>amiguinhos</i> ’ (Ilustração).....	51
Figura 5. Museu Histórico e Artístico do Maranhão	52
Figura 6. Alguns compartimentos do MHAM.....	54
Figura 7. ‘O perfume da baronesa’ (Ilustração).....	59
Figura 8. Prédio do Arquivo Público do Estado do Maranhão.....	60
Figura 9. Jornais com menção a Pensão Chicó.....	62
Figura 10. ‘As mulheres do Arquivo Público’ (Ilustração).....	67
Figura 11. ‘O piano e os cupins’ (Ilustração)	81
Figura 12. Casarão em frente à moradia de Dona Serena (2019).	97
Figura 13. Tipos de Sobrados (fonte: SÃO LUÍS, 2008)	98
Figura 14. Tipos de sobrados (fonte: SÃO LUÍS, 2008).	98
Figura 15. Mapa B (Parte 01)	99
Figura 16. Mapa B (Parte 02)	100
Figura 17. Mapa B (Parte 03)	101

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

APEM - Arquivo Público do Estado do Maranhão

CAEMA - Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão

CCVM - Centro Cultural Vale Maranhão

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MHAM - Museu Histórico e Artístico do Maranhão

SECMA – Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TAA - Teatro Artur Azevedo

UEMA - Universidade Estadual do Maranhão

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UNESCO - Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Centro Histórico	11
Sobre etnografia e outros incômodos metodológicos	17
Capítulo 1: Etnografia Fantasma	23
1.1 Sobre narrar e habitar	23
1.2 Sobre pessoas e histórias que circulam	29
1.3 Sobre Vigiar Casarões	38
Capítulo 2: Encontros com o tangível	42
2.1 Os <i>amiguinhos</i> : <i>vultos</i> que dançam, cantam, correm e sorriem	42
Prédio de História da UEMA	42
Conhecendo <i>Amiguinhos</i>	43
O poço, as crianças, e as mulheres	45
2.2 O perfume da Baronesa	52
Museu Histórico e Artístico	52
O cheiro do sobrado	55
2.3 As mulheres do Arquivo Público	60
Tardes na Pensão Chicó	60
Joana e o Escapulário	63
Capítulo 3: Sobre vulnerabilidades e transformações	68
3.1 Coexistências	68
Sobre se acostumar ou transformar relações	72
3.2 Outras desproteções	75
Sobre a desproteção dos vigilantes	75
Sobre a transformação das casas e desproteções das coisas	80
BIBLIOGRAFIA	91
Apêndice A	97
Apêndice B	98

Apêndice C	99
------------------	----

INTRODUÇÃO

Centro Histórico

Em 2016 acompanhei um grupo de amigos do Disforme Coletivo Artístico, na montagem de uma intervenção intitulada “Proposições para uma poética no espaço”. O trabalho dos meus amigos partia do princípio de espalhar placas de sinalização pelas ruas mais movimentadas do Centro Histórico da cidade de São Luís, de forma que, indicassem os usos mais recorrentes daqueles espaços. O casarão apoiado por madeiras de uma reforma paralisada em frente à Praça da Faustina ganhou uma placa com ícones de banheiro; o lendário trailer do ‘Cachorro-quente do Sousa’ ganhou uma sinalização para gastronomia; e logo na entrada do estacionamento onde havia uma placa oficial escrita Centro Histórico enferrujada, substituíram por uma nova, que dizia “Centro Histórico”.

Algumas fotografias das placas da intervenção artística repercutiram em portais de humor locais, porém, não tardou para que fossem destruídas. Nesta mesma tarde em que os ajudei a colocá-las, sentamos nos bancos em frente ao Centro de Criatividade Odylo Costa Filho, (um centro cultural com cinema e teatro na mesma região da cidade), e conversamos sobre quais seriam as possibilidades de associar histeria - um conceito que cabe a psicanálise - ao Centro Histórico. Em outro momento, soube que a histeria surgiu no século XIX, como uma condição de neurose ou pânico que seria exclusiva as mulheres - tanto que hýstera, palavra de origem grega, significa útero. Pensando nos sentidos de histeria e nas formas de coexistência entre pessoas, seres intangíveis e natureza que trago nesta pesquisa, comecei a colecionar imagens de casarões ‘descaracterizados’ – aqueles cujas paredes caíram por ação do tempo ou chuvas, e plantas se espalharam tomando conta de suas estruturas.

Sendo assim, passei a associar os casarões desabitados com as muitas narrativas sobre espíritos de mulheres que habitam o Centro Histórico – a mulher de branco que aparece na Rua Portugal; a mulher de baby doll que encara os vigilantes no Palácio das Lágrimas; a baronesa que exala seu perfume pelas madrugadas no Museu Histórico e Artístico; ou a famosa senhora de escravos Ana Jansen que dizem passear pelas ruas destilando maldade. Imaginei o sobrado imenso da Rua Humberto de Campos, como uma grande mulher com os cabelos encaracolados, que entra em surtos psicóticos quando incomodada e estapeia as pessoas que se aproximam dela. Histérica.

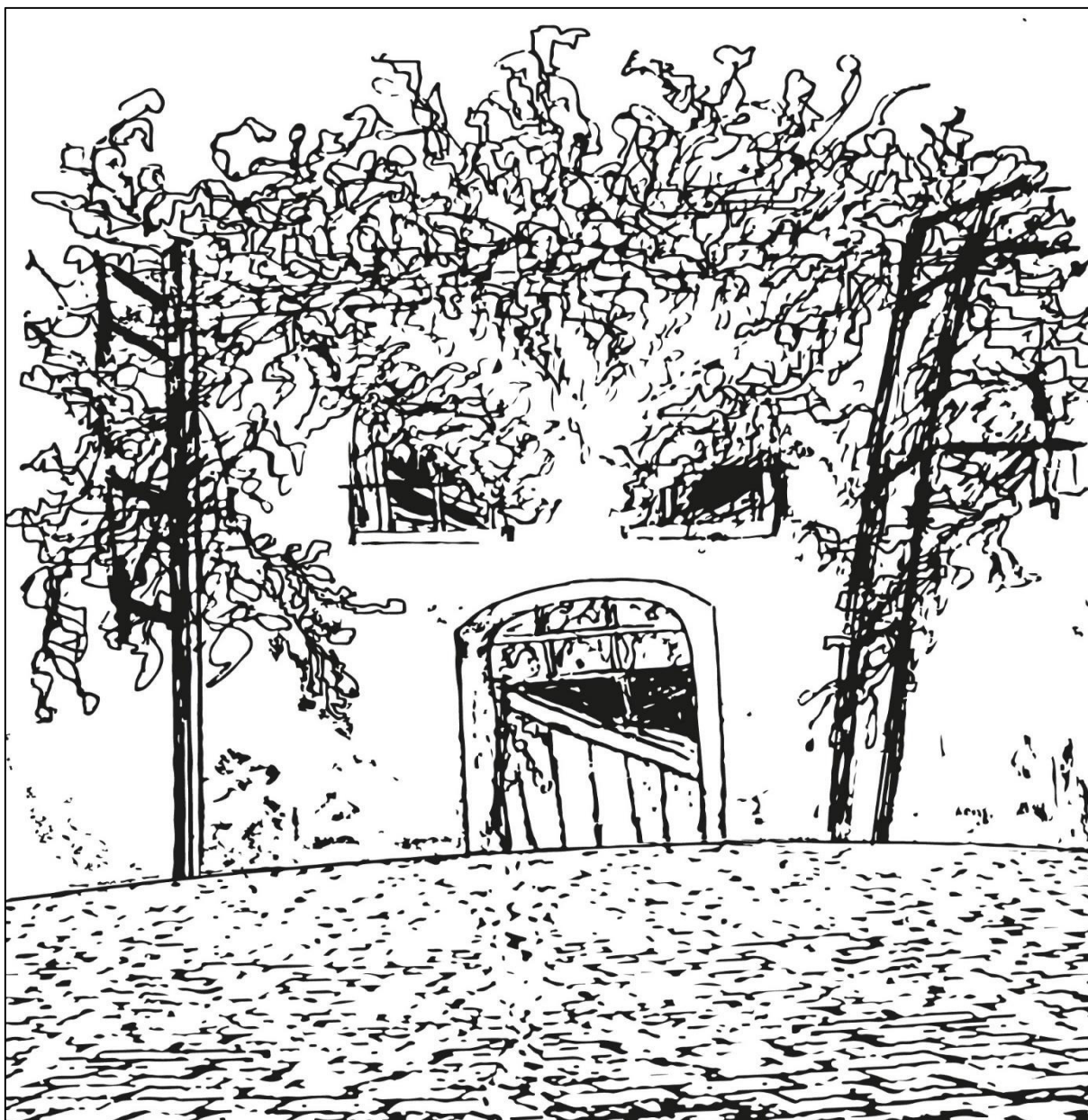


Figura 1. 'Casa Histórica' (Ilustração)¹

Composto por onze bairros que abrangem uma área de 8km² (DUALIBE, 2014, p.15), o Centro Histórico de São Luís possui casarões coloniais dos séculos XVIII E XIX, com uma riqueza arquitetônica sem igual. Os edifícios e suas características de construção imprimem marcos do processo de colonização portuguesa, o que concedeu à cidade o título de Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1997. Assim, o Centro Histórico de São Luís tornou-se conhecido por

¹ Todas as ilustrações aqui presentes foram feitas por minha amiga Éllen Cripf, inspiradas em meus diários de campo. Esta ilustração, em específico, foi criada a partir de uma fotografia do casarão abandonado localizado na Rua Humberto de Campos, anexada no Apêndice A. Os moradores que vivem próximo relataram que não se deve entrar na casa, pois lá teria um espírito que expulsa as pessoas com tapas.

ser o maior conjunto de imóveis coloniais América Latina², pela riqueza de suas residências - sendo 1.432 prédios tombados³ pelo Governo Federal e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), e 4.400 prédios tombados pelo Governo do Estado do Maranhão (MARANHÃO, 1997).

Atualmente pode-se ver diferentes usos dos casarões da área central: espaços que abraçam o lazer turístico e cultural, como restaurantes, pousadas, museus; comércios, feiras, lojas; prédios de serviços da administração pública como a Secretaria de Cultura, ou Defensoria Pública do Estado; casarões de moradia, habitação social, casarões abandonados que viraram estacionamentos ou foram reocupados por famílias (AHLERT, 2017).

São Luís é também conhecida como um lugar de manifestações culturais e religiosas bastante diversificadas, que possuem uma ligação estreita com o Centro Histórico por tê-lo como cenário. O espaço também aparece como cenário⁴ das principais narrativas que fazem parte do imaginário local - na literatura, por exemplo, ele é cenário de histórias misteriosas que mesclam ficção e acontecimentos reais, como no romance histórico realista “*Os tambores de São Luís*” de Josué Montello (1985), em que o autor relaciona aspectos físicos (ruas, praças, azulejos, sobrados, etc.) com a presença de entidades, espíritos e outros seres intangíveis que povoam as madrugadas do Centro Histórico.

Minha pesquisa está concentrada na região central denominada Praia Grande, onde percorri por treze prédios históricos públicos até que designei três deles para aprofundar pesquisa de campo. A Praia Grande ficou conhecida por ser uma das áreas mais antigas do Centro Histórico, devido a movimentação comercial e portuária entre os séculos XVII e XIX. Desde 1979 foram iniciadas atividades do “Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico” com intuito de adotar um plano de preservação fixo para restauração arquitetônica. Entre 1979 e 1982 foi executado o “Projeto Praia Grande” com foco nos edifícios religiosos, palácios, e manutenção das residências e pequenos comércios locais. O “Projeto Reviver” (1987-1990) deu retomada a grande parte da restauração interrompida por falta de recursos, promovendo a restauração de grande parte do bairro da Praia Grande. Atualmente, é

² Mais informações na reportagem intitulada “Tombado pela UNESCO, maior conjunto de imóveis da América Latina sofre com falta de recursos”, datada de 26 de Janeiro de 2008, disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,casaroos-de-sao-luis-correm-risco-de-desabamento,115749>.

³ Mais informações na reportagem intitulada “São Luís vira Patrimônio da Humanidade” datada de 5 de Dezembro de 1997, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff051215.html>.

⁴ Gilberto Freyre (1987) já havia registrado em “Assombrações do Recife Velho” histórias misteriosas de sobrados, casas, e personagens que perpassam a tradição oral no Centro Histórico de Recife, atribuindo relação entre tais presenças e aspectos próprios da cidade. Apontou para as possibilidades das ciências sociais também perceberem relações que não são só humanas, ao destacar formas de relações sociais e convivência - visto que ora tais seres são companhia, ora aterrorizam os moradores.

Penso o Centro Histórico como um lugar densamente habitado (INGOLD, 2012), na medida em que diversos entes impactam a existência local, em especial a vida de um casarão: o tempo (sua cronologia de sobrevivência construção/destruição expresso nos casarões ameaçados de desabamento); a natureza (crescimento de plantas, efeitos das chuvas, fungos e cupins que juntos podem deteriorar um casarão); e a habitação do que denominei de seres intangíveis, para me referir as presenças que flertam entre a materialidade e imaterialidade percebidas pelas pessoas - *fantasmas, espíritos, entidades, assombrações, visagens, vultos*, entre outras variações.

Entre os casarões percorridos aprofundi pesquisa em três deles – 1. Arquivo Público do Estado do Maranhão; 2. Museu Histórico e Artístico do Maranhão; 3. Prédio da Faculdade de História (UEMA), locais que entendi através dos vigilantes como ‘casarões de personalidade’, pelas manifestações carregadas de especificidades – a fragrância de um perfume que pertencera a baronesa de Grajaú; aparições de mulheres que um dia foram prostitutas numa pensão; a dança e tambores entoados por negros que um dia foram escravos; a leitura desses fenômenos pelos vigilantes relacionam os usos anteriores das casas e as sensações (cheiro, visão, som, tato) que têm cotidianamente em seus turnos.

Minha relação com o lugar aconteceu com minha entrada na graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), quando tive maior contato com os espaços culturais da Praia Grande, além de frequentar ali bares, teatros e feiras. Conhecer-lo enquanto ‘objeto’ empírico foi através da participação no projeto “Sentidos e Práticas do Habitar no Centro Histórico⁵” (2015-2017), que tinha por intuito perceber três formas diferentes de habitação no local: a habitação informal de casarões (ou seja, casarões ocupados por pessoas que não possuíam documentos de propriedade); um casarão de habitação de interesse social (um prédio de apartamentos para pessoas de baixa renda); e a experiência de pessoas que viviam em situação de rua. Na pesquisa, conversamos com pessoas que viviam especificamente em dois bairros (o Desterro e a Praia Grande), interessados em conhecer seu perfil, aspectos de sua moradia, a constituição de suas casas e suas percepções sobre o patrimônio. Foi a partir da experiência de pesquisa nesse projeto que surgiram as inquietações que trago nesta dissertação, que começaram pela familiaridade com que os moradores da área central da cidade narravam sobre *visagens*.

⁵ A pesquisa teve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA) e coordenação da Professora Doutora Martina Ahlert.

O Centro Histórico como campo de pesquisa já possui um acervo significativo de análises em teses e dissertações. No âmbito da arquitetura e do desenvolvimento urbano as pautas se dedicam a discutir – moradia em edifícios patrimoniais, usos habitacionais na área de preservação do patrimônio, condições de habitabilidade dos moradores, e tipologias do estilo arquitetônico de São Luís (GONÇALVES, 2006; MARQUES, 2002; CARDOSO, 2012; ANDRÉS, 2006; ESPIRITO SANTO, 2006). Estes trabalhos, mesmo que de áreas diferentes, são interessantes para pensar as diversas transformações que atravessaram as ruas e casas – estrutura de iluminação subterrânea, construção de galerias/manutenção do saneamento de esgoto, reformas de praças, construção de espaços culturais, entre outras coisas.

Viveiros Filho (2006) traz reflexões sobre as estruturas arquitetônicas e sua relação com a organização social vigente em seu período de construção. Entre as tipologias mais comuns de casas estão: porta-e-janela, meia-morada, morada-inteira, solares e sobrados (Apêndice B.). Os solares e sobrados ilustram a moradia das camadas mais altas, sendo distinguidos pelo uso de residência (solar), e uso misto (sobrados):

Em São Luís, o zoneamento se apresenta assim: no pavimento térreo, no nível da rua, funciona o estabelecimento comercial do proprietário (loja, depósitos etc.); no segundo andar, a residência da família do proprietário (salas, quartos, varanda e cozinha etc.); no terceiro andar, a residência de caixeiros (repetição da residência do proprietário), e a hospedagem que se oferecia aos fregueses do interior (ou não) quando vinham às compras na cidade. (VIVEIROS FILHO, 2006, p.140).

No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, algumas investigações de pesquisa trazem à tona as percepções dos moradores do Centro Histórico sobre diversas pautas. Milena Galdez Ferreira (2005) analisou os processos de construção e desconstrução das regiões presentes no Centro Histórico, mapeando-as a partir dos moradores das referidas zonas. Nayala Nunes Dualibe (2014) realizou uma etnografia sobre as múltiplas possibilidades de entendimentos do Centro Histórico a partir das polifonias utilizadas pelos interlocutores. A dissertação de mestrado de Flaviano Costa Menezes (2015) resgata as relações entre pessoas e residências através de representações literárias, partindo de uma orientação geográfica. Outros trabalhos se dedicam a discussão que envolve patrimônio, incluindo a ótica das instituições e políticas públicas (SILVA, 2009) e também dos trabalhadores que participam cotidianamente do Centro Histórico (NORONHA, 2015). A partir disso, incluo a minha investigação como uma contribuição no âmbito das Ciências Humanas, tendo como base a etnografia para analisar narrativas e experiências de pessoas com seres intangíveis nos casarões históricos de São Luís.

Sobre etnografia e outros incômodos metodológicos

Desde o início do mestrado, quando as pessoas tomavam conhecimento da minha pesquisa, a reação era um esquema de perguntas comuns: se eu acreditava nas coisas que ouvia dos meus interlocutores, se eu já havia sentido alguma presença de *espíritos* e quais teriam sido as motivações de tal investigação. A elaboração do projeto de dissertação foi movida por um estranhamento da naturalidade, nas narrativas de moradores, da presença das *visagens* em casarões. Particularmente, passava por um momento de busca de novas inquietações empíricas - minha pesquisa anterior⁶ parecia ter expirado com a dissolução das atividades que aconteciam na antiga Guest House, casarão localizado na Rua da Palma.

Nas caminhadas pelo Centro Histórico, já haviam chegado aos meus ouvidos iconografias de entidades andando pela escadaria do Beco Catarina Mina, Preto Velho descendo a 'Rua Grande', procissão de negros na Rua Portugal. Quando realizei meu estágio acadêmico na Casa da Festa - museu localizado na Rua do 28 de Julho que contém acervo sobre religiões de matriz africana no Maranhão – falavam-me que no prédio havia um marinheiro, que por vezes aparecia no museu.

A perspectiva inicial deste trabalho era de ter como interlocutores aqueles que fazem do casarão sua morada, mas o desencadear da pesquisa de campo me apresentou os profissionais da vigilância, que se tornaram meus principais interlocutores. A pesquisa de campo foi direcionada aos vigilantes impulsionada por indicações de moradores, funcionários de prédios públicos ou trabalhadores do centro, que recomendavam ter algo de especial no trabalho de vigiar casarões no Centro Histórico que diferenciava da vigilância em outros lugares. Da mesma forma, as indicações descreviam vigilantes, principalmente os que trabalham no período noturno, como as pessoas mais experientes sobre o assunto – devido ao fato de estarem sozinhos e poderem perceber com facilidade ações que não são suas.

A partir desses diferentes contatos com o Centro Histórico e suas histórias, a abordagem metodológica escolhida tem como base a etnografia. Constituído como um método de natureza qualitativa que intercala trabalho de campo junto à instrução em teoria antropológica, a etnografia possui como principais técnicas de pesquisa a observação participante, a convivência com os interlocutores, o registro de informações e anotações sobre o campo por intermédio de diários (EVANS-PRITCHARD, 2005; GEERTZ, 2008; MALINOWSKI, 1976).

⁶ Refiro-me à pesquisa de monografia que realizei com os artistas do BemDito Coletivo, que ocupou durante um ano um casarão no Centro Histórico com atividades artísticas. Diante disso, minhas possíveis perspectivas de análise se dissolveram (GONÇALVES, 2016).

No entanto, vale ressaltar alguns limites ou incômodos que fizeram parte do processo de pesquisa de campo. O primeiro deles, diz respeito à maior parte do meu acesso aos interlocutores ter sido em seus ambientes de trabalho. O estado do Maranhão possui dois vínculos empregatícios com a vigilância dos casarões históricos: uma parte dos profissionais são funcionários diretos do próprio estado (vigias), outra é formada por empresas privadas que são escolhidas através de licitações (vigilantes). Enquanto havia movimentação nos casarões, independentemente de ser museu, faculdade ou o arquivo público, eu tinha maior liberdade de interação com eles – a partir do momento em que os serviços daquele espaço eram encerrados, meu acesso também era limitado, por conta da ordem de que devem permanecer apenas os profissionais da segurança nos casarões.

A vigilância nos casarões que pesquisei funciona vinte e quatro horas por dia e os profissionais alternam plantões a cada doze horas. Minha relação com os vigilantes noturnos foi feita a partir dos vigilantes diurnos – eu chegava nos casarões por voltas das 16 horas, acompanhava o ritual de troca de turnos, o encerramento das atividades dos demais funcionários e permanecia até no máximo 21 horas. Entre as razões para a escolha dos horários de campo, destaco que como funcionários de firmas terceirizadas, os vigilantes têm seu trabalho inspecionado⁷ por funcionários de suas respectivas empresas – logo, a minha presença em momentos de fiscalização poderia possivelmente comprometer meus interlocutores. Por isso, optei por não mencionar nenhum dos nomes das empresas em que trabalham, visto que em alguns momentos trago experiências de vigilância que podem não coadunar com as regras de sua atividade empregatícia.

Da mesma maneira, as tensões de gênero se mesclavam com as questões de comportamento no trabalho. A maior parte do meu campo foi constituído por homens e até que estabelecêssemos um laço de maior confiança, eles não se sentiam confortáveis de estarem ‘sozinhos’ comigo, e por vezes, eu com eles. Por duas vezes não permitiram que eu entrasse nas casas. Em uma delas, fui até o casarão do Arquivo Público no intuito de conversar com Joana (uma das poucas mulheres que conheci) e ela havia trocado turno com Júnior. Por ser um sábado, o casarão estava fechado, avistei Júnior pela janela que logo me reconheceu e sorriu. Perguntei se eu poderia entrar, com intuito de jogar conversa fora e ‘fazer valer’ a ida a campo, mas ele respondeu *“Hoje não dá, por que você é mulher e vão pensar besteira”*.

⁷ Os vigilantes das empresas terceirizadas têm seu trabalho fiscalizado pelos inspetores – são funcionários da mesma empresa que avaliam se estão em seus postos de trabalho, devidamente fardados e equipados (como uso de coletes, arma etc.).

Situações como essa me mostraram que a dinâmica movimentada dos dias de trabalho com o prédio aberto, era algo que tornava mais leve a minha interação com os homens. O cotidiano de circulação de pessoas trazia uma atmosfera confortável da parte deles – conhecer zeladores ou outros funcionários me ajudou a estabelecer vínculos mais consistentes. Infelizmente, não pude acompanhar a jornada noturna como gostaria, tendo feito maior registro dos vigilantes diurnos.

O trabalho de vigilante na maioria dos prédios que serão mencionados, consiste em observar - a movimentação de entrada ou saída de visitantes/estudantes, registrar visitas a acervos ou pesquisa em biblioteca ou armazenar pertences no guarda-volumes. Da mesma forma, enquanto eu observava e conversava com eles tive a sensação engraçada de estar sendo vigiada por alguns ao questionarem sobre minha vida pessoal, profissional ou afetiva. Lembro que essas informações são de mútua utilidade, dizem tanto sobre mim quanto sobre eles, a partir do momento em que como pesquisadora me senti pesquisada (WAGNER, 2010). Afinal, os questionamentos sobre mim trazem uma aproximação entre nós - na medida em que eu enquanto alguém que buscava observar e participar guiada pela atividade etnográfica, eles buscavam me observar guiados pelo seu treinamento de vigilante.

Realizei a pesquisa de campo em diferentes momentos e com estratégias diversas, a partir de abril de 2017. O primeiro momento foi um campo exploratório, com duração de três meses, sem questões fechadas, com o intuito de explorar e fazer uma busca ativa sobre o que eu estava pesquisando. O segundo momento caracterizo como a entrada na relação com os vigilantes e a escolha deles como interlocutores principais, que aconteceu entre setembro de 2017 e janeiro de 2018. O terceiro momento foi um campo mais voltado para questões específicas sobre a relação destes profissionais com seu trabalho nos casarões, e ocorreu entre março e agosto de 2018.

Grande parte do meu registro foi feita com anotações e memória, por vezes quando saía do campo ia caminhando e gravando um diário áudio com coisas essenciais, que depois se tornava um diário digitado. Registrei algumas gravações em dias que buscava saber de coisas bem específicas, mas dificilmente fui bem-sucedida devido ao movimento nos casarões e ao trabalho de vigilante, que envolve o movimento de entra e sai das pessoas e ele (a) pode se levantar a qualquer momento - por isso gostava dos dias de pouco movimento, como sábados, segundas e terças-feiras.

Neste caminho, vivi bons e maus dias. Os primeiros, recheados de alegria nas companhias que fui fazendo nos casarões - vigilantes, zeladores, auxiliares administrativos,

estagiários, por vezes formava um conglomerado de pessoas jogando conversa fora nas tardes do Centro Histórico. A dispersão natural das conversas caía sobre “*o que tem na cidade hoje*” inspirando o clima de mais uma semana vencida nas sextas-feiras. Outros dias chegava esgotada. Esgotada de informações, no sentido de ter muitas coisas na cabeça e não ter condições de lembrar com clareza de imediato, com isso, tive fases em que levava dias fazendo um único diário de campo. Esgotada emocionalmente, quando me dava conta das várias desproteções que cercam o profissional da vigilância. Sobretudo, das mulheres em suas múltiplas jornadas - funcionária, mãe, esposa, ou por outro lado, esgotada emocionalmente pelo fato de eu ser mulher e receber por uma ou duas vezes cantadas⁸ de alguns homens em campo.

Sem falar nos dias em que tiravam para testar meus níveis de sensibilidade, me levando em compartimentos ‘secretos’ de casarões na espera de que eu sentisse um *vulto*. A primeira delas foi na Casa do Maranhão, quando um zelador me levou até um compartimento em desuso – a entrada se assemelhava a arcos (como um túnel), todas as paredes eram pintadas de preto, o espaço era como um grande vazio, pois não havia nada guardado. A expectativa era de que se eu sentisse algum arrepio/presença o que me diagnosticaria como sensitiva. No momento, fiquei bastante apreensiva sobre o veredicto, porém não senti nada do esperado. Se possível chegar a alguma conclusão sobre estes pontos, é que não há prática etnográfica sem incômodos. São estes desconfortos do pesquisador em campo que parecem fazer um deslocamento essencial para que possamos nos comunicar com outro (FAVRET-SAADA, 2005).

Neste trabalho atribuo evidência principal as narrativas sobre sentir/ver/ouvir/tocar vividas pelas pessoas - “Buscar ver foco no sentir, ver, narrar, os aspectos do invisível e suas especificidades que tomam forma” (BLANES & ESPÍRITO SANTO, 2014, p.12 - tradução minha). Assim, entre *amiguinhos ou demônios*, parto da leitura que podem afetar os profissionais da segurança - deslocar perspectivas, provocar reflexões ou sentimentos. Ao mesmo tempo, reconheço os limites ao tentar ‘antropologizar’ o assunto – Como perceber as formas de sociabilidades estabelecidas entre pessoas e seres intangíveis? Quais as maneiras possíveis de fazer etnografia com seres não materializados? Concentro investigação nos efeitos/impactos causados pela relação do ser humano com outras entidades, e considero a leitura dos seres não materializados a partir do que os torna palpável – corpo, objeto, espaço e ação, tal como sugere Ruy Blanes e Diana Espírito Santo (2014).

⁸ Neste caso, me refiro ao início de campo quando ainda estava conhecendo os profissionais da vigilância na Praia Grande. Nenhum dos meus interlocutores principais agiu de forma inadequada comigo.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, busco apresentar a minha inserção no campo - como fui conhecendo e circulando pelo Centro Histórico até que eu chegasse aos vigilantes e aos meus interlocutores principais. Em um conglomerado de pequenas pautas a intenção é apresentar os casarões como lugares densamente habitados e a articulação de narrativas entre as pessoas que junto a eles convivem. No segundo capítulo, a intenção é trazer as experiências de vigilantes em seus respectivos locais de trabalho e como vão acionando novas formas de entendimento a partir das ações dos seres intangíveis – sentir, ouvir, ver, cheirar – são percepções dos encontros com seres intangíveis, que oscilam com a materialidade. No terceiro, busco desenvolver as ideias de vulnerabilidade e transformação – a primeira tem intenção de discutir sobre ideias de perigo e proteção a partir das singularidades do trabalho do vigilante em prédios históricos; enquanto a segunda tem como foco o processo de “se acostumar” com presenças intangíveis no trabalho (o que considero uma transformação de relação), e as intervenções físicas nos casarões que apresentam a capacidade de ‘perder’ ou ‘ganhar’ coisas.

As ilustrações são um recurso que penso expressar algumas situações narradas por vigilantes. Como uma descrição de terceira mão – interlocutores, meu diário, desenhos – as ilustrações foram criadas por minha amiga e cientista social Éllen Cripf.

Em relação aos aspectos técnicos do texto, friso que o uso de *itálico* (independente das aspas) sempre é uma transcrição literal de termos dos participantes da pesquisa, em caso de falas utilizo aspas e *itálico*. O uso das aspas simples em fonte normal implica em sentido figurado ou desconforto meu em utilizar alguma palavra. Em sublinhado estarão as palavras de origem estrangeira. Ressalto que a maioria dos nomes foram substituídos, com o intuito de preservar a identidade de meus interlocutores.

Havia acabado de voltar de viagem. O que era bom, já que as viagens sempre têm o poder de me fazer retornar revigorada à rotina local. Era setembro, passei umas duas semanas na casa de minha amiga Ana Mendes, na época, numa daquelas ruas que liga o Teatro Artur Azevedo e a Fonte do Ribeirão, no Centro Histórico. A beleza destes dias estava em andar pelo centro da cidade, ir à Rua Grande resolver alguma coisa, comprar legumes na feira ao lado do Terminal de Integração da Praia Grande, procurar uma ‘padaria’ - já que não havia quase nenhuma, então descobrir aonde poderia comprar pães. Assistir o fluxo de lojas fechando e ruas ficarem desertas. Ou o movimentar das ruas em dias de semana, que um festival com shows na Praça Nauro Machado pode fazer acontecer.

Estranhei o vento de setembro. Minha mãe sempre narra que setembro é um mês de ventos fortes, lembrava isso ao contar e recontar uma travessia que fez para Alcântara – município há pouco mais de uma hora de barco de São Luís, em 1975. Numa destas noites de setembro, acordei de madrugada assustada com umas rajadas de vento balançando a janela fechada. Ao amanhecer, enquanto saíamos para a aula de mestrado, comentei com Ana sobre a força do vento que havia me acordado durante a noite e fomos conversando sobre isso - os ventos. Neste dia, salvei uma nota no celular só sobre o vento, em que lembrava as muitas vezes em que ele era tópico das conversas em campo.

O vento que alterava entre dias de mau e bom humor. Dias em que assobiava quase como um canto ou trazia um cheiro de rosas delicado. Outros dias parecia irado. Chutava baldes, quebrava janelas de vidro, empurrava coisas. Batia a porta com força como alguém que sai contrariado. Pensei sobre a possibilidade engraçada de qual seria o seu percurso em um só dia pelo Centro Histórico - sai da reforma inacabável do Palácio das Lágrimas em que se diverte destruindo os reparos recém feitos... Acalma-se no Museu Histórico e Artístico exalando essência de rosas. Desce a Rua do Sol, empurra algumas cadeiras no Teatro Artur Azevedo... Quantos casarões será que visita...?!

Capítulo 1: Etnografia Fantasma

“Por mim, pode tá batendo aí.
Eu vou fazer o quê?!
Eu não tô vendo! Nem quero ver!”

Márcio

1.1 Sobre narrar e habitar

Lembro da quantidade de informações que havia na casa de Dona Serena em nosso primeiro contato. Vários pequenos buquês de flores e vasilhinhos espalhados pelo espaço de três cômodos. Uma faixa onde lia-se *Rainha do Carnaval* estava pendurada em uma das paredes. Muitas fotografias, em outro momento me explicou quem era algumas daquelas pessoas. Uma espécie de maquete retratando uma casa, em cima da mesa. Ao lado, um palito de dentes manchado de laranja, que depois percebi ser a mesma cor de suas unhas. À vista, linhas, agulhas e outros materiais de costura. E a coisa que tomou minha atenção, de forma que não consegui registrar mais nada visualmente: os peixinhos. No balcão que dividia a cozinha e a sala, havia um filtro d'água e ao seu lado um aquário com vários peixes pequeninos.

Foi em um casarão revitalizado para habitação social que considero ter começado a fazer esta pesquisa. Localizado na Rua Humberto de Campos, em um prédio histórico de três pavimentos que resistiu⁹ para que se tornasse a morada de dezoito famílias sem imóvel próprio, conheci Dona Serena, que me falou com naturalidade sobre as *visagens* que lá habitavam. O casarão é oriundo do Plano de Reabilitação do Centro Histórico, que tem como o objetivo de diminuir o déficit habitacional de casarões desocupados/abandonados (AHLERT, 2017).

Dona Serena falava aliviada sobre o processo de espera pela sua casa ter acabado. Foram anos entre o cadastro e a entrega do apartamento, período em que costumava passar pelo prédio com frequência. Antes de se transformar em morada, nele funcionavam serviços públicos. Sua propriedade era da União. O casarão teve toda a sua estrutura interna reformulada para que pudesse ser organizado em pequenos apartamentos de um ou dois quartos, com sala/cozinha tipo americana, e banheiro social, distribuídos em três pavimentos.

O edifício da Rua Humberto de Campos, assim como vários imóveis tombados, precisa preservar as características coloniais ao realizar modificações. No entanto, a adaptação para

⁹ Refiro-me ao longo processo de revitalização a que foi submetido. Além disso, a promessa de moradia para as dezoito famílias atualmente alocadas iniciou-se em 2008, porém só em 2011 puderam mudar para o casarão. Vale ressaltar que as famílias escolhidas deveriam obedecer a critérios como renda, atividades profissionais, faixa etária e possuírem certo número de membros.

receber estas famílias permitiu alterações no tipo de telhado, nos pisos e na criação de dutos de ventilação e iluminação – ainda que me parecesse um lugar bem escuro:

A cobertura em telha de fibrocimento, o piso em capeado sintético ou cimentado, são exemplos de descaracterizações sofridas por esta edificação moderna [...] Também foram criados dutos de ventilação e iluminação de forma que todos os apartamentos se beneficiassem desse sistema, uma vez que estes eram completamente insalubres (SÃO LUÍS, 2008, p.100).

A casa de Dona Serena, era composta por espaços estritamente particulares mesmo sendo construída em molde padronizado. Naquela tarde, buscávamos¹⁰ saber como era lidar com imóvel tão antigo e se nossa interlocutora não sentia vontade de mudar algumas coisas em sua estrutura de casa, visto que todos os apartamentos eram padronizados. No apartamento de uma vizinha de Dona Serena, eu e minha orientadora encontramos uma adaptação do pequeno espaço - um painel de móveis planejados que utilizava peças de skate, pequenas plantas, retratos e outros objetos. No contato com um casarão ocupado informalmente localizado na Rua da Palma (AHLERT, 2017), encontramos uma sequência de pequenos lares personalizados - paredes pintadas de cor de rosa, cortinas para encobrir paredes ou pinturas e outras maneiras que os moradores encontravam de customizar suas moradas.

Assim, ao mesmo tempo em que ela alterou/adaptou seus espaços – com objetos, animais, entre outras coisas – penso que também foi impactada pelas casas que viveu. As *visagens*, segundo ela, não se restringiam ao casarão em que mora agora, mas estavam presentes em muitos outros, inclusive, em ruas, igrejas e principalmente museus. Por umas duas vezes, ouviu algum vizinho comentar sobre um homem que aparece no corredor do edifício. Narrava sorrindo sobre o barulho que costumeiramente vinha do museu ao lado, tipo um “*tututu*” que não desconsiderava ser um dinossauro, referindo-se ao acervo do museu¹¹ que divide paredes com o seu quarto.

Outra vez, por volta de umas dez horas da noite, Dona Serena deitou para esperar que sua filha que morava fora da cidade ligasse. Cansada, observou a colcha da cama frisando e abaixando o nível da cama, como se alguém deitasse ao seu lado. Gargalhou como se contasse uma piada para falar das pequenas ‘brincadeiras’ que as *visagens* gostavam de fazer depois das seis horas da tarde - uma descarga puxada, um depósito de cozinha sendo derrubado, a máquina

¹⁰ Neste dia estávamos Nicole Pinheiro Bezerra, Anna Christina Nunes, minhas colegas de projeto – e eu. A entrevista foi realizada em junho de 2016.

¹¹ O museu que fica ao lado do prédio de Dona Serena é o Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão, que possui acervos nas áreas de Paleontologia, Arqueologia e Etnologia. Dona Serena referia-se as réplicas de dinossauros e fósseis que compõem o acervo.

de costurar funcionando sozinha - “*Será se é um espírito costureiro que tá aí?*”, contava enquanto eu sorria com a sua reação a tudo isso.

Esses eventos aconteciam quase sempre quando estava sozinha. Dizia não sentir mais medo, e ter se acostumado *a isso*. Não era de hoje que Dona Serena havia esbarrado com as *visagens* no Centro Histórico. Já havia morado em outro casarão bem grande, com oito compartimentos e uma grande varanda. Diz que desde quando começou a morar lá “*tinha uma sensação estranha*”. Fazia poucos dias de mudança, estava assistindo televisão com seu marido, quando viu algo na parede - “*vi um santinho pequenininho na parede, olhei por um minuto, ele brilhava*” - fez para mim um gesto com as palmas da mão para cima juntas, como se segurasse alguma coisa. Assim, vindo de uma trajetória de dois casarões e *visagens* diversas, frisou novamente que não temia - “*A gente não liga para esse tipo de coisa, eu pelo menos não ligo! Meu corpo também não é aberto para essas coisas*”.

Cerca de um ano depois dessa conversa, começando minha pesquisa de campo exploratória para a dissertação de mestrado, retornei ao casarão de habitação social à procura de Dona Serena. Comentei que havíamos concluído aquela pesquisa sobre habitações e que eu havia ingressado no mestrado com plano de fazer uma pesquisa sobre as “*coisas que dizem acontecer nos casarões*”. Ela me recebeu trajando um vestido leve, com as mãos e roupas molhadas, e percebi que estava em algum dos afazeres domésticos. Era por volta de umas dez horas da manhã. Neste meu reencontro com Dona Serena, comuniquei da minha pesquisa ainda indefinida sobre as *visagens* dos casarões. Convidou-me para entrar e logo começou a me contar de novo as mesmas histórias. Tive o prazer de ouvi-las novamente e parece que alguns elementos foram tomando forma em nossa conversa mais íntima. A presença que deitou na cama ao seu agora era narrada como algo que lhe causara medo:

Eu senti a cama abaixando, abaixando, como se tivesse alguém do meu lado. Isso me deixou assim um medo. Aí o telefone tocou na mesma hora, contei pra minha filha, ela disse ‘mamãe quando eu também dormi aí isso aconteceu comigo’. Ao mesmo tempo que a cama ia abaixando eu ia ficando dormente. O que era ia me adormecer.
(Registro de campo, maio de 2017).

Da mesma forma, as outras situações que haviam sido narradas há um ano atrás ganhavam maior circunstancialidade. Naquele primeiro casarão que morou, normalmente aos sábados todos saíam para a praia. Dona Serena gostava de aproveitar estes momentos sozinha em casa para limpar e fazer suas costuras. “*Quando dava seis horas tinha uma zuada no prédio, escutava minha cadeira arrastando, a máquina funcionando sozinha, eu não tô inventado nada disso!*”, frisou. Narra a casa como um lugar cercado de energias pesadas, que nesse segundo encontro ganham uma explicação dada por ela: “*Eu tinha uma visão de que aquilo era local de*

santo. Lá, morou uma mulher que morreu de parto dentro de casa”, e algumas pessoas já haviam visto uma mulher na escada chorando, que obviamente, “*só podia ser a mulher que morreu de parto*”.

Depois de mais ou menos uma hora e meia de conversa, me disse duas coisas: “*Eu não gosto de tá falando essas coisa só tô falando por que tu tá perguntando*”; e “*Eu não tô inventando nada disso*”. Diferente da primeira vez que conversamos, quando gargalhava descontraidamente narrando sobre seus encontros com as *visagens*, desta vez o tom era mais íntimo, lembrou de coisas da sua infância, descreveu com detalhes os espaços da casa em que morou.

Os dois encontros com Dona Serena apontam para duas ideias fundamentais que orientam este trabalho – narrar e habitar. Tais narrativas podem ser entendidas sob a ótica das performances da fala (PEIRANO, 2002; LANGDON, 2006; BAUMAN & BRIGGS, 2006) na medida em que considera a ação por meio das palavras na vida social.

A maioria da minha pesquisa de campo foi constituída por ouvir as pessoas contarem e recontarem as suas experiências de vida, e tomo esse recontar não apenas em sua capacidade descritiva, mas produtiva - pois as falas, enquanto atos, fazem parte do vivido, produzem e causam consequências e efeitos. A etnografia da fala foi primeiramente difundida por Richard Bauman e Charles Briggs (2006), inspiradas em identificar os gêneros particulares da performance de um grupo, ou perceber como as pessoas os constroem ou produzem. Trata-se de uma perspectiva oriunda de reflexões sobre a linguística, no entanto, convida a reflexão crítica sobre os processos comunicativos ao considerar aspectos culturais e concepções nativas na pesquisa – “Enfatizamos o modo como a padronização poética extrai discursos de certos eventos de fala em particular, e explora sua relação com uma diversidade de contextos sociais” (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p.190). Assim, a performance é entendida como uma construção particular dos participantes, de forma que se distingue por sua função expressiva - falar, agir ou comunicar.

Os dois momentos com Dona Serena foram marcados pelo desenvolvimento expressivo das mesmas narrativas sobre as *visagens*, porém com abordagens diferentes. Enquanto na primeira vez, em uma entrevista coletiva, gargalhava e nos fazia gargalhar demonstrando leveza perante as situações com as *visagens* - no segundo momento, trouxe mais elementos na fala e um caráter mais tenso perante as situações. Da mesma maneira, é interessante a leitura que ela faz destes eventos - o ‘espírito costureiro’ que mexe na máquina de costurar; a possibilidade de um dinossauro estar vivo e fazendo barulhos no museu; a sensação de que a presença que deitou

ao seu lado na cama iria adormecê-la causando um desconforto que não gosta de lembrar; são experiências que ao serem contadas são colocadas em relevo, permitindo que recapitule emoções ao emitir narrativa (LANGDON, 2006).

Foi comum que, enquanto as pessoas contassem suas experiências, elas ficassem arrepiadas. Diante disso, me perguntavam se eu tinha sentido o mesmo. Continuamente, no final de cada narrativa, confirmavam que não estavam inventando ou mentindo. As narrativas das que ouvi sobre seres intangíveis oscilam entre o humor - fazer brincadeiras, piadas e torná-las mais leve ao passo que são recontadas; e o terror - despertar reflexões, emoções, expressando uma carga dramática mais elevada. Dessa forma, as narrativas ultrapassam o caráter de texto para o de eventos narrativos, como aponta Vânia Cardoso:

Atentando para o uso da linguagem como ação social, análises centradas na performance apontam para o papel da linguagem na construção social da realidade. A narrativa, ou a linguagem em geral, não é tomada como um instrumento passivo de descrição do mundo, mas é compreendida como tendo um único papel constituinte do próprio mundo narrado. (CARDOSO, 2009, p.199).

É como se o ato de narrar permitisse que revivessem determinadas situações, inclusive na relação entre pessoas e seres diversos. A autora propõe a ideia de narrativização para analisar sobre a presença de *espíritos* de malandros, prostitutas e outros personagens nos rituais da *macumba carioca*, defende sobre o ato de narrar uma realidade apresentando a ideia de narrativização:

Mais do que narrar uma realidade supostamente exterior a elas, as histórias tornam-se parte inextricável da mesma realidade, ou imaginário social que narram. Aqui, a narrativização não se refere a um mundo a ser revelado pela interpretação do que é contado, não expressa apenas prática, mas constitui a própria prática por ela significada. (CARDOSO, 2007, p.318).

A autora utiliza a ideia de narrativização para pensar o processo de alinhamento entre experiência, sujeito e evento. Logo, as narrativas de Dona Serena em nossos dois encontros, proporcionaram uma revisita às suas sensações no que se refere as *visagens* dos casarões que morou. As histórias de Serena sobre os casarões vizinhos compreende que estes eventos não são exclusivos do casarão de habitação social onde vive, pelo contrário, seres diversos moram em casarões independente das pessoas que os ocupam. Durante a pesquisa, inclusive, ouvi narrativas sobre casarões que não estavam habitados por humanos – neles aconteciam tapas, havia pessoas atravessando paredes, luzes brilhando entre as paredes cheias de plantas, entre outras situações.

Vale ressaltar, que as casas têm sido foco de análise na antropologia sob diferentes perspectivas. Numa abordagem clássica, Marcel Mauss (2003) analisa a relação entre as

variações climáticas e o habitat entre os esquimós, de forma a perceber as diferenças entre a organização social do grupo e as formas de morada (tendas, casas, assentamentos). Pierre Bourdieu (1999) realiza uma descrição minuciosa da Casa Kabyle, com atenção para as oposições que regem a casa – “Assim, a casa se organiza segundo um conjunto de propostas homólogas: fogo, água, cozido, cru, alto, baixo, luz, sombra, dia, noite, masculino, feminino, fecundante, fecundável, cultura e natureza” (BOURDIEU, 1999, p. 151) – dando evidência a diversidade de elementos que são tangenciados pelas casas (gênero, atividades, animais, plantas, objetos etc.).

Ao repensar as dicotomias entre sujeito/objeto, natureza/cultura, sagrado/profano na literatura antropológica, as categorias fluxos/ ações/ e relações sociais têm sido utilizadas no intuito de não traçar polaridades analíticas (INGOLD, 2012; LATOUR 2012; STRATHERN 2006;). Marilyn Strathern (2006) ao preocupar-se com os efeitos do conceito de sociedade ao decorrer da antropologia, prefere pensar em socialidades ou relações sociais como foco principal de análise que contempla pessoas e objetos. Sua crítica ao conceito de sociedade tem por base as comparações presentes nas etnografias clássicas, junto a prática de aproximar elementos presentes na vida social dos nativos ao contexto de vida do pesquisador. Sociedade, para a autora, remete a ideia de coesão ou unidade, que termina por desconsiderar as relações sociais entre pessoas e entidades diversas. Bruno Latour (2012) em esforço semelhante a crítica de Strathern, problematiza a noção de social partindo do pressuposto que o conceito é tratado como algo dado (e como circunscrito à agência humana) e ofusca as outras relações possíveis que cercam o homem. Logo, concentra análise em conexões ou associações, para evidenciar o investimento nas relações sociais entre humanos, animais, objetos e não humanos

Daniel Miller (2013), contribui acerca das relações das pessoas com a cultura material, dedica-se a perceber como as casas carregam histórias, memórias, ou estruturas sociais que tornam-se palpáveis com objetos, cores, e outros elementos acrescentados pelas pessoas nos processos de acomodação. Partindo de uma concepção de casa como algo que acompanha processos¹² ou ciclos de vida, André Guedes (2017) dedica-se a analisar como as mudanças e transformações estabelecem relação entre pessoas, cidades e casas – neste caso, considera as instabilidades ou estabilidades que perpassa a construção de dinâmicas nas camadas populares – concentradas no morar (casas), mudar (cidade), e casar/divorciar (pessoas).

¹² A proposição teórica de uma abordagem das casas como processos ou ciclos, deu-se a partir da abertura de um campo de pesquisas antropológicas sobre casas - que colocam aspectos arquitetônicos, simbólicos e sociais agregados a casa (GORDON, 1996).

Em relação aos prédios históricos, considero habitar (INGOLD, 2015) um conceito que contribui para a compreensão da trajetória dos vigilantes/moradores em sua relação com os casarões:

Aqui, certamente, repousa a essência do que significa habitar. Trata-se, literalmente, de iniciar um movimento ao longo de um caminho de vida. O percebido-produtor é portanto, um caminhante, e o modo de produção é ele mesmo uma trilha traçada ou um caminho seguido. Ao longo desses caminhos, vidas são vividas, habilidades desenvolvidas, observações feitas e entendimentos crescem (INGOLD, 2015, p.38).

Tim Ingold parte de uma casa permeável por diferentes processos – homem, natureza, tempo, ou entidades participam do habitar – que implica em ações que não se restringem ao homem. Portanto, considero que nos casarões do Centro Histórico – alvenaria, plantas, cupins, pessoas, ação do tempo, ou espíritos, estão inclusos nas vivências das pessoas. Sendo assim, habitar e narrar se constituem noções fundamentais para entender a relação dos vigilantes com os casarões históricos. O profissional da vigilância pode experimentar atividades que remetem a moradia num casarão - comer, dormir, tomar banho, escovar os dentes, ou assistir televisão. Em outras palavras, acomoda-se durante doze horas do dia em seus espaços de trabalho – e como irei desenvolver, lida com restrições de espaço e cria estratégias para conviver com os entes da casa.

No meu pouco caminho pelas casas como moradia, conheci outros moradores da área central da cidade, os quais comentaram de forma breve sobre aparições em quintais ou *vultos* em corredores. O meu estranhamento estava no fato da maioria das pessoas parecer estar familiarizada com *vultos* em suas casas – um quarto que ninguém entra por ter o *espírito* de uma mulher; um brinquedo deixado para o *espírito* de uma criança que fica no terraço; ou um som de piano¹³ que entoa os finais de tarde. Com essa inquietação em mente, parti das moradias para os prédios públicos movida pela recomendação de que ‘os vigilantes de museus’ seriam as pessoas mais entendidas do assunto.

1.2 Sobre pessoas e histórias que circulam

Até que estabelecesse os casarões e vigilantes que participariam da pesquisa, segui o fluxo de recomendações dos moradores que conheci e de duas amigas que trabalhavam em museus – Camila e Silvana. Assim, conversei com vinte vigilantes que trabalham no Centro

¹³ A casa de minha amiga Ana, que narro no prólogo, era um casarão onde havia morado um músico. Após ter falecido bruscamente na casa, às vezes, algumas pessoas ouviam um som de piano finais de tarde, que associavam a presença do músico.

Histórico e com três que desempenham atividades laborais em outros contextos¹⁴. Dentre os profissionais da vigilância, todos tinham alguma coisa a dizer sobre os casarões, mesmo que nunca tivessem vivido nenhum evento ‘extraordinário’. Seus comentários tomavam três ênfases: eventos que aconteceram com outras pessoas; eventos que aconteceram consigo mesmos; e eventos narrados que acreditavam não ser verdade, explicando-me que “*essas coisas*” não existem¹⁵. Dessa forma, antes de me aproximar dos três casarões escolhidos para desenvolver pesquisa, conheci vigilantes e zeladores diurnos principalmente em museus e guardei notas de todas as coisas que tinham ‘ouvido dizer’ sobre casarões históricos por São Luís, inclusive, saindo do eixo central¹⁶.

Primeiramente, recorri a Silvana, minha amiga que era estagiária na Casa de Nhozinho. Localizado na Rua Portugal, o museu tem acervo voltado para peças artesanais, como utensílios de pesca, teares de rede, vasos, peças indígenas e entre outras. Quando fui visitar minha amiga, comecei a perceber uma circulação de pessoas que propagam histórias/experiências em casarões – principalmente funcionários. Fui visitá-la no museu numa tarde de abril em 2017, dia em que me contou que já tinha acontecido algumas coisas no sobrado - a maioria delas no último pavimento do edifício. “*O namorado de uma estagiária passou mal uma vez no último andar*”, segundo ela, um vento forte havia passado por eles e o rapaz sentiu um enjoo repentino.

Silvana compartilhou comentários que ouvia sobre outros museus - “*Ouvem passos na madeira de madrugada*” referindo-se a Casa da Festa; “*Tem um arrasta-arrasta de cadeira toda madrugada*” comentou sobre o Teatro Artur Azevedo. Fizemos uma piada sobre esses *espíritos* que frequentam o teatro mais cobiçado da cidade - o boato tinha referência em alguma atriz que houvera morrido no local, e lá permanecia. A partir dela, conheci alguns estagiários e funcionários de museus, que passaram a me recomendar lugares com base no que ouviam:

O vigia lá ouve pessoas correndo e outras coisas! Até morte lá já teve!

(estagiário sobre o Prédio de História da UEMA).

Diz que no Teatro Artur Azevedo tem umas mulheres que dançam a noite

(estagiário da Casa de Nhozinho)

Tem gente que ouve os Cazumbás tocando os sinos na Casa do Maranhão

(estagiário do Museu Casa da Festa).

Relatos quase sempre recheados de empolgação ou percepções ‘curiosas’, que não raro mesclavam-se a acontecimentos do passado – morte, assassinatos, escravidão, festividades ou

¹⁴ Dois em ambientes escolares, na época em que lecionei em uma escola pública no bairro da Cidade Operária. Coincidentemente eram funcionários da mesma empresa de alguns dos meus interlocutores. Outro em uma viagem para Alcântara, município próximo a São Luís, que vigiava um casarão em desuso no momento.

¹⁵ Pretendo retomar essas buscas por ‘racionalidade’ em outro momento. Certa vez, ouvi, durante três horas, de um dos funcionários da Casa do Maranhão, sobre como fenômenos físicos conseguem fazer barulhos ou causar imagens refletidas em vidros.

¹⁶ Eu pouco sabia, mas, existem muitos casarões históricos em outros bairros, como Vinhais, Anil, e Monte Castelo.

religiosidade. Engraçadamente, parecia que qualquer pessoa que convive junto aos casarões, pode estar suscetível a ter essas sensações – arrepios, mal-estar, ouvir ou ver manifestações.

As narrativas eram alimentadas por esses pequenos ‘fuxicos’, circulavam a partir das relações entre os casarões. Os museus Casa de Nhozinho, Casa da Festa e Casa do Maranhão, por exemplo, partilham da mesma superintendência na Secretaria de Cultura, o que inicia contato entre seus funcionários – às segundas-feiras, possuem treinamentos¹⁷ conjuntos, assim como ao decorrer do ano realizam eventos e outras atividades. Dessa maneira, a relação entre as pessoas nestes três casarões alimenta a circulação de narrativas sobre eles (e outros). Portanto, pode-se pensar num vínculo entre casas espalhadas (COMERFORD, 2014¹⁸) mediados pelo ato de narrar, frequentar, e deslocar-se entre elas. No ciclo das indicações que recebi, os vigilantes noturnos são tidos como pessoas dotadas de experiências e sabedoria - em outro momento, pude ouvir deles mesmos a diversidade de coisas que já tinham visto em trabalho.

Nesse contexto, se as pessoas circulam, logo, as histórias circulam. Independentemente do narrador¹⁹ ter vivenciado ou não o ocorrido, os encontros com seres intangíveis parecem ter uma atualização constante, mediada pela vivência, narração e circulação das pessoas. Através dessa ‘interlocação fantasma’ me dediquei a registrar tudo o que me diziam ter ouvido falar - lendas urbanas, piadas, experiências e fatos históricos. Algumas narrativas se encontravam nos meus registros - Diná, funcionária do Teatro Artur Azevedo, narrou sobre o espírito de uma atriz que dança no palco durante a madrugada, o que eu já havia ouvido dos colegas na Casa de Nhozinho. Luís, vigilante do Centro Cultural Vale Maranhão, contou-me a história de seu amigo, que vigiou por muitos anos o Teatro Artur Azevedo – em um de seus turnos, após tomar um banho para tirar um cochilo, sentiu uma febre incessante que perdurou por dias. Foi a um médico, mas após dias de cama resolveu recorrer a um centro espírita – lá, explicaram-lhe que havia sido castigado por atrapalhar a dança das mulheres (espíritos) que estavam no palco.

Outro encontro nos meus registros de narrativas, é o que denominei de ‘maior lenda urbana de vigilantes do Centro Histórico’. A história do vigilante novato e inexperiente do Museu de Artes Visuais – em uma de suas primeiras noites em turno, deparou-se com um

¹⁷ Além disso, entre estes três museus, alguns estagiários podiam substituir o outro em caso de emergência, o que remete a uma rotatividade de pessoas entre estes três lugares. Adianto que, no caso de vigilantes, a substituição também é perfeitamente possível desde que atuem pela mesma empresa privada.

¹⁸ John Comerford (2014) a partir das idas, chegadas ou paradas de pessoas na cidade, analisa como ato de vigiar/narrar sobre a vida das pessoas mobiliza parentes e vizinhanças em Minas Gerais.

¹⁹ Como propõe Benjamin (1987), a figura do narrador como alguém sábio que compartilha suas experiências ou dos outros, e formam ciclos narrativos – aqui, os vigilantes são tidos como as maiores fontes de experiências.

espírito, e saiu correndo pelas ruas da Praia Grande. Infelizmente, só fui me dar conta de sua repetição por diferentes pessoas no final do campo, e não foi possível perceber com clareza as diferentes performances desta narrativa. Por vezes, ouvi que o *espírito* era de uma mulher negra de branco, mulher loira ou ainda de homem negro. Alguns vigilantes acrescentavam que o homem gritava “*Socorro! Socorro!*”, e que pediu para ser lotado em outro lugar.

Esta ‘lenda urbana’ foi acionada quase como um cartão de visita entre os seguranças que conheci nos prédios do centro – o que compreendo como uma forma de apresentar aos outros perigos da profissão. A vigilância nos prédios históricos, era diferenciada da vigilância em outros lugares através das manifestações de *visagens/fantasmas* e outros que habitavam as casas. A curiosidade aparece como um dos elementos que aguça as performances de fala - exageros, dramaticidade, piada ou terror, foram acionados pelas pessoas que interagi movidos por diversas intenções - desde tornar a narrativa interessante para minha pesquisa, ou camuflar tensões associando ao humor. De qualquer modo, circulava a ideia de que são casarões mal assombrados, e os *espíritos* não se restringiam a lenda de Ana Jansen²⁰.

Assim, a escolha de ter como interlocutores principais os vigilantes, foi movida por uma magia especial que envolve sua atividade no cenário dos casarões. São profissionais capacitados para proteger ou guardar algo – fazem um curso que reúne conhecimentos de defesa pessoal/porte de arma/legislação, mas ao mesmo tempo, existem dimensões em que estão desprotegidos. Descritos como locais carregados de acontecimentos – os casarões parecem exigir formas específicas de vigilância, constituindo o Centro Histórico como um lugar de personalidade. A indicação de lugares, também continha uma preocupação em comprovar a veracidade das informações – algumas recomendações eram com base em conversas entre vigilantes que compartilhavam de vivências semelhantes; acompanhado de comentários que conversar com a pessoa indicada era a garantia de verdade.

No Quadro 1 (na sequência do texto), busquei organizar entre os casarões que circulei, as narrativas das manifestações percebidas pelas pessoas, entre as mais recorrentes destaco – sons, ação do vento, ação de objetos/máquinas, e aparição. Os sons eram descritos de variadas formas – vozes de *pessoas* chorando; assobios/sussurros; sons de passos na superfície, ou sons de objetos se movimentando. As ações do vento, são relacionadas com portas ou janelas que batem ou tremem, ou com os *vultos* – que são como presenças que passam rapidamente causando vertigem na pele. As ações de objetos ou máquinas, contempla o movimentar de

²⁰ Importante empresária e política do século XIX, que ficou conhecida pela forma cruel que tratava os escravos. A lenda diz que seu espírito aparece circulando pelas ruas de São Luís numa carruagem conduzida por escravos fantasmagóricos decapitados.

cadeiras, peças de acervo em museus, ou a operação de máquinas – bebedouros, torneiras, teclados de computadores/datilografia etc. As aparições, referem-se a visão de *peessoas* nos casarões – mulheres/homens, ou rostos desfigurados, que observam ou chamam os humanos, e logo desaparecem. Entre as fragrâncias, a mais comum foi o cheiro de rosas, cravos ou lírios, que exalam pelos compartimentos.

Para referir-se as manifestações, os nomes de *visagens* e *espíritos* foram os mais utilizados, porém, algumas pessoas utilizavam o pronome indefinido *alguém* – ‘tem alguém aqui’; ‘sinto alguém aqui’; o que expressa a leitura bem presente, de que as manifestações que acontecem nas casas são humanos que morreram. Compreendo as menções a *vultos*, e *espíritos* como duas categorias que evidenciam também noções de tempo – *vultos*, são como reflexos de uma presença passageira que repentinamente arrepiam a pele; e *espíritos*, são como uma estadia permanente, uma presença que mora em determinados compartimentos – evidentemente se mesclam nos entendimentos, como por exemplo, um *espírito* agir por meio de *vultos*. As ações, contemplam desde a natureza até o operar de uma máquina – por exemplo, num casarão todo fechado, um vento forte que passa e consegue tremer as portas e janelas pesadas, não ‘pode ser’ um fenômeno natural; da mesma forma, que o botão de um bebedouro ser pressionado, derramar água no copo, e jogá-lo no chão, não é.

No Mapa B (ver anexo), busquei registrar os lugares ditos como ‘mal assombrados’ no Centro Histórico a partir dos vigilantes. Entre eles estão museus, centros culturais, pousadas, escolas hospitalares e bancos – instituições públicas e privadas. Separei o mapa por trechos de três partes do Centro Histórico – na parte um, pode-se ver uma região ‘super habitada’ que tem como núcleo a Rua Portugal, onde ficam três casarões; na parte dois, são casarões que ligam a Rua 28 de Julho e Rua da Estrela; a parte três, sobe para o centro da cidade através da Rua do Sol, chegando até a Biblioteca Benedito Leite. Outras localizações fora do Centro Histórico também foram narradas - o Hospital Centro Médico²¹, (no bairro do Monte Castelo), o Instituto Médico Legal (na UFMA), o Centro Integrado Rio Anil (CINTRA), e o Porto do Itaqui. Com uma pluralidade de usos, ouvi uma pluralidade de manifestações – caixas eletrônicas que funcionam sozinhas; bebês que choram/mulheres que aparecem nas pousadas; bola de fogo que flutua na sala de aula; um sofá que despiam as roupas das pessoas; entre outras coisas.

²¹ Ouvi de ex-vigilante do necrotério do hospital. Curiosamente, ele vigiava os corpos dos mortos, para que não fossem roubados, e por vezes via *uma alma* sair do corpo.

	Quadro 1 - Movimento em casarões		Descrição das manifestações
Vigilantes	Outros funcionários	Casarões	
2	2	Casa de Nhozinho	Vento, ação de objetos e aparição
1	5	Casa da Festa	Sons (vozes), ação de objetos
4	4	Prédio de História UEMA	Vento, sons (passos, assobio/vozes), ação de objetos e aparição
1	1	Cafúia das Mercês	Sons (vozes), ação de objetos, aparição
1	1	Centro de Pesquisa em História e Arqueologia	Ação de objetos/máquinas
1	-	Centro Cultural Vale Maranhão	Sons (passos), aparição
1	1	Biblioteca Benedito Leite	Ação de objetos, aparição
1	-	Palácio das Lágrimas	Aparição, ação de objetos, vento
3	2	Museu Histórico e Artístico MA	Aparição, cheiro, ações de objetos, vento
2	2	Museu de Arte Sacra	Ação de objetos, sons (passos)
1	6	Casa do Maranhão	Ação de objetos
-	2	Morada das Artes	Aparição, sons (passos)
3	2	Arquivo Público do Estado MA	Ação de objetos/máquinas, sons (passos)

As narrativas circulavam com mais frequência entre os vigilantes que possuem vínculos de amizade e são da mesma empresa – assim, podem substituir uns aos outros em lugares diferentes, o que chamam de *tirar folga*. A prática obviamente acontece com o consentimento da empresa - se um vigilante precisará se ausentar em determinado dia, pode pedir para que um amigo o substitua em seu posto de trabalho. Dificilmente encontrei um vigilante que nunca tirou folga para outro, com exceção daqueles que estavam no começo da profissão e ainda não sabiam como funcionavam as coisas.

Dessa forma, um só vigilante pode ter trabalhado em vários casarões, mesmo que tenha sido por um dia/noite – tempo suficiente para que tenha uma experiência para contar a outros. Nas narrativas, havia também uma gradação de lugares ‘mais mal assombrados’. Três lugares são descritos como os mais ‘pesados’ para se trabalhar no Centro Histórico – Cafú das Mercês; Casa da Festa; e a parte do Sobrado do Barão de Grajaú (localizado na área do Museu Histórico e Artístico). Se possível traçar algo em comum entre esses lugares²², diria que estão associados a presença negra no Maranhão – incluindo a escravidão/suas diversas formas de sofrimento, e o culto a entidades de herança africana.

Na Casa da Festa, museu que contém um acervo vasto sobre religiões de matriz africana no Maranhão, ouvi de Chico (diurno) sobre gargalhadas vindas das peças no acervo. Alguns dias, risadas e cochichos como se fosse uma reunião de pessoas em festa. Era comum que as pessoas acionassem também outros contextos - principalmente histórias sobre entidades ou seres presentes na natureza. *Espíritos de escravos, mãe d’água, currupira, pomba-gira, ou demônios*, apareciam como uma lembrança vivida em cidades no interior do Maranhão, que eram relacionadas a existência (ou não) dos seres intangíveis do Centro Histórico.

O Cafú das Mercês é um pequeno sobrado de dois compartimentos, onde está organizado um acervo com focos nas heranças africanas relacionadas a arte e religiosidade. Há duas teorias na literatura sobre o que fora o sobrado anteriormente – um espaço para depositar escravos recém desembarcados; ou um anexo do Convento das Mercês que seria local de castigo para noviços que desobedeciam as regras (MARANHÃO, 2014).

No entanto, o museu fora quase sempre acionado por vigilantes e zeladores como um local associado a escravidão – “*O Cafú quando eu entrei eu senti logo que ali tinha uma coisa... É coisa de escravo ali*” (Herbert, zelador da Casa do Maranhão). Em meus registros, cinco vigilantes que conheci os quais já haviam trabalhado²³ lá, descreveram-no como um dos

²² O Cafú das Mercês e a Casa da Festa concentram acervos sobre religiões de matriz africana. O sobrado do Barão de Grajaú, como irei aprofundar no Capítulo 2, foi cenário de um assassinato trágico de uma criança escrava.

²³ Incluso a prática de tirar folga ou posto de trabalho fixo.

piores lugares para se trabalhar por conta de *vultos* e arrepios independente do turno da noite. Entre as coisas mais citadas sobre o Cafú das Mercês, estão as algemas de mãos e pés que eram utilizadas por escravos, as quais os vigilantes dizem ranger as correntes com muita força, como se alguém quisesse se soltar.

No meu campo exploratório, fui até a Casa da Festa, no intuito de reencontrar Camila – funcionária que já havia trabalhado em vários prédios na Praia Grande. Camila, compartilhou comigo várias situações que relacionam a presença negra com o Cafú das Mercês, ao relembrar o tempo em que trabalhou no museu, de 1992 a 2014. Na época, o museu era dirigido por Jorge Itaci, um dos mais conhecidos babalorixás de São Luís. Segundo Camila, o diretor tinha um cuidado em especial com uma pedra – onde acendia velas, que dizia amenizar o sofrimento naquele espaço. Por tratar-se de um museu pequeno, haviam poucos funcionários – um diretor, duas funcionárias, uma estagiária, e dois vigilantes. Seu Raimundinho, vigilante diurno, gostava de deitar para descansar após o almoço – colocava alguns papelões no quartinho dos fundos, ligava seu radinho, e relaxava de meio dia até umas duas horas da tarde.

Camila, compartilhou comigo duas experiências de Raimundinho quando fora incomodado em sua hora do descanso – a primeira, foi quando uma procissão de homens negros acorrentados passavam por cima de Raimundinho, indo em direção as velas colocadas na pedra por Jorge Itaci. O vigilante, assustado, contou a minha amiga que eram escravos enfileirados, e que enquanto passavam ele não conseguia se mover. Em outro momento, o segurança dissera que enquanto escovava os dentes, *alguém* abriu a torneira e jogou água com força em seu rosto.

Mesmo Camila tendo sensibilidades e ter por religião o espiritismo, viveu uma situação que a deixou bastante assustada no museu. Era tempo de férias, só estava Camila e uma estagiária em exercício - *“Eu que tinha a chave, era umas nove horas da manhã, cheguei, abri a porta da frente, a porta do meio, escondi minha bolsa ali mesmo e subi pra abrir a parte de cima”*. Quando chega no segundo pavimento, é impactada por uma voz, feminina, chamando seu nome vagarosamente - *“Ca...mi...la... Na hora senti um arrepio, e pensei vou cair, vou vomitar”*, contou enquanto tocava em sua barriga. Saiu do museu em desespero, sendo acudida pelo vigilante do casarão ao lado, em que funcionava a Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA). Após ter conversado com o vigilante, e a estagiária que havia chegado, Camila se acalmou. Porém, diz que por muito tempo não frequentou o segundo compartimento do museu, por não querer sentir novamente aquela agonia em seu corpo.

Durante a pesquisa, movida por tantos comentários sobre o Cafú das Mercês fui até lá duas vezes. O vigilante diurno, que já trabalhava no local há nove anos, descreveu um local

repleto de tranquilidade e paz²⁴. Situação semelhante acontecera com minha ida a Biblioteca Benedito Leite – fui indicada por um grupo de funcionários da Casa do Maranhão, mas fui recebida de forma incisiva por uma vigilante – “*Isso é lenda! Mito! Assombrações não existem. Aqui não tem nada*”. Essas situações, me fizeram pensar como as impressões que coletei também se desencontram – o museu, que era um personagem forte dos meus registros, mostrou-se dessa vez, como um lugar em que nada de extraordinário acontece; a biblioteca, nos meus arquivos cenário de aparições no subsolo, mostrou-se como um local de rotinas bem delineadas.

A partir as experiências descritas, considero que as narrativas provocam um deslocamento das noções de tempo/espço. Na circulação de pessoas e histórias, o tempo aparece como algo não linear. Em 2017 me narravam acontecimentos de 1989, 1992, 2008, 2016 ou qualquer ano anterior, como se os seres intangíveis ainda permanecessem lá – indicando os mesmos lugares que viveram a experiência, como se ‘novas pessoas’ pudessem relatar que sentiram manifestações semelhantes. Da mesma forma, eventos que ocorreram ‘semana passada’ ou ‘antes de ontem’, dão ênfase que os seres intangíveis permanecem no mesmo espaço – o que localiza as presenças intangíveis nos casarões – como as vozes que ecoam no segundo pavimento do Cafú das Mercês, ou as dançarinas no palco do Teatro Artur Azevedo.

Da mesma maneira, as narrativas que circulam são capazes de emprestar sentidos – as ações sentidas por quem não viveu o evento são também movimentadas; ruídos, ventos, sensações são caracterizados por terceiros. Através das histórias, pode-se perceber como os sujeitos estão inseridos nesse contexto – viver evento; narrar o evento; ouvir sobre o evento. Assim, as pessoas funcionam como transporte de narrativas - suas performances podem conectar realidades/experiências suas ou dos outros, com novos acontecimentos. De forma que, pessoas que não sentiram o *vulto* ou não viram o *espírito*, são trazidas para dentro a partir do momento em que se envolvem em narrativas e a repassam. Etnografia fantasma, refere-se a este conjunto de leituras emprestadas que estão aqui reunidas – memórias, sentimentos, experiências, e narrativas, que constroem percepções de realidade – dos meus interlocutores (eventos), minha (escrita), e de leitores (ilustração).

²⁴ Em outro momento, retornei ao Cafú das Mercês e conversei com o mesmo vigilante, que sem intenção, registrou uma fotografia de um espírito refletido no acervo, situação que retomo no Capítulo 2.

1.3 Sobre Vigiar Casarões

Ao entrar no fluxo de indicações de vigilantes para outros vigilantes/casarões, pude reunir algumas observações gerais sobre a profissão. O estado do Maranhão possui dois vínculos²⁵ com a vigilância dos casarões do Centro Histórico – os vigias, e os vigilantes. Os vigias, são funcionários diretos do Estado, enquanto os vigilantes, são funcionários de empresas terceirizadas que prestam serviço para o governo estadual. Com exceção de uma pessoa, minha pesquisa foi com os vigilantes contratados por empresas privadas.

Segundo alguns interlocutores, outra diferença entre os vigilantes e os vigias estaria no profissionalismo técnico – o vigilante faz um curso intensivo que dura de trinta a quarenta e cinco dias, em que aprende sobre defesa pessoal, comandos de uso de rádios, técnicas de tiro, legislação sobre segurança e legítima defesa. Enquanto os vigias são colocados como mais amadores, pessoas com a responsabilidade de avisar autoridades em caso de roubo, furto ou deterioração do patrimônio - não sendo vistos como alguém que interveem diretamente nestes casos. O porte de armas, depende da capacitação do segurança – e a obrigatoriedade delas depende do posto de trabalho. É normal que os vigilantes utilizem o fardamento da empresa, lanterna ou apito – em caso de trabalho armado, é obrigatório o uso do colete.

O vínculo empregatício dos vigilantes privados não me parecia estável. Entre os profissionais que conheci, embora atuassem por anos em um posto de trabalho, era comum que já tivessem trocado de empresa por uma ou duas vezes. O motivo das trocas, tem a ver com os contratos das empresas junto aos órgãos responsáveis, como secretarias (educação, cultura etc.) ou superintendências. Nesses casos, o vigilante tinha duas opções: 1. Ser absorvido pela nova empresa²⁶, numa colaboração entre os diretores do seu posto e desejo da nova empresa; 2. Ser trocado de posto de trabalho, caso deseje permanecer na empresa e possua outro local disponível. Não é raro, as instituições que os vigilantes trabalham requerer que permaneçam em seus postos – afinal, após anos de serviço, o segurança já conhece a dinâmica da instituição, sendo uma pessoa de confiança.

Alguns profissionais pareciam bastante satisfeitos com seus empregos de vigilante, dizendo não se imaginar fazendo outra coisa. Outros, pensavam em sair para algo mais estável, como concursos ou fazer uma faculdade. Nessas conversas, falavam-me algumas vantagens da

²⁵ Estima-se que a partir de 2008, tornou-se vinte e quatro horas na maioria dos casarões. Que eu tenha conhecimento, algumas capelas continuam com o serviço apenas noturno.

²⁶ Ser absorvido rende ao vigilante todos os seus direitos de acordo com as normas da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT).

profissão – dando destaque para o auxílio alimentação, plano de saúde, e o direito a uma aposentadoria especial com vinte e cinco anos de contribuição.

As formas de entrada na profissão são variadas, os cursos de vigilância foram narrados como oportunidades de ter um vínculo empregatício de carteira assinada. Alguns, de maneira accidental – *“nunca imaginei que iria pegar numa arma um dia!”*, contou-me a vigilante de uma escola pública que havia sido contratada como faxineira, mas a vaga requisitada era para vigilância. Neste caminho, ouvi bastante sobre o trabalho e personalidade de vigilantes – alguns descritos como preguiçosos, que dorme durante todo o seu turno (em caso da noite); outros, paqueradores e insistentes em dar cantadas em mulheres, (principalmente com as estagiárias de museus); ou, os casos raros dos vigilantes traiçoeiros, para referir-se a profissionais que trabalham em lojas ou supermercados e estão associados a furtos²⁷ nesses lugares.

Segundo os vigilantes, cada posto de trabalho determina sua dinâmica de funcionamento. O processo de chegada requer descobertas - um bom lugar de descanso, possibilidades de cozinhar o próprio almoço no trabalho, atividades que lhe cabem como registrar entrada de pessoas, guardar pertences, ou dar informações, de acordo com as especificidades do posto de trabalho.

Descobrir como funciona a ‘área’ é parte essencial do bom desempenho de um vigilante – conhecer os arredores e sua rotina, como a presença de vendedores, pedintes, meliantes, usuários de crack, flanelinhas, e outros passageiros cotidianos. Manter a boa relação com as possíveis ameaças aos casarões, me foi dita como uma das escolhas mais sábias – dialogar com os usuários de droga quando estão em bando; tratar com respeito os meliantes que podem depredar ou pichar as casas, são atitudes que garantem a segurança de si mesmo, um importante princípio da vigilância.

Durante a noite, os cuidados devem ser redobrados. As ruas escuras favorecem sujeitos mal intencionados, e o vigilante molda técnicas para guardar a si mesmo e o patrimônio. Seu Márcio, funcionário do Museu de Artes Sacra agregado a parte da Igreja da Sé, aprendera, que só se faz a *ronda*²⁸ no escuro e no silêncio - *“a gente tem que andar em silêncio, e também não é onde você anda tá clareando tudo pra todo mundo ver, não. Por que quem tá lá atrás já sabe onde você tá passando”*, explicou-me que um bom vigilante traça estratégias.

²⁷ Dois casos me foram narrados - o vigilante que vigiava uma construção, e roubou cimento e areia; e o vigilante que furtava pequenas porções de ração de supermercado para o seu cachorro.

²⁸ Fazer ronda é vistoriar os compartimentos do posto de trabalho, sondar movimentos inesperados, que possivelmente sejam ameaças.

Com a ausência do movimento de pessoas, os ruídos e movimentos tornam-se mais evidentes. Nos casarões, diversos barulhos são apreendidos pelos vigilantes - ratos, pombos, gatos, humanos, ou *visagens*, são identificados ao decorrer da convivência com o posto de trabalho.

Seu Márcio, há quase trinta anos na profissão, quando chegou ao museu foi ‘avisado’ por seus colegas sobre as *visagens* do lugar. Na Igreja da Sé, o guarda destaca que possuem dezessete corpos de bispos enterrados no local. Comparou o trabalho do vigilante a um goleiro de futebol – é responsável pela ‘grande área’ e precisa sair decidido para pegar a bola – “*Com medo ou sem medo, mas tem que ir lá*”, completou. Seu Márcio, entende que os casarões históricos exigem outras técnicas de vigilância:

As coisas acontece e a gente não sabe explicar né? Numa igreja dessa, eu não vou ali ver um batido por que pode ser visagem né? Mas como também pode não ser visagem... Pode ser um humano né? Pode ser um vivo né? Eu não saio do meu lugar por que os mais velhos falam que a noite é velha né? É noite de quem não tem seu sossego tá fazendo sua obrigação. Doze horas, doze e meia, fico quietinho no meu lugar. Por que também esse mundo é composto de tudo, nós que não sabe né? (Registro de campo, novembro de 2017).

Não raro, através da circulação de pessoas e narrativas, um vigilante recém chegado era avisado por seus colegas – vozes que vem do poço, *vultos* debaixo da escada, ou outras manifestações, comumente eram indicadas como forma de alerta para os novatos. Seu Chico, que vigiava a Casa da Festa, quando chegou ao museu foi bem orientado por seus colegas – “*Na hora que tu for fazer tua ronda, tu te benze*”, me contou. Atuando como segurança há mais de quarenta anos, compartilhou que nunca havia pensado que esse conselho faria sentido: - “*Na hora que a gente entre nesse prédio, a noite, sozinho, a sensação é que tem alguém nos observando. Não dá pra falar pra outra pessoa o que acontece no nosso plantão, por que acham que a gente tá com medo, mas não sabe o que aconteceu*”, me explicou. Até que se acostumasse, Seu Chico se incomodava com as gargalhadas e cochichos de *espíritos*, pensando ser um grupo de ladrões – logo, pegava sua lanterna, posicionava sua arma, se benzia, e seguia para fazer uma ronda pelo museu.

Nesse sentido, como sujeitos dotados de sabedoria, conselhos e experiências – os vigilantes são tidos como bons narradores (BENJAMIN, 1987):

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer (BENJAMIN, 1987, p. 221).

Pode-se pensar que os vigilantes do Centro Histórico compõem um acervo de narradores e narrativas – que são tecidos e alimentados por eles. As experiências desses sujeitos terminam por ser comunicáveis (BENJAMIN, 1987) – têm influência sobre os ouvintes; orienta e aconselha os seguranças que chegam; e constroem emaranhados criativos (INGOLD, 2012). A partir das surpresas surgidas na guarda do patrimônio da cidade incorporam novos olhares nas técnicas de vigilância – Como distinguir o som de um humano ou um espírito? Como apreender a dividir espaços? A partir do encontro entre pessoas e seres intangíveis, o vigilante inicia um processo de reconhecer diferenças e arranja formas de lidar com elas. As armas de fogo tornam-se ineficazes, compartimentos ganham donos, e seres intangíveis ganham forma – singularidades, nomes, territórios, e comportamentos, que são percebidos pelos humanos – como apresentarei no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2: ENCONTROS COM O TANGÍVEL

“Tem gente que não dorme nesses casarão não! Tu duvida?!
Como é que tu duvida? Todo lugar tem dono!”
Seu Camafeu, Alcântara 2018.

2.1 Os *amiguinhos*: *vultos* que dançam, cantam, correm e sorriem

Prédio de História da UEMA

Era por voltas de umas quatro da tarde quando cheguei no Prédio de História da UEMA. Foi recomendado por graduandos em história, que conheci nos museus Casa da Festa e Casa de Nhozinho, disseram-me que eu precisava conversar com um dos vigilantes, popularmente conhecido como D30. Um homem negro, alto e forte, bastante carismático e conhecido por todos no casarão. Quando apresentei-lhe minha pesquisa, não hesitou em me corrigir sobre utilizar as palavras vigia e vigilante como sinônimos, explicando a diferença entre os dois, e disse ser vigilante com orgulho.

Localizado na Rua da Estrela, poucas informações tive sobre o que era o sobrado anteriormente. Após uma reforma lenta e cautelosa, a inauguração como prédio pertencente ao curso de História da UEMA aconteceu em 2013²⁹ - resultando numa estrutura de excelência para o curso, com capacidade para abrigar salas de aula, núcleos de pesquisa, e auditórios espaçosos. O movimento de pessoas terminava com os finais de tarde. As aulas acabavam, professores e alunos deixavam o prédio, por vezes, alguns zeladores permaneciam para concluir alguns reparos, restando apenas os vigilantes - que alternavam o turno as sete horas da noite e sete da manhã, todos os dias.

A vigilância, era composta por quatro guardas – dois diurnos, e dois noturnos, que por recomendação da empresa, não precisavam trabalhar armados, utilizando somente o fardamento e um apito. Aproximei-me bastante de D30 (diurno), e através dele troquei conversas com Alberto (noturno). Os dias de campo se tornaram agradáveis – quase sempre eu era incluída em conversas entre D30 e outras pessoas – visto que era um homem muito bem relacionado.

²⁹ O portal de notícias G1 Maranhão fez uma reportagem sobre a inauguração do prédio e sua longa reforma, disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/jmtv-1edicao/videos/v/apos-10-anos-de-reforma-predio-de-historiada-uema-e-entregue/2899403/>.



Figura 3. Prédio de História da UEMA

Conhecendo *Amiguinhos*

D30 me cumprimentou como sempre, sorrindo e apertando minhas mãos. Falamos sobre o dia que nos encontramos no arraial que acontecia numa das praças na Praia Grande, quando ele me apresentou para um amigo. Contou-me que foi para o samba com alguns amigos, e terminou seu relato dizendo ter sido *uma noite daquelas*, dando a entender ter se divertido bastante. Ficamos falando sobre rodas de samba por São Luís, e me dou conta que não conheço tanto quanto imaginava – “*Já foi no samba do peixe no Caratatiua? O samba no Bar da Dalva entre a Cohab e o Cohatrac também é bom!*”, assenti que não conhecia nenhum, enquanto ele completou que eram ótimos, por serem sambas que acontecem no meio da rua.

Dona Nazaré passou por nós, segurando um balde, enquanto D30 gritou para ela – “*Dona Nazaré, tem alguma novidade dos amiguinhos?*”, ela vira para nós com tom raivoso e exclama - “*Tá repreendido!*”. Ela retornou e parou onde estávamos. D30 estava sentado com

as mãos na mesa de madeira, que posicionava próximo de uma das portas do casarão. Eu estava em pé, por opção, pois ele havia me oferecido um lugar para sentar.

Dona Nazaré trabalhava na Faculdade de Arquitetura e por vezes aparecia no Prédio de História, conversava conosco, pegava alguns materiais de limpeza e retornava para seu trabalho. D30 nos apresentou formalmente, falou da minha pesquisa, perguntou se ela teria algo que eu poderia registrar. Num misto de tutorial com monólogo, Dona Nazaré começou a falar em tom bem alto sobre o poder de Deus em sua vida: “*Mal nenhum chega perto de mim! Aqui ó, (aponta para a rua) esses casarão que tem negócio de pomba gira, essas coisas, isso é só coisa do capeta!*”, exclamava fortemente dirigindo olhar a mim.

Falava sobre demônios e afirmava que com ela não acontecia nada, pois era “*firme na presença de Deus*”. Eu cogitava a possibilidade de tê-la ofendido de alguma forma, devido à firmeza em sua fala. Maria, outra zeladora, se juntou a nós para ouvir o discurso de Nazaré, que parecia interminável. Enquanto isso, cochichou comigo que estava trabalhando no casarão por cerca de um ano, e que começara a acreditar nessas coisas desde o dia em que varria o último pavimento, e viu uma pessoa passando pelo corredor enquanto as madeiras estalavam.

Dona Nazaré parecia se despedir. Antes de ir pegou em meus ombros e me disse o que fazer caso um dia eu encontrasse um *vulto ou demônios* em minha pesquisa:

Vá até um banheiro com espelho e diga ‘Senhor me cobre com teu sangue me faz invisível aos olhos do maligno’ entendeu? Pois, eu, Nazaré, faria isso. De coração amiga, bom final de semana, que essa semana seja uma semana maravilhosa, tá? E muita proteção do espírito santo na vida de vocês! E quando sentir esse vulto? Tá repreendido em nome de Jesus! É só orar! (Registro de campo, agosto de 2017).

Se despediu de nós e saiu com o balde e o desinfetante que viera buscar. Ficamos conversando sobre a forte orientação dela ao dizer incisivamente que tratavam-se de *demônios*. Eu, D30 e Maria, concordamos que não seriam *demônios*, e entramos num consenso sobre referir-se a eles como *espíritos*, apesar de D30 insistir em chamá-los de *amiguinhos*. Maria comentou novamente sobre o vulto que passara por ela, e disse que sentiu vontade de pesquisar sobre esses casarões antigos e o que acontecera neles.

Outro funcionário da limpeza, se aproxima de nós, compartilhando que também conhece o vulto do último pavimento – “*A vontade era de me jogar lá de cima, só de medo!*”, enquanto gargalhamos imaginando. D30 começa a chamá-lo de medroso exagerado, Maria volta aos seus afazeres subindo as escadas. Eu, lembro que planejava ir até a sala da coordenação do curso, ver as possibilidades de cursar uma disciplina como aluna especial. Enquanto eu subia as escadas, o amigo de D30 gritou: “*Cuidado aí! Esse horário tu pode ver alguém aí em cima!*”,

eu sorri respondendo que era só *repreender em nome de Jesus*, como havia sido orientada por Dona Nazaré.

A sensação que o Prédio de História me trazia era de que qualquer pessoa que lá convivesse poderia sentir um *vulto*. Vigilantes, zeladores, alunos e professores em algum momento, contaram-me sobre *energias* que sentem no lugar – que parecem ser mais recorrentes naquele horário taciturno entre o dia e a noite, a partir das seis horas. D30, na época, trabalhava no casarão há dois anos e três meses, tendo iniciado suas atividades à noite. Em seus primeiros dias, relatou já ter sentido de imediato que estava sendo vigiado por alguém - se subia as escadas, ouvia passos ecoando na madeira lhe acompanhando; se ficava à vontade com os pés apoiados numa cadeira, não tardava para que um sopro no ouvido lhe colocasse alerta; lembrou com cuidado da sua chegada em 2015, frisando que *as primeiras vezes dá medo*.

O poço, as crianças, e as mulheres

D30 me avistou na rua e acenou para mim. Neste dia, me apresentou a Beto, vigilante noturno do prédio, que estava acompanhado por seu filho de oito anos, chamado Miguel. Ficamos conversando na calçada, D30 como sempre empolgado, dizia que agora Beto poderia confirmar as coisas que já havia me contado. Beto pergunta a D30 se eu já sabia sobre o poço, dou a entender que não – então decidem que vão me mostrar. Beto entrou no casarão, passou da escada à direita, pegou um chaveiro do bolso. Era meio-dia, não percebi muita movimentação de pessoas no casarão. D30 exclamou animado – “*Não vai ficar com medo!*”, eu sorri, dizendo que esse clima de surpresa não colaboraria para isso. Eu andava mais atrás. Segundos depois, me dou conta que Miguel estava logo atrás de mim. Assim que Beto abriu a porta, reconheci que era o auditório do prédio – que eu só havia entrado pela porta principal.

Estávamos nos fundos do auditório, estava escuro até que ligaram as luzes. Na parte em que estávamos dava acesso direto ao balcão de madeira – onde os palestrantes normalmente fica em eventos acadêmicos, de frente para o público. Os vigilantes se agacham próximo ao balcão de madeira, para me mostrarem um poço. “*É daqui que vem os barulhos do Dia de Finados*”, adianta Beto. O poço tinha molde de concreto, e aparentava ser raso. Tinha água não tão transparente, mas razoavelmente limpa. Naquele momento, começaram a descrever *eles*. “*É por Finados, quando chega perto de Finados eles vem muito pra cá*”, explicou Beto. O vigilante ouvia uma garota chorando, ou uma pessoa lavando roupas de dentro do poço – esfregava, e molhava as roupas, lembrando as pessoas que colocam tábuas em beiras de rio.

Ficamos nós quatro ao redor do poço, olhando a água inerte entoados por um silêncio reflexivo. “É daqui de dentro que vem os barulhos, alguém lava roupa aqui. É tipo aquele som de água escorrendo em lavanderia”, completou.

Beto começou a contar uma história que ouviu dos seus parentes mais velhos que moram em uma cidade no interior do Maranhão. Era sobre uma criança que foi assassinada a tiros, e que desde então, as pessoas ouvem o lamento da criança no local do ocorrido, como uma *maldição*. “Essa água tá aí há tanto tempo, sei lá se não é amaldiçoada também”, continuou. Sentei ao redor do poço. D30 ajeitava alguma coisa em pé. Beto pergunta a Miguel se já tinha ouvido alguma das coisas que havia mencionado, nos dias que acompanha o pai no trabalho. O menino responde que sim – ouvia os passos nas escadas, ou seja, o garoto já tinha esbarrado com os *amiguinhos*.

As experiências dos dois vigilantes, acredito evidenciar relações de restrição/negociação entre pessoas e seres intangíveis. A partir deles, apresentarei os *amiguinhos* – quem são, quando aparecem, o que os identifica; e quais são as estratégias traçadas pelos vigilantes para conviver com eles – elementos que resgato no próximo capítulo.

D30 me contou que antes, naquele sobrado³⁰, já havia funcionado um armazém de açúcar, residência, e parece-me que uma pousada. Enquanto o casarão estava em reforma para abrigar o curso de história, um vigilante misteriosamente faleceu em turno. Contaram-me que ele estava sozinho no prédio, e foi dado como causa da morte um infarto. As aparições dos *amiguinhos* são notadas no casarão quando chegam novos vigilantes – a narrativa da morte repentina no prédio, e provavelmente, outras mortes no passado, é acionada como elemento de ‘estranheza’ do sobrado. D30, teve suas primeiras experiências assim que chegou naquele posto – quando trabalhou a noite. Nas escadas de madeira, contou ter duas crianças:

D30 - Mas eles nunca me fizeram nenhum mal, isso é uma forma de dizer que estão presentes...

Eu- Eles?!

D30 - São dois meninos que ficam ali na escada! Tem gente adulta também, são os amiguinhos! Final de semana aqui não tem ninguém no prédio, o prédio fica silencioso... E você percebe que tem alguém correndo nas escadas. As escadas são de madeira né e você sente alguém correndo! São dois meninos...

Eu – Dois meninos?

D30- Dois meninos! Eles não deixam eu olhar eles, eles só correm... (Registro de campo, maio de 2017).

Por outro lado, Beto, também sente alguma presença próxima as escadas. Mas não da mesma forma que D30. Os dois vigilantes concordam que os *amiguinhos* habitam em locais

³⁰ Como já mencionei, obtive poucas informações sobre o casarão que abriga o Prédio de História da Uema. Dessa forma, sem dados oficiais, considere as informações dadas por meus interlocutores.

específicos – gostam da aba esquerda da casa, próximo as escadas (a esquerda); o último pavimento aonde passeiam em forma de *vultos*; da mesma forma, apreciam certos horários – aos sábados, domingos e feriados, a partir das seis horas da tarde; adoram pouco movimento e escuridão.

Beto, chegou a ver um deles, assim que chegou para trabalhar no prédio, em 2013. Descreve a sua primeira noite como traumática. Estava no segundo pavimento, assistindo televisão com a porta aberta. Uma cadeira arrastou. Pensou ser o vento, então fechou a porta. Alguns segundos depois, um homem, negro, trajando camisa roxa e calça social preta, estava sentado na cadeira que havia arrastado, olhando seriamente para ele. Beto num impulso rápido cobriu-se com um lençol e começou a orar. Sua oração foi até o amanhecer quando seu colega chegou para que trocassem o turno. Desde então, nunca mais passou turnos nesse mesmo compartimento, migrando a televisão e o colchão fino para o andar de baixo, do lado direito do prédio.

Em algumas datas específicas ou épocas do ano é mais fácil encontrá-los: Dia de Finados, Natal, mês de Junho próximo as datas festivas de São João – foram momentos descritos como provável que apareçam. Em especial, o Dia de Finados, feriado de cunho religioso de homenagens aos mortos, foi cenário, por dois anos consecutivos, das experiências de D30:

D30 - Uma dessas experiências que eu tive aqui... Foi no dia de Finados... Eu tinha comido um churrasquinho né, minha janta né, e saí aqui perto pra comprar um refrigerante. Na minha volta eu entrei, fechei o prédio... Ao meu deitar, eu senti que alguma coisa deitou junto comigo.

Eu - Onde que foi isso, ali nesse andar de baixo?

D30 - Isso, aqui embaixo. Na hora que eu deitei né, eu senti que alguém deitou junto comigo.

Eu - Do teu lado?

D30 - Não, não, junto comigo. Era uma presença que tava junto comigo, com meu corpo físico. E aquilo me incomodou, eu me levantei, encostei naquele portão... Tipo assim, eu vim com ele, ele veio comigo, deitou comigo... Aquilo tava me incomodando que eu tava sentindo aquela energia... E aí, o que era... saiu (Registro de campo, junho de 2017).

O vigilante narrou que foi uma das piores vezes que encontrou os *amiguinhos*. A presença que lhe acompanhava aquela noite causou um mal estar físico. Comentou com Beto e outros colegas, e no ano seguinte (2016, já tendo migrado para o diurno) para fins de comprovar que era um dia atípico no trabalho, levou duas caixas de velas para o trabalho no Dia de Finados:

D30- Eu pude comprovar isso, era dia de finados eu trabalhando aqui, acendi duas caixa de velas. Elas, tipo assim, acabaram rápido! Tipo assim, é como eles tivesse recebido né, aquela luz.

Eu- E por que que você acendeu a vela?

D30- Porque era finados, acender as vela né!

Eu- Você acendeu duas caixas?

D30- *Na área, aqui (andar de baixo próximo a escada lado esquerdo), e elas VUP! Rápido! Os mais velhos falavam que quando você acende uma vela e ela é aceita, ela se acaba rápido, é consumida...* (Registro de campo, junho de 2017).

Apesar de sentirem as presenças de formas diferentes, os dois vigilantes concordam sobre o Dia de Finados. Feriado nacional, os vigilantes ficam sem a companhia habitual que faz o plantão passar mais rápido. Concebido como um dia em que lágrimas são permitidas, no casarão silencioso os *amiguinhos* também choram – quase sempre crianças. As velas trazidas por D30, foram recebidas/aceitas por eles com sucesso, como um agrado oferecido pelo vigilante. Beto, também mencionou seus ‘Dias de Finados’, dizendo ter sempre um choro de uma menina - “*A gente ouve aquele choro, um choro assim... que parece de uma menina de uns doze a treze anos de idade, que apanha ou é judiada*”, falava pensativo. Além da mulher que lava roupas no poço, da adolescente que chora e das crianças, Beto ouve elementos do que parece ser uma festa:

Beto - *Quando vai chegando perto do Dia de Finados, aí eu já escuto as pisadas nas escadas. Subindo! Alguém subindo as escadas! Aí eu caminho fazendo zuada, e na minha frente a zuada continua certo? Aí eu vou batendo as mãos nas lâmpadas pra acender! Aí eu vejo assim, um vulto, tipo uma pessoa, passando da cozinha pro banheiro...*

Eu – *Lá em cima?*

Beto – *É, lá em cima. É sempre assim, uma pessoa com os traços de mulher. Quando chega perto do Dia de Finados eles vem muito pra cá. Tipo assim, dançando entendeu?!*

Eu – *Dançando?*

Beto – *Eles cantam, bastante voz. É tipo um tambor... é tipo, de gente negra né. Tipo afro né. Eles cantam, aí depois eu chego paro, com coisa que não tem ninguém, com coisa que é imaginação da minha cabeça, que eu tô inventando... Mas tem! Pode perguntar para a moça que vende hambúrguer! Ela não me deixa mentir!* (Registro de campo, junho de 2017).

A festa descrita por Beto, resgata algo já mencionado sobre a presença negra nos casarões. Aqui, os negros parecem celebrar em festa, diferente da procissão de acorrentados descrita por minha amiga Camila (capítulo um). Quando estava escuro, ou falta luz, *eles* se manifestavam. As formas de aparição mais comuns eram os *vultos* de poucos segundos e os passos na escada. De vez em quando, os *amiguinhos* costumavam abrir ou fechar janelas ou portas – normalmente na chegada dos vigilantes ou eles abriam alguns compartimentos (salas principais, área de copa/cozinha etc.), ou fechavam compartimentos, então os *amiguinhos* costumavam abrir aquela janela ou porta que já teria sido fechada, ou fechar aquela porta que já teria sido aberta. Dona Teresa, a vendedora de hambúrgueres que se aloca em frente ao casarão às sextas-feiras, era sempre acionada por Beto como uma testemunha – se eu quisesse confirmar sobre aparições, choros ou tambores, segundo o segurança, ela poderia confirmar por

já tê-los visto e perguntado a ele. A moça já teria batido nos portões do prédio no turno de Beto uma vez, para perguntar-lhe o que estava acontecendo lá dentro – já que ouvia um barulho incessante de tambores vindo de lá.

Sobre suas orientações religiosas, D30 e Beto dizem ser católicos. D30 se considera católico, mas não praticante da religião. Ele comentou várias vezes sobre as experiências no trabalho terem aguçado suas noções de espiritualidade - *“O pessoal chama de assombração, isso pra mim não assombra ninguém, eu acho que o que assombra mesmo é a maneira como você trata aquilo. Não sei, alguns só querem fazer um aviso, outros só querem aparecer mesmo”* diz. Quando narra suas vivências no casarão as pessoas sempre questionam se não teria uma *“veia umbandista”*, no entanto, diz que seu corpo não é aberto para coisa nenhuma, e apenas tenta respeitar o espaço e suas presenças:

D30- *No meu ponto de vista são espíritos que vagam ainda por esse prédio. Tem muitos que não desapegam tá entendendo?! Acaba que, todo tempo, tá presente no espaço. Eu, no começo assim... foi chocante. Aquela coisa assim de sentir medo, medo de querer sair correndo... Você tá só no prédio e você se depara com outra pessoa que... Como? Graças a Deus a mim nunca fez mal, nunca tentou me atacar, tá entendendo? É uma forma de dizer que tá presente. Presente não materialmente, espiritualmente... Eu não sei se quer manter contato, eu não sei se quer avisar alguma coisa, eu não sei o que ele quer comunicar... (Registro de campo, abril de 2017).*

Ao mesmo tempo que sente um pouco de medo, diz também sentir raiva, visto que várias vezes tentava cochilar em turno e era acordado por alguém passando - *“Em fração de segundos, quando arregala o olho já passou! Não aproveitou, não viu! A câmera não pega nada, é só pra te aporrinhar e tu não dorme mais!”*, falava sorrindo de que os *amiguinhos* pareciam se divertir perturbando seu sono. Segundo D30, um *vulto* dura entre dois a três segundos – é uma presença passageira, quando passa por ele, sopra seu ouvido e arrepia sua pele. Na hora em que acontece fica assustado, mas, depois sempre se flagra sorrindo dessas experiências: *“Ou você se acostuma ou não vai trabalhar em lugar nenhum! O que fica pra você é só o medo, o susto e a vontade de correr! É bom, depois a gente sorri”*, comentava enquanto eu sorria, dizendo que não saberia como reagiria no seu lugar.

Sobre a religiosidade de Beto, diz católico, mas ter tido fases em igrejas evangélicas. Nunca cogitara que fossem demônios, como Dona Nazaré, a zeladora evangélica que mencionei no começo do capítulo, e sim, espíritos de já falecidos. Acreditava que os *amiguinhos* podem ser pessoas que viveram naquela residência antigamente, estariam vigiando a casa – *“Aqui já foi residência e pode ser alguém que veio visitar, passear, ver se tá no lugar”*. Não omitia o medo que sentia dos *amiguinhos*, afinal, sua primeira noite deixou sequelas. Por ficar muito agoniado com as presenças, procurou ajuda de Denílson (o outro vigilante noturno na época) e

orientações num centro espírita. Não tive oportunidade de conversar com Denílson por conta de sua saída da empresa, mas segundo Beto, ele tinha como religião o espiritismo, e dizia que *aquele homem* visto por Beto já havia saído do casarão. Não entrou em detalhes sobre o centro espírita, apenas disse que conversou com uma das lideranças espirituais: “*Quando eu procurei o Centro Espírita, me falaram ‘não te preocupa que eles não vão mexer contigo, pode trabalhar numa boa, chega, ora, acende uma vela pra eles’*”, e assim Beto fez. Quando entrava no casarão para mais um turno, se acostumou a dizer aos *amiguinhos* – “*Eu sou de bem, tô chegando, me deixem trabalhar em paz!*”, criando uma espécie de mantra ao entrar para mais uma noite. Por algumas vezes, diz também já ter levado velas para o trabalho, quando se aproximam os dias mais *pesados*, como o feriado de finados.

Como já mencionado, as experiências no Prédio de História da UEMA não se restringiam aos vigilantes. Zeladores e funcionários administrativos já haviam encontrado os *amiguinhos*: ouvido seus passos na escada ou visto como vulto num corredor. Os vigilantes e zeladores brincavam chamando uns aos outros de medrosos ou frouxos quando narravam alguma coisa que haviam vivido recentemente. Ao decorrer da convivência com o casarão, Beto e D30 se acostumaram e moldaram estratégias para conviver com as companhias que encontraram - não ficar do lado esquerdo do prédio; não ir para o último pavimento depois de determinados horários; falar aos *amiguinhos* para deixar trabalhar em paz; levar velas em Dia de Finados.

Infelizmente, Beto e D30 foram substituídos no final de 2017. No começo de 2018 conheci Franciele e Pedro, dois vigilantes diurnos novatos. Inexperientes, em seus primeiros empregos, julgavam não ser de grande ajuda para minha pesquisa. Pedro, com quem conversei apenas uma vez, disse-me uma coisa interessante sobre seu primeiro turno – estava sozinho por ser feriado, e ouvira um som, como um sussurro de uma música, vindo do último pavimento; foi até o local, percebeu uma janela aberta e fechou. Nesse mesmo dia, precisou fechar a janela três vezes, por que *alguém* insistia em abri-la de novo.

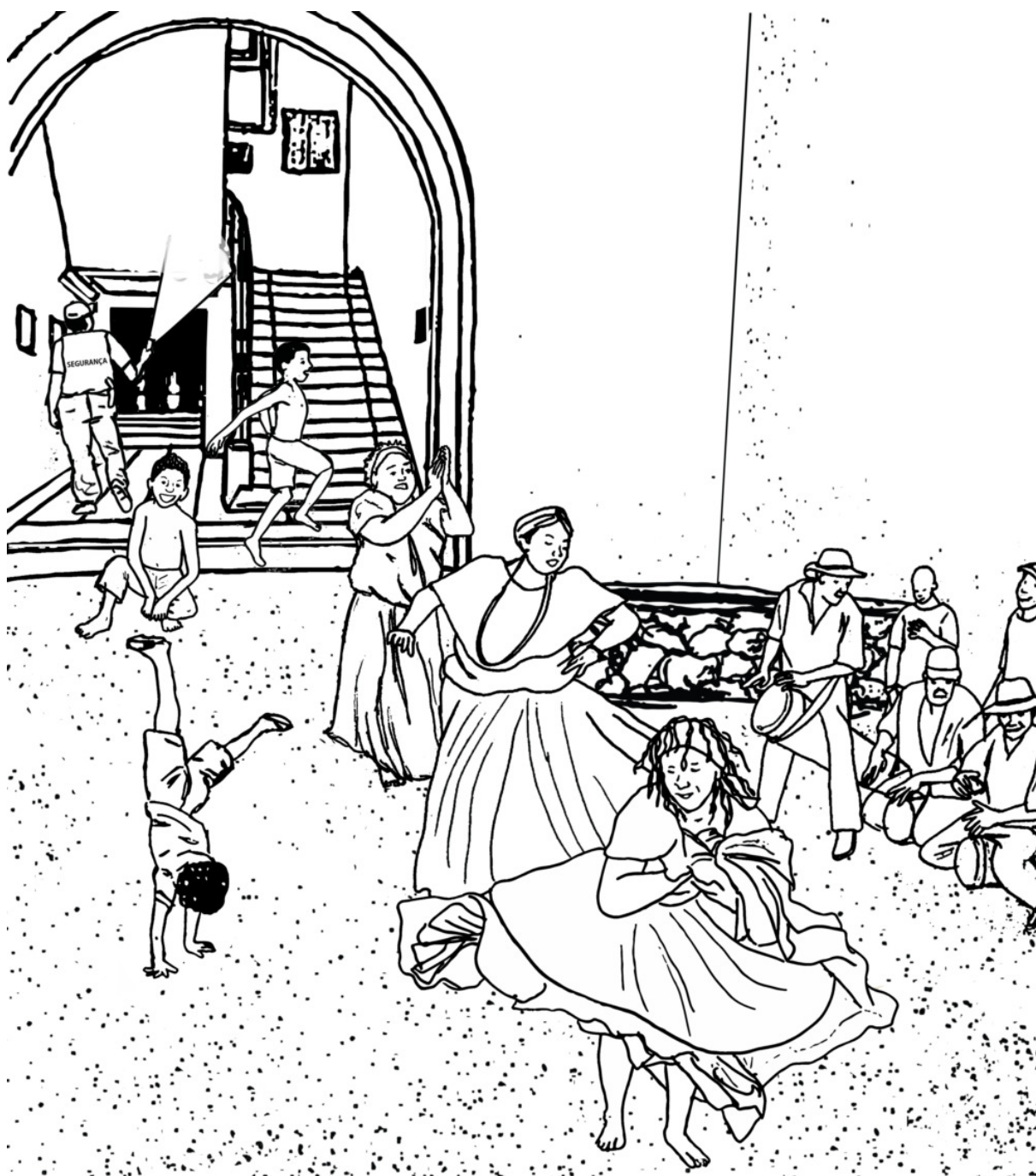


Figura 4. 'Os amiguinhos' (Ilustração).

2.2 O perfume da Baronesa

Museu Histórico e Artístico

Localizado na Rua do Sol, o Museu Histórico e Artístico é também conhecido como Solar Gomes de Souza. Trata-se de um edifício do século XIX, construído em 1836 pelo major Inácio José Gomes de Souza. O casarão foi comprado da influente família Colares Moreira em 1857 e em 1918 foi vendido para José Francisco Jorge - um dos acionistas majoritários da Fábrica de Tecidos Rio Anil (MARANHÃO, 2014). Em 1967 o prédio foi comprado pelo Governo do Estado com a finalidade de tornar-se um museu.



Figura 5. Museu Histórico e Artístico do Maranhão³¹

O Museu possui dois pavimentos, e um espaço vasto bem distribuído entre duas casas principais – área administrativa e acervo; e jardim, galeria artística, e o sobrado do Barão de

³¹ Colagem de fotografias minha – fotografia à esquerda, e à direita abaixo oficiais; a fotografia à direita acima é minha.

Grajaú³² (à direita acima) - que por muitos anos abrigou o Museu de Arte Sacra. O jardim recheado de plantas separa esses dois espaços – uma área com bancos, e bustos de personalidades maranhenses, onde turistas comumente apreciam tirar fotografias.

O Sobrado do Barão de Grajaú é um local marcado por um crime que ficou conhecido no Maranhão como ‘Crime da Baronesa’. A baronesa, conhecida por Dona Anna Rosa foi processada por homicídio, causando repercussão nacional pelo grotesco assassinato de uma criança por uma notória mulher da aristocracia social – “Três contusões na cabeça, com derramamento cerebral; feridas e equimoses em todos os membros do corpo e até sinais de rupturas no reto, provocada (ao que se disse), pela introdução de um garfo no ânus”. Assim foi descrito³³ o corpo de Inocêncio, escravo de 8 anos de idade, assassinado em 1876 no casarão que hoje abriga o Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

O MHAM ocasionou a criação de três espaços culturais - Museu de Artes Visuais, Museu de Arte Sacra, e Cafú das Mercês (Museu do negro) - todos sob sua responsabilidade administrativa, e surgidos do seu acervo de exposições. Aberto de terça-feira até aos domingos, o museu cobra uma taxa simbólica de cinco reais para entrada de visitantes. Seu acervo expressa uma bela e extensa casa histórica do século XIX. Pedras de cantaria, poço que servia para abastecimento das residências, ao lado direito um teatro – com nome de Apolônia Pinto em homenagem à atriz maranhense nascida em um dos camarins do atual Teatro Artur Azevedo. Salas de estar, quartos, móveis, louças são apresentadas na visita guiada junto a informações de seus antigos moradores.

Por ser um casarão extenso, no MHAM trabalham oito vigilantes armados- quatro dedicados a área do museu em funcionamento, e quatro dedicados ao sobrado do Barão de Grajaú, sendo dois diurnos e dois noturnos em cada. Os vigilantes do museu histórico são responsáveis por guardar as chaves de dois lugares que tem apenas vigilância noturna – a Capela de São José das Laranjeiras e Capela Bom Jesus dos Navegantes.

³² Desde 2014, com a mudança do Museu de Arte Sacra para a Igreja da Sé, o sobrado é um espaço para abrigar a reserva técnica do MHAM - consiste em um local destinado a garantir a preservação de acervos museológicos que não estão em exposição no momento.

³³ Descrição registrada no inquérito policial que foi aberto em 1876 contra Dona Anna Rosa Viana Ribeiro, esposa de Carlos Fernando Ribeiro, intitulado Barão do Grajaú por Dom Pedro II. Mais informações disponíveis em: <http://www.memorial.mppr.mp.br/pagina-123.html>.



Figura 6. Alguns compartimentos do MHAM³⁴

Na figura 6, acima à esquerda, está a mesinha de madeira e cadeira branca, onde normalmente ficam os vigilantes. Quando visitei o acervo, recomendaram-me conversar com Amaro, que tornou-se um dos seguranças mais antigos, após Seu Quentin aposentar-se. Naquele dia, terminei por conhecer Leôncio, vigilante que alterna turnos com Amaro. O script de nossa conversa começou com o velho cartão de visita de vigilante do Centro Histórico – *“Soube do vigilante do Museu de Artes Visuais que saiu correndo?! Já faz anos mas...”*, e assim continuava, afirmando não duvidar que aconteça, mesmo que com ele nunca tivesse acontecido. Contou-me sobre a engenhosa Baronesa de Grajaú e o assassinato que constitui o marco do casarão – *“Ela matou um escravo, uma criança, a garfadas!”* - fez o gesto com as mãos fechadas para ilustrar um garfo perfurando algo. Em seguida, completou reiterando que Amaro ou Roberto, poderiam me dar mais informações. A menção ao assassinato foi algo constantemente evocado pelos quatro vigilantes que conheci no Museu Histórico e Artístico do Maranhão - Leôncio e Amaro (do turno diurno), José e Roberto (do turno noturno). Apresentarei

³⁴ Fotografia acima à direita extraída do Guia de Arquitetura e Paisagem de São Luís (SÃO LUÍS, 2008); As outras fotografias são de autoria minha.

percepções de Amaro, Roberto, e José – no intuito de discutir sobre espaço/tempo, e permanência de seres intangíveis.

O cheiro do sobrado

Amaro é vigilante diurno do MHAM há nove anos. Um homem alto, forte, dizia ter *uns quarenta e poucos anos*. Durante seu tempo no museu, foi necessário que trocasse de empresa duas vezes. Possuía dois empregos como segurança, logo, quando não estava no museu estava em seu outro trabalho. Era morador do Centro Histórico desde pequeno, e após ter casado, constituído família, mudou-se de lá. Seu primeiro emprego como vigilante foi a noite, num casarão localizado na Avenida Magalhães de Almeida – onde funcionava um órgão do Estado, que fora extinto.

Lá, em apenas dois meses de trabalho, notou *barulhos estranhos* – cadeiras que arrastavam, pessoas andando, ventos que empurravam objetos, faziam companhia a seus turnos. Narrou que um de seus colegas de trabalho, já havia até disparado a arma movido pelo susto das coisas que aconteciam. Logo depois, o casarão foi isolado pelo IPHAN para uma reforma, que com a extinção do órgão administrativo, nunca foi concluída – o que colaborou para sua transferência para o museu.

Em seus primeiros dias, Seu Quentin (vigilante já aposentado) fazia brincadeiras sobre chegar o dia em que veria *alguém*. Narrado como um homem bastante caricato, Amaro me narrou que sentia de tudo no museu – ouvia o tocar de pianos vindos do pequeno teatro da casa; via pessoas andando; e costumava deixar dentes de alho na mesinha em que os vigilantes ficam. Quando chegava para mais um turno às sete horas da manhã, não era difícil que Amaro encontrasse dentes de alho que formavam uma cruz - “*Quando eu chegava aqui tava tudo grudento de alho, eu perguntava por que, ele dizia que era pra espantar os espíritos maus*”, completou.

Julgava como exagerado os comportamentos ‘excêntricos’ de Seu Quentin, pois consigo nunca havia acontecido nada – seus turnos, mesmo quando estava sozinho (em dias de museu fechado), eram silencioso – nada de objetos caindo ou *vultos* se movimentando, apenas alguns barulhos feitos pelos pombos. Em 2015, Roberto, vigilante do sobrado, teve um problema e pediu que o substituísse em um plantão noturno. Entrou às sete horas da noite. Fez uma ronda. Acomodou-se no primeiro pavimento em uma cadeira de madeira. Cochilou um pouco, mas logo foi surpreendido por uma fragrância: - “*Quando dá umas três e meia da madrugada,*

começo a sentir um cheiro de rosas... um cheiro forte, que exalava e vinha de todo lugar. Fui na rua ver se tinha alguém, e não era ninguém. Fiquei gelado”.

Neste dia, confessa que ficou muito espantado e não conseguiu mais cochilar. Ao amanhecer contou para os outros funcionários do museu. Os estagiários e outros funcionários contaram-lhe sobre o gosto da baronesa por rosas - tanto que os azulejos do sobrado possuem rosas estampadas, e há muito tempo o casarão era repleto de roseiras³⁵. Desde então, Amaro diz acreditar que existam *espíritos* naquele lugar e que *quando menos se espera, acontece*, visto que nunca havia enfrentado algo tão forte em sua trajetória como vigilante.

O sobrado, mesmo em desuso como parte de visita ao museu, é aberto para que zeladores façam a manutenção de limpeza dos seus espaços – afinal, guarda peças preciosas que não estão em exposição. Entrei no seu primeiro pavimento, junto a uma funcionária, pude ver alguns quadros informativos, objetos e móveis num ambiente aglomerado e escuro. Um dos responsáveis pela sua vigilância noturna, era Roberto – guarda que conheci através de Amaro.

Os vigilantes afirmam que a partir das sete horas da noite começa – *vultos* passeiam pela área principal no primeiro pavimento; pode-se ouvir as panelas (que representam uma sala de jantar) batendo umas nas outras; os vidros tremiam; com o chegar das madrugadas, vem o cheiro de rosas – que Roberto sentia há seis anos. Descreveu que o cheiro lembrava-lhe o daqueles cravos utilizados em funerais – conhecidos como cravos de defuntos, comumente usados para homenagear os falecidos.

Roberto me contou que em sua primeira semana já notou algo diferente – permanecer dentro do sobrado era pedir para ser perturbado por *vultos*. Dizia ficar arrepiado, e ter a sensação de que tem *alguém* lhe observando. Assim, não conseguia descansar e foi experimentando outros compartimentos no sobrado. Numa dessas noites, sentiu um cheiro muito forte exalando pelo sobrado. Foi até o terraço, observou a rua, para ver se não teria alguém. Fez uma ronda. Porém, o cheiro parecia se espalhar e ficar mais forte, e Roberto não conseguia identificar sua origem. Desde então, passou a acomodar-se ou no terraço – entre as árvores, ao ar livre, ou no segundo pavimento do sobrado próximo a uma janela, com vista para o terraço.

Acompanhei algumas vezes a chegada de Roberto, e a saída de Amaro. Com o museu já fechado, é costume chegar à paisana um pouco antes de começar o plantão – e só então, trocar-se e assumir o posto. Em conversa com os dois, falavam-me o quanto pode ser imprevisível sentir a presença de um *espírito* - “*Você pode estar distraído, e quando menos se*

³⁵ Em conversa posterior com a diretora do Museu Histórico, ela me contou sobre os pés de roseiras e jambo que existiam no museu com base em imagens antigas, bem como, os azulejos com rosas, foram colocados a mando da baronesa.

espera pode passar um vulto e te deixar arrepiado. Já morreu muita gente nesse prédio. Um deles bem aí ó, perto da entrada, morreu eletrocutado”, explicou Roberto. A informação era de que há muitos anos, um vigilante foi vítima de um curto circuito – porém, não souberam mais detalhes.

Semelhante ao prédio de história da UEMA, alguns feriados eram descritos como momento mais provável para o aparecimento dos *espíritos*: “*Perto do Natal e Finados, acontece muito. Vulto constantemente, até acostumei com esse cheiro direto. Isso é gente que morreu que fica aí. Não dá mais medo não, hoje meu medo lá em cima é só rato!*” disse Roberto, enquanto eu e Amaro sorriamos. O ciclo de final de ano, partindo do Dia de Finados até o Natal – era descrito como um período em as manifestações eram mais evidentes – tendo quase sempre o Sobrado da Baronesa como cenário - narrado como um ambiente *pesado*, associado ao assassinato do jovem escravo.

Em maio de 2018, tendo como ponte Leôncio, conheci Seu José – que havia sido recomendado pela sua vasta experiência na vigilância do Centro Histórico. Agendei um encontro, numa das tardes em que Leôncio trocava turno com ele, que era vigilante noturno. Seu José chegou à paisana, pediu para eu esperasse enquanto colocava seu fardamento, assim, permaneci sentada na cadeira ao lado da ‘mesinha dos vigilantes’. Leôncio retirou seu colete, e com todo cuidado, passou a arma para Seu José – que imediatamente a colocou em seu colete.

Conversar com Seu José era como entrar em contato com uma ‘pessoa enciclopédia’ – explicou-me sobre os antigos moradores do casarão que abriga o museu, influências portuguesas nos sobrados, marcando com exatidão datas e acontecimentos históricos do Maranhão. Dos seus mais de trinta anos de exercício, dezoito foram vividos na vigilância noturna do Centro Histórico, de forma que estava prestes a se aposentar. Aprendeu tantas informações sobre os casarões históricos, no período em que vigiou a Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão – onde passava a noite lendo os livros da biblioteca.

Por ter passado um bom tempo sem posto fixo, Seu José foi um vigilante que circulou por vários lugares para substituir seguranças que tiravam férias ou folgas – Casa de Nhozinho, Escola de Música Lilah Lisboa, Casa de Cultura Josué Montello, foram alguns dos seus postos de trabalho. Neste caminho, ouviu diversas histórias de seus colegas vigilantes sobre *assombrações* – contou-me já terem tentando lhe colocar medo de todas as formas possíveis, mas de nada adianta – Seu José diz não existir nada nos casarões além de boatos. Também chegara a ser colega de trabalho de Seu Quentin, e sobre as tantas coisas que o guarda dizia ter no museu, como gritos que vinham do poço, cheiro de rosas, ou passos nas escadas.

Para Seu José, as experiências dos seus colegas tem início na imaginação, me explicou que nunca tivera medo, pois sabe que as situações acontecem e as pessoas associam as lendas de assombrações que perpassam a cidade:

Seu José - Eu nunca tive, e nem tive receio de ter né. Eu rodo aí esse museu de madrugada, qualquer zuadazinha eu já subo aí. Quando eu vim pra cá, eu tava de serviço na Casa Josué Montello, e tinha uma menina lá que trabalhava comigo que eu disse 'eu vou lá pro museu'. Aí ela disse 'ixi diz que o poço lá de madrugada escutam vozes'. Ah! Eles falam muita coisa né? Até os próprios funcionários daqui me perguntam 'nunca ouviu nada não?'. Aqui é o seguinte – aqui tem muito pombo de madrugada. E essas janelas de guilhotina que suspende assim (gesticula como se estivesse abrindo uma janela para cima), o vidro dela é folgado, o vento bate e faz aquela zuada que a gente pensa que tem alguma pessoa que tá batendo! Aí ecoa... e os pombos que faz zuada de madrugada. A gente vai conhecendo a gente se ambienta, pra gente já é natural. (Registro de campo, maio de 2018).

Afirmou que é normal que os casarões tenham tantas histórias, afinal, constituem cenários de muitos acontecimentos ao decorrer dos séculos. Enquanto Amaro e Roberto descrevem o turno da noite como o mais propício para sentir presenças, Seu José declara a noite como uma de suas melhores amigas – calmas e silenciosas, e destacou que os turnos passam rapidamente. Costumava levar um pequeno radinho para ouvir durante as madrugadas. Circulava pelo MHAM em qualquer horário - abria portas, acendia luzes, *fazia zuada*. Mantinha-se atento a barulhos, e costumava subir para o segundo pavimento para olhar os arredores da Rua do Sol. Se dedicava a me explicar que os fenômenos que seus colegas associavam a *espíritos*, tratavam-se de outros fatores:

Seu José - Aí em cima é madeira envernizada, quando uma pessoa pisa ela faz uma zuada e a gente pensa que tem gente. Mas não, é madeira. Eu já sei o que é ne, então eu nem me toco. Mas se acontece alguma coisa eu tenho que ir lá olhar tudo. Uma noite pra mim passa rápido. Quando dá meia noite eu começo a ler um livro quando vejo já é cinco horas. Amaro é o mais medroso daqui. Ali do lado tem a história da baronesa, diz que ela gostava de flores, tanto que na fachada de lá tem flores, e que Amaro sentiu esse cheiro. Mas eu acho que não é não, tem o pessoal que faz a limpeza...

Dessa forma, Seu José me explicou que na realidade, as experiências de seus colegas eram mal interpretadas por eles. O cheiro de rosas sentido pelos outros vigilantes, era a essência de desinfetantes ou materiais de limpeza, já que os zeladores costumeiramente limpavam o sobrado. Os barulhos na madeira, o balançar de vidros nas janelas ou a sensação de ver alguém passando foram explicados como fenômenos naturais que aconteciam, mas as pessoas associavam a *espíritos*, por relacionar a imaginação com acontecimentos históricos do lugar – “*Tu olha o reflexo da luz e parece que tem uma pessoa andando. Isso tudo é fruto da imaginação*”, me explicou. Terminamos por conversar sobre o patrimônio de São Luís, que coleciona sobrados em reformas inacabadas – comentando que o MHAM foi um desses espaços

que passou anos em reforma, e possivelmente, entraria em interdição para novas mudanças em 2019.



Figura 7. 'O perfume da baronesa' (Ilustração).

2.3 As mulheres do Arquivo Público

Tardes na Pensão Chicó

Estávamos eu, Joana, Manuel e um senhor de cabelos brancos arrepiados, que Manuel me apresentou satiricamente como Einstein³⁶. Explicava para eles que viera ali anteriormente, (por indicação dos vigilantes do Prédio de História da UEMA), e que havia conhecido Seu João - que dissera para eu conversar com Joana, já que ele estava em exercício há apenas um mês.

Einstein começou a gesticular me contando do dia em que o *espírito* de uma mulher apareceu para ele ali mesmo onde estávamos. Ele arregalava os olhos dizendo que ela estava de cabeça para baixo, aparentemente morta pendurada em uma corda. Logo Manuel interviu, dizendo para eu não acreditar em nada que dissesse, que a única *assombração* ali era ele mesmo - fazendo todos rirem. Joana, a vigilante, ficou bastante empolgada para me contar suas experiências e nesse dia terminamos por conversar sobre como entrou na vigilância.



Figura 8. Prédio do Arquivo Público do Estado do Maranhão

³⁶ Era um senhor que tinha cabelos brancos, que acredito morar ou trabalhar em um local próximo do Arquivo Público. Manuel quis fazer menção a uma das famosas imagens do cientista Albert Einstein.

Localizado na Rua de Nazaré, o sobrado do Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM) tem tombamento federal e está em funcionamento desde 1978. A atual sede foi um lugar ocupado de diferentes formas ao decorrer dos anos: residência, república, pensão familiar, além da “Pensão Chicó” – uma luxuosa casa de prostituição, que funcionou no início do século XIX. No casarão do Arquivo Público, a partir de Joana e Seu Daniel (um dos vigias), percebi que circulam diversas narrativas sobre mulheres, que tinham por base a casa de prostituição que funcionara no local. Diziam que uma mulher loira há muito tempo teria aparecido para um dos vigias, já aposentado, e desde então, todas as manifestações de seres intangíveis são tidas como presenças femininas. Busquei mais informações sobre quem seriam as mulheres que já residiram naquele espaço, encontrei alguns registros em jornais, a maioria nas sessões policiais. Segundo o que encontrei nos jornais, entre os anos de 1915 e 1938, o dono da pensão era conhecido como Chico Codó.

As notícias se referiam a furtos, intimações policiais, e principalmente brigas – “Raymunda estava dançando, quando Theodorica lhe deu o primeiro tapa e Maria Rosa foi emendando a canhota” (Jornal O Imparcial, 1931); “A casa de tolerância estava em polvorosa havendo pancadaria de cego. A polícia compareceu pondo termo no sarrilho³⁷ e fechando o pouso das Madalenas” (Jornal O Imparcial, 1936); essas e outras menções expressam um lugar bastante movimentado por visitantes, prostitutas e pela polícia.

Seu Daniel, vigia noturno no casarão desde 1992, afirmou não ter certeza se o que mexia os objetos era uma mulher. Entretanto, sabia sobre uma mulher que aparecia na Rua Portugal. Nas madrugadas, vários vigias se reuniam em frente ao prédio da Secretaria de Cultura – jogavam dominó, contavam piadas, bebiam café (ou cachaça de vez em quando) e esperavam uma *mulher* que aparecia vestida de noiva na extremidade da rua. Entre as lembranças de Seu Daniel, chamou minha atenção alguns de seus colegas brincarem sobre querer namorar ‘a mulher da Rua Portugal’, o que realça duas coisas – a virilidade masculina que ultrapassa planos de existência; ao mesmo tempo, uma relação de familiaridade com seres intangíveis. Ela aparecia por volta de uma hora da madrugada - quando algum deles ia ao seu encontro, ela desaparecia. O vigia afirmou que ‘vigiar do lado de fora’, era mais fácil – até por que os jogos durante a madrugada com seus amigos na rua, facilitavam para que quando entrassem para seus respectivos casarões já estivessem cansados, assim, cochilavam sem ouvir nada. A estratégia, era entrar no prédio do arquivo exausto, de forma que, toda a sua atenção aos movimentos de máquinas de escrever/portas ou passos nas escadas, fossem sugadas pelo sono.

³⁷ Sarrilho era um termo utilizado para se referir a confusões, ou situações complicadas.



Figura 9. Jornais com menção a Pensão Chicó³⁸

Com tardes rodeadas por interrupções de ‘passageiros’ – vendedores de pães, bolos, remédios caseiros, sorvetes, ou demais conhecidos dos funcionários³⁹, que costumeiramente faziam parada - as idas a campo no Arquivo Público me presentearam com duas percepções: o conforto mútuo da interação entre mulheres; e uma possível rede de apoio entre elas, visto que várias funcionárias (com jornadas múltiplas de mães, esposas, trabalho, donas de casa) contam com amigas para auxilia-las. Joana, foi uma das poucas mulheres vigilantes que conheci, e através dela interagi com outras mulheres que trabalham no Centro Histórico (como vigilantes,

³⁸ Os jornais estão disponibilizados no acervo nacional de periódicos Hemeroteca Digital, disponível em: bdigital.bn.gov.br/hemerotecadigital.

³⁹ Interessante mencionar a relação dos funcionários do Arquivo Público com os funcionários dos casarões vizinhos – como o Restaurante Escola Senac, e o Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia. Percebi que mantinham atualizadas informações sobre roubos, ou experiências com seres intangíveis.

zeladoras ou vendedoras), o que foi interessante, visto que nos outros casarões minhas interações estavam bem restritas a homens.

Joana e o Escapulário

Joana era uma mulher de estatura alta, cabelos pretos e lisos, (sempre amarrados e escondidos pelo boné da empresa). Seu trabalho no Arquivo consistia em ter o registro de entrada no acervo, comunicar sobre ausência ou presença de funcionários, ou dar informações a quem perguntasse. Trabalhava no turno diurno, mas começou carreira na vigilância a noite. Narrou que seu primeiro emprego foi no setor administrativo em 2008. Em novembro do mesmo ano resolveu fazer o curso de vigilância, que na época durava quarenta e cinco dias – hoje diz ter cursos de durações diversas, mas o conteúdo é padronizado. Diz ser uma mulher de sorte por ter sido admitida numa empresa assim que concluiu o curso - a vigilância lhe rendeu o primeiro emprego de carteira assinada, o que a faz muito grata e satisfeita com sua profissão, que nunca cogitara mudar. No começo de 2009, conseguiu emprego por uma empresa terceirizada que atuava no Centro Histórico, que a colocou no casarão do Arquivo Público, onde até os dias de hoje permanece. Em seus dez anos de profissão como vigilante, já foi necessário que trocasse de empresa duas vezes para permanecer no mesmo posto de trabalho, devido a mudanças de licitação de empresas privadas.

Ao mesmo tempo que a realização do seu primeiro emprego de carteira assinada é contada com louvor, é também atribuída ao começo de outros problemas. Contratada para o turno da noite, chegava às seis horas da tarde no casarão. Os problemas que seus primeiros dias trouxeram diziam respeito à forte sensação *de que tem alguém no prédio*. “*Depois de uma semana, eu comecei a sentir as coisas*”, narrou sobre os seus primeiros dias: a máquina de cortar papel funcionava sozinha, ouvia passos de *alguém* nas escadas de madeira, caminhava para fazer sua ronda mas não via ninguém, sentia *vultos* passando por perto em determinadas partes do prédio, principalmente próximo a escada. Não nega que passou por um processo de adaptação lento e complicado com o casarão - “*Tinha dia que eu chegava aqui e que não dava vontade de entrar. A minha vontade era só voltar, era uma coisa tão... eu me arrepiava dos pés à cabeça... eu sentia uma matéria aqui*”.

Joana afirmava ser impossível que o vento tivesse a força necessária para mover as caixas pesadas de papéis ou apertar botões dos datilógrafos na biblioteca. Como evidência, recomendou que eu falasse com os vigias mais antigos que poderiam confirmar sua fala - “Se

tu entrevistar meus parceiros que trabalhavam à noite, eles vão te dizer que esses casarão tudo são mal assombrado – Casa da Festa, Casa de Nhozinho. Na Secretaria de Cultura eu trabalhei duas noite lá e foi fatal pra mim, eu cheguei apavorada e a casa lá ainda é cheia de rato!”, explicou. Entre os casarões que citou, o qual já tirou folgas ou férias de seus colegas, destaca que a Casa da Festa e o prédio da Secretaria de Cultura são os piores para *sentir coisas ruins*.

A vigilante nunca precisou trabalhar armada no Arquivo Público, pois o prédio não tem o cofre exigido pela empresa para armazenar armas – e como a vigilância é alternada com os vigias do Estado, não podem utilizá-las. Porém, não estar armada nunca foi um fator de incômodo para Joana, nem lhe produzia sensação de vulnerabilidade - na realidade, para ela (e outros vigilantes) portar arma era mais perigoso, por conta do risco de ser rendida por assaltantes com a intenção de roubá-la. Joana tinha medos que a arma era incapaz de proteger: a sensação constante de uma presença que a acompanhava, mexia em objetos ou passeava pelas escadas fez com que procurasse estratégias para enfrentar seus turnos da noite.

Após seu primeiro mês de trabalho, Joana dividiu seus sentimentos com sua madrinha – uma senhora bastante católica e sábia. Então, por recomendação dela - passou a levar alguns livros de autoajuda para seus turnos, sendo Augusto Cury⁴⁰, um dos principais autores que conheceu. Entre os temas dos livros estavam a superação de medos, pânicos/pensamentos, e também reflexões católicas. Ao entrar no prédio para mais um dia de trabalho, fazia uma oração pedindo proteção a Deus. Em outros dias, levava um radinho – que colocava em volume alto, com intuito de tirar seu pensamento dos barulhos que ouvia no casarão:

Joana - Até eu me acostumar eu ouvia direto...

Eu- O que tu mais ouvia?

Joana – A máquina de cortar papel

Eu – É mesmo?

Joana – Ficava batendo e funcionando sozinha, às vezes eu tinha coragem de ir lá, mas às vezes eu não tinha. Até eu conseguir me acostumar eu demorei muito viu? Tinha noite que eu vinha pra cá, eu passava a noite na última janela do mirante com medo.

Eu – Mas lá em cima não seria mais tenso?

Joana – Não, por que eu ficava do lado de fora, na janela. (Registro de campo, novembro de 2017).

Joana costumava acomodar-se no andar de baixo do prédio, mas a sensação de que estava acompanhada por alguém se tornou muito forte e decidiu experimentar outros pavimentos. Passou a colocar uma cadeira na pequena varanda do mirante, pegar seu radinho e ficar do lado de fora até que amanhecesse - *“Às vezes eu descia quando o inspetor chegava*

⁴⁰ Psicanalista e escritor brasileiro, considerado especialista em métodos de controle da mente humana.

aqui de madrugada para abrir a porta pra ele, depois subia de novo com medo, por que dava medo mesmo”, completou.

Foi observando a rua, e sendo observada por ela, que viu os vigilantes e vigias de prédios vizinhos que se reuniam na Praça Benedito Leite durante as madrugadas. Conheceu alguns deles e passou a acompanhá-los durante as noites na praça – contavam piadas, tomavam café, conversavam sobre as *assombrações* de seus respectivos prédios, criando uma rotina de meia noite até as quatro horas da manhã reunidos. Conhecer pessoas que tinham vivências parecidas com a sua nos casarões, narra como um momento crucial para seu processo de adaptação.

Mesmo buscando estratégias para que não sentisse as presenças, Joana me contou que demorou mais de um ano para se acostumar a elas – *“Demorei quase dois anos pra me acostumar, entrar aqui e não sentir nada”*. O estopim dos dias de paz no trabalho aconteceu quando foi presenteada por sua madrinha com um escapulário:

Joana – Eu senti medo até que minha madrinha comprou um escapulário pra mim.

Eu – O que é um escapulário?

Joana – É um cordão que tem umas imagens que afasta entendeu? Aí tem duas imagens, uma imagem na frente e uma imagem atrás, aí eu pegava quando eu chegava aqui eu colocava, parece assim que dava uma sensação de paz. Paz de espírito...

Eu – E tu melhorou?

Joana – Melhorei... a sensação sabe... Aquela sensação melhorou bastante (Registro de campo, (Registro de campo, novembro de 2017).

Respirava aliviada dizendo - *“Mas Graças a Deus me acostumei”*. As imagens do escapulário podem variar, mas normalmente são de Jesus (frente) e Maria Imaculada Conceição (costas). É comum a ‘regra’ entre os católicos de que nunca se deve comprar um escapulário para si mesmo – ele é um objeto para presentear alguém que esteja precisando de proteção e conforto espiritual. Desde que o recebeu, a vigilante passou a colocá-lo no pescoço toda vez que entrava para mais um turno de trabalho. Passou quatro anos trabalhando à noite, até que foi transferida para o dia por conta da divisão por turnos entre vigias e vigilantes – quando se definiu que os primeiros trabalhariam apenas no noturno, e os segundos no turno diurno. Mesmo trabalhando de dia, menciona que não é raro, ouvir *movimento* em finais de semana.

Sobre as presenças que sentia no casarão, a vigilante acreditava que tinham relação com acontecimentos do passado – como *espíritos que não subiram, pessoas que não fizeram a passagem*, que desejam permanecer no casarão histórico:

Joana - São pessoas assim... que não eram tementes a Deus, que não fizeram a passagem, aí ficaram, tipo alma penada mesmo entendeu? Ficaram penando na terra. O espírito não subiu. Dizem que essa estátua de Benedito Leite foi construída de costa pra cá, na época que aqui era o prostíbulo, o bordel, coisa assim! Uma casa de prostituição, e aí ele foi construído de frente pra Igreja e de costa pra cá (Registro de Campo, dezembro de 2017).

Completo que as mulheres que trabalharam na casa de prostituição, provavelmente permaneceram habitando a casa por terem vivido boa parte de suas vidas em pecado – como um tipo de castigo por mal comportamento, tornando-se almas perturbadas.

Joana citou por várias vezes, uma fotografia, tirada por um de seus colegas, do Restaurante Escola SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), em que aparecia uma *pessoa* na janela do casarão. A foto foi registrada nos primeiros meses de 2018, período em que ela estava de licença médica, soube quando retornou. A imagem registrada o segundo pavimento do prédio – tornando-se pauta quando o assunto era provar que haviam espíritos na casa.

Não cheguei a vê-la, mas Joana me descreveu que era algo terrível. Por de trás do vidro da janela, estava um rosto – que era mistura de um humano com uma careta – como um rosto deteriorado e pele corroída, que lembrava-lhe um fofão ou cazumbá⁴¹. Circulou pelos celulares de alguns vigilantes, mas Joana disse ter apagado, assim como o seu colega que fez o registro⁴² – que disse-lhe não querer guardar *aquilo* em seu celular.

Vale ressaltar, que não era a primeira vez⁴³ que eu ouvia falar sobre fotografias de *espíritos* nos casarões. Camargo, um dos vigilantes diurnos do Cafú das Mercês, contou-me que havia tirado uma fotografia a pedido de um casal de visitantes do museu - uma mulher e um homem com as mãos apoiadas, um sobre o ombro do outro, atrás deles algumas peças originais doadas por terreiros de religião afro-brasileira do Maranhão. O casal agradeceu pela foto e terminaram a visita ao museu. Uma semana depois, o casal retorna a Camargo, para mostrar-lhe novamente a fotografia – nela, no lugar da peça de acervo, havia a sombra de um homem, que apareceu entre os rostos do casal. No caso de Joana, ‘a *careta*’, assim descrita por interlocutores que viram a fotografia, mesmo não tendo traços claramente femininos, foi entendida como a ‘caricatura de uma antiga moradora’ - ou melhor, a evidência de que existe uma mulher com quem os funcionários compartilham a mesma casa.

Por fim, nos três casarões que apresentei, chamo atenção para como os vigilantes convivem em seu trabalho nos casarões com amiguinhos, baronesa, e as mulheres da Pensão Chicó – e terminam por desencadear relações que extrapolam a vigilância.

⁴¹ Personagem oriundo das festas de bumba-meu-boi no Maranhão, que dizem tratar-se de uma fusão de espíritos entre homens e animais, não tendo gênero definido.

⁴² Quem fez o registro foi um vigilante noturno do Restaurante Senac. Ele chegara final de tarde para trabalhar e decidiu tirar algumas fotos das vistas que possui ao redor do restaurante, quando percebeu que havia aparecido um rosto em uma delas.

⁴³ D30 já havia tentado registrar com a câmera de seu celular um *vulto* passando, porém, disse que a “*câmera não pega ele por que é muito rápido*”.

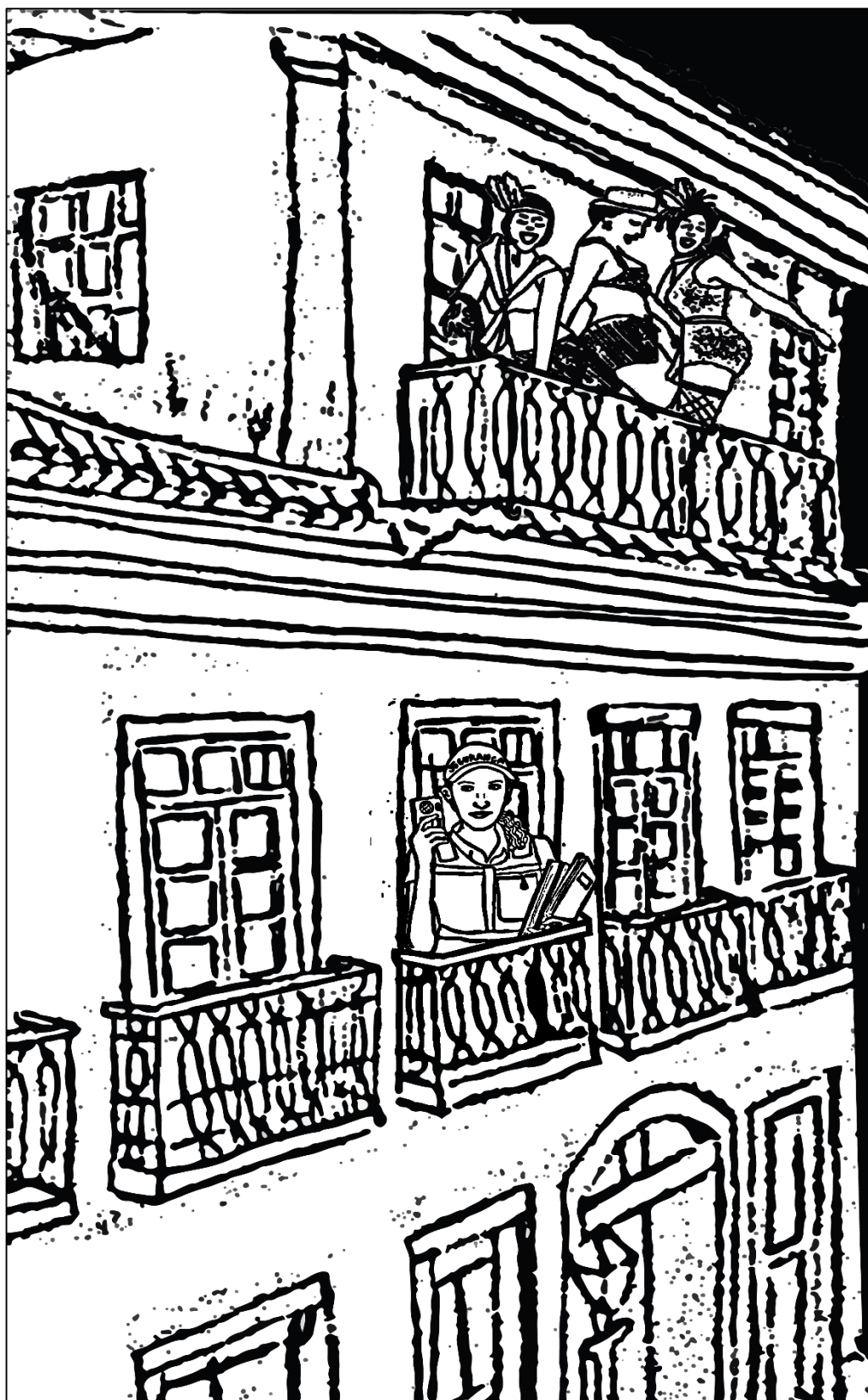


Figura 10. 'As mulheres do Arquivo Público' (Ilustração)

CAPÍTULO 3: SOBRE VULNERABILIDADES E TRANSFORMAÇÕES

Vou ser franca contigo, Magda. Se eu soubesse que a Praia Grande era isso que eu vi nessa tarde de domingo, não tinha saído de casa. Não, não tinha. Sair para quê? Para ver paredes pichadas, rótulas partidas, casas destruídas, sobrados entregues ao mato e às ratazanas? Ruas esburacadas? Ralos entupidos? Os pés de mamona e as trepadeiras crescendo nos telhados? Lixo nas calçadas?’ (Um beiral para os Bentivis - Josué Montello, 1989).

Neste capítulo, desenvolvo sobre os processos de mudança que entrelaçam casas, pessoas e seres intangíveis. Primeiramente, elaboro sobre a coexistência nos casarões, junto ao processo de se acostumar a eles. O segundo momento, analisa as instabilidades que perpassam as pessoas, as casas, e os objetos que guardam – os vigilantes são trocados de posto; os casarões entram em reforma; a natureza deteriora objetos; e os seres intangíveis parecem ir embora.

3.1 Coexistências

A partir das experiências apresentadas, neste tópico discuto elementos que remetem a coexistências no espaço dos casarões. O primeiro elemento que acredito caracterizar os encontros com o intangível, é a circunstancialidade. Noite e silêncio parecem ilustrar um fluxo de finais ou começos no trabalho do vigilante – o final do expediente diurno, início do expediente noturno; a saída dos outros funcionários ou a chegada deles; o fim dos barulhos feitos por humanos e o começo dos barulhos feitos por não humanos (*espíritos*, pombos, ratos, etc.). Embora os seres intangíveis não se restrinjam às ações noturnas, trago noite e silêncio como circunstâncias que simbolizam seu horário mais confortável – *a partir das seis, sete horas; meia noite; meia noite e meia; três e meia*. A solidão noturna evidencia os movimentos que não são feitos pelo vigilante, desde os pombos nos telhados até os passos de *alguém* numa escada.

Partindo das horas, são conhecidos os dias. Os *amiguinhos* e os *espíritos* parecem gostar dos meses que terminam o ano, entre novembro e dezembro, desabrochando no feriado dos mortos. O Dia de Finados ou Natal, de alguma maneira, destacam uma sazonalidade de sensações – sentir, ouvir, tocar, cheirar, ver, marcam datas específicas. De forma que, qualquer coisa nesses feriados tende a permanecer guardado na memória – o cheiro que exala, o vulto

que passa pelas escadas, o lamento que vem do poço, terminam por selar um encontro com data, hora e local. Interessante pensar que a passagem dos dias no trabalho são marcados por práticas corriqueiras, sendo lembrados como ‘mais um dia de trabalho’. No entanto, da mesma forma que aniversários, comemorações, ou movimentações atípicas no lugar de serviço são facilmente lembradas, os encontros entre pessoas e seres intangíveis também podem ser – a primeira vez que ouviu-se a voz, sentiu o vulto ou fragrância tornam-se dias guardados na memória.

Com o passar do tempo, os lugares de perigo ou aconchego tornam-se conhecidos. O melhor compartimento para ficar mais à vontade, tirar um cochilo ou ler um livro, são encontrados, assim como lugares de desconforto. As formas de evitação/restrição/ ou ‘negociação’ são constituídas a partir dos impactos de seres intangíveis nos sujeitos. Sentidos de formas diferentes por pessoas diferentes, acredito que pode-se pensar em duas formas de afetação – a primeira diretamente no corpo - arrepios, mal estar, ficar gelado, calafrios, sentir-se vigiado, ver o *vulto/espírito*, etc., formam um bloco do que grande parte dos interlocutores denominaram de *sensação*. A segunda, surge do engajamento entre objetos/máquinas/natureza percebido pelo órgãos dos sentidos – ver a máquina de costura funcionando, ouvir as peças se movimentando, ouvir as vozes, perceber o estalar da madeira/janela/porta, perceber o vento forte que derruba objetos, etc. Por outro lado, os locais que os seres intangíveis se manifestam, são seus espaços de conforto – as escadas/o lado esquerdo/o poço do Prédio de História; ou o Sobrado do Barão de Grajaú, são ambientes que realçam seu vínculo com as casas.

Descoberta as sensações, formas de lidar com elas são traçadas. Trocar de ambiente, experimentar outros compartimentos, analisar o andamento deles – se encontrou conforto, ou não; se ouviu barulhos ou sentiu sensações, tornam-se informações preciosas como se estivessem descobrindo um lugar seguro – Beto após ter visto o *espírito* do homem de roxo, mudou-se para o primeiro pavimento; Roberto após ter sentido o cheiro de rosas, experimentou outros compartimentos, mas prefere ficar no terraço a céu aberto; Joana encontrou tranquilidade em companhias de outros vigilantes na rua, no uso do escapulário, nas leituras que descobriu. São situações que realçam restrições impostas aos humanos, e abster-se de circular por determinados horários/dias para não ser tocado por um *vulto*, é uma evitação estratégica para proteger-se.

Dessa forma, surgem as estratégias de possíveis negociações ou proteções. Além da evitação, outras táticas são experimentadas – benzer-se/orar, procurar informações em centro espírita, conversar com pessoas que possam ajuda-lo – o vigilante procura formas de compreensão para conviver com os habitantes da casa. As velas acendidas por D30 são como

um ‘selo de boa relação’ – são ‘sugadas rapidamente pelos amiguinhos’ indicando que foram aceitas; ou Beto dirigir a fala aos *espíritos* pedindo que o deixassem trabalhar em paz; podem ser entendidas, como possíveis estratégias de negociação por parte dos vigilantes. Além disso, são técnicas que possuem parâmetro de eficácia – os *espíritos* que aceitaram a vela, entende-se não irão perturbá-los.

Sendo assim, os casarões funcionam como anfitriões de vínculos, e terminam por apresentar os vigilantes aos seres intangíveis – que tornam-se conhecidos. O vínculo dos seguranças é o trabalho, já o vínculo das presenças me parece ser a morte. Nesse sentido, a morte se aproxima a começos – alguém que viveu ou morreu naquela casa em outro espaço de tempo; alguém que passou por sofrimentos naquela casa.

Em vários momentos, essas presenças são lidas como antigos escravos que ali foram explorados/torturados, ou que ali festejaram – olhar que reflete a relação entre negros e o Maranhão – estado com mais da metade de sua população composta por negros, além de, berço de religiões de matriz africana⁴⁴ e manifestações culturais que tem o negro como ponto de partida. A população negra no Maranhão foi por muito tempo, os próprios casarões que compõem o Centro Histórico, como lembra Viveiros Filho (2006):

Este modo de vida era dependente do sistema escravista da época – sistema este de implicações diretas na urbanidade desses edifícios, onde ‘havia negro pra tudo’, como dizia Lúcio Costa. E também eles construíram a urbanidade, pois negro era esgoto, água corrente no quarto, botão de campainha, ventilador, água quente, etc. Isto é: a relação mais direta possível entre a arquitetura e a paisagem, quando, sendo o negro o cano d’água, a cadeira, a mamadeira com o leite – era ele próprio o equipamento da arquitetura e a paisagem ao mesmo tempo. (VIVEIROS FILHO, 2006, p. 141).

Desse modo, pessoas que morreram/sofreram nesses espaços, faziam deles locais *pesados*. A morte e as emoções determinavam *pesos* – trazidos pelas situações de dor/tragédia como assassinatos, suicídios tortura; ou situações de afeto/apego ao lugar. É como se a Baronesa e seu gosto por rosas permanecesse habitando o sobrado, assim como o grotesco assassinato que cometeu, como uma antiga moradora que sobreviveu ao tempo. Um local *pesado*, implica na permanência de ‘*pessoas*’ e suas respectivas emoções naquele lugar – que podem contemplar alegrias (meninos sorrindo, tambores que parecem festa) ou sofrimentos (tortura de escravos até a morte, choro de menina). Em outras palavras, associam os seres intangíveis com aquele espaço e tempo em que viveram – a estrutura social da qual faziam parte.

⁴⁴ Além disso, a área do Centro Histórico é familiar para os terreiros de religiões de matriz africana, – a título de exemplo, a Casa das Minas (FERRETI, 2009), um dos mais antigos terreiros de tambor de mina que se tem conhecimento no Maranhão é tombado pelo IPHAN.

Como se estivessem entrando em casas que não são suas – os vigilantes vigiam e sentem-se vigiados. Presenças ganham ação, superfícies, posses, comportamentos, enquanto os seguranças precisam se acostumar a elas – o que provoca as noções de propriedade. Os imóveis mostrados, por um lado, são propriedades do Estado e estão sob o cuidado de suas entidades; todavia, pode-se pensar que é também propriedade de moradores que nunca foram embora – donos de poços, sobrados ou escadas. O Arquivo Público, o Museu Histórico Artístico, e o Prédio de História parecem ter duplas jornadas – usados por pesquisadores, vigilantes, zeladores, e demais funcionários; e também, usados pelos amiguinhos, pela baronesa, ou pelas mulheres da Pensão Chicó.

Na contramão do seres intangíveis, o ceticismo de Seu José provoca questionamentos sobre as concepções de realidade. A incredulidade nas vivências dos outros, o faz explicar os fenômenos pela perspectiva que lhe é racional e inteligível – as madeiras envernizadas barulhentas são os passos; o desinfetante com cheiro de rosas é o perfume da baronesa; os vidros que estão folgados, não é alguém que os balança; e por fim, grupo de pombos emitem ruídos e não presenças. De acordo com Stengers (2012), o veredito científico e hegemônico termina por reduzir outras formas de conhecimento ou explicações - “A Ciência, quando considerada no singular e com “C” maiúsculo, pode de fato ser descrita como uma conquista generalizada propensa a traduzir tudo o que existe em conhecimento racional, objetivo” (STENGERS, 2012, p. 04). Assim como as explicações com base em sentir/ver/ouvir/cheirar são facilmente deslegitimadas, as respostas que possuem evidências pautadas no racionalismo científico são facilmente reconhecidas. O que faz o aroma do desinfetante ser uma explicação mais legítima do que o ‘perfume da baronesa’? Isso remete a quanto o conhecimento científico molda a concepção que temos sobre o que é ou não realidade. De qualquer modo, Seu José é o reflexo de como os vigilantes são afetados pelas narrativas e do que acionam para que possam compreender essas experiências.

As fotografias de *espíritos*, podem ser pensadas como mais um fruto do parâmetro racional/científico de realidade. Como uma evidência legítima de comprovação material dos seres intangíveis – elas destacam a ‘nossa forma’ de dar verdade a existência deles, sob a perspectiva do racionalismo científico. Por outro lado, acredito que essas fotografias também são capazes de dar autonomia aos seres intangíveis – nas imagens, eles são concebidos por eles mesmos, ou seja, é uma forma de materialização que não é moldada apenas pelo humano. Assim, a chave de leitura para as manifestações aqui apresentadas é também um dos efeitos que

os seres intangíveis causam – eles se tornam tangíveis ou visíveis de formas singulares. (BLANES E ESPÍRITO SANTO, 2014).

A partir desses encontros e vínculos com os casarões, os vigilantes terminam por desenvolver novas dimensões de conhecimento. A chegada, os estranhamentos, as reflexões e estratégias, proporcionam ao vigilante um novo arsenal de habilidades – guarda efeitos sensoriais, apreende diferenciações (entre espírito/humano/animal), e desenvolve novas técnicas de relacionar-se/proteger-se. Como uma prática de correspondência⁴⁵ (INGOLD, 2016), o vigilante responde aos acontecimentos através de meios arranjados por ele mesmo – a atenção dada a esses fenômenos, lhe permite improvisar a partir deles. Perguntar ou ouvir histórias em sua chegada, distinguir que um som é oriundo de pombos ou espíritos (e não de outro ser humano), são aptidões que extrapolam sua atividade de vigilância.

O final da jornada, é marcado pela construção de familiaridade com aquilo que interditava seu convívio com o casarão – acostumar-se a ele. Acostumar-se, é reconhecer que enquanto humanos, coexistem com outros seres naquelas casas – e compreender a necessidade de lidar com as múltiplas formas de habitação do mundo.

Sobre se acostumar ou transformar relações

Como já mencionado, ao decorrer do encontro entre pessoas e seres intangíveis, os humanos constroem estratégias para lidar com eles – até atingirem um ponto de conforto na relação, até ‘se acostumarem’. Penso, como noções de proteção e vulnerabilidade foram engajadas na trajetória de Joana, a partir de três pontos – os riscos vividos pelo vigilante não contemplado por suas técnicas de proteção; as inversões de lógicas proteção/risco; e a transformação da relação entre pessoas e seres intangíveis.

Analiso as situações vividas por Joana como um evento crítico – em que ao mesmo tempo que o sujeito encontra-se desprotegido, novas formas de subjetividade são estimuladas (DAS, 2016). Num contexto em que a arma de fogo não implicava em proteção, a vigilante buscou outros aparatos que pareciam servir-lhe – leituras de auto ajuda, rádio em alto volume, acomodar-se em outro lugar, ‘vigiar da rua’, ou utilizar o escapulário, estão entre elas. Das (2016) ao analisar a tensa conjuntura de formas de violência durante a Partição da Índia, contribui ao pensar que os sujeitos em contextos de vulnerabilidade, são também dotados de

⁴⁵ “Propõe-se o termo correspondência para designar essa composição de movimentos que, à medida que se desenrolam, respondem continuamente uns aos outros” (INGOLD, 2016, p.408).

agência sobre suas próprias escolhas – “Assim, as vidas individuais são definidas pelo contexto, mas são também geradoras de novos contextos” (DAS, 2016, p.18). Nesse sentido, considero que Joana atravessou uma jornada que a construiu de outra forma que não a anterior, – “O sujeito é concebido como um sujeito plural, habitando o momento presente, mas também falando como se já estivesse ocupando um momento diferente no futuro” (DAS, 2016, p. 22) – sendo capaz de transformar sua própria relação com o trabalho e acostumar-se as presenças que habitavam a casa.

Joana visita suas memórias com cuidado devido ao marco que aquele momento teve em sua vida: início de carreira na vigilância; primeiro emprego de carteira assinada; oportunidade profissional após ter concluído o curso. Ao mesmo tempo, em um cenário que narra realizações, lembra com precisão o momento em que começou a ver-se em situação de risco – *“Depois de uma semana eu comecei a sentir as coisas”*.

A forte sensação de que estava em uma companhia desagradável em seus turnos, foi sinônimo de preocupação durante meses. A descoberta de que estava desprotegida viera das ações que percebera na casa – passos, deslocamento de objetos, arrepios – esses e outros estranhamentos tornaram as idas ao trabalho algo que lhe dava medo. Na realidade, a maioria dos primeiros encontros entre vigilantes e seres intangíveis, dá-se pelo sentimento de medo. No caso de Joana, pensamentos e sensações que pareciam ingovernáveis, alimentaram seu medo diariamente durante seu primeiro ano como vigilante.

É interessante notar dois pontos acerca do medo sentido pelos meus interlocutores: em primeiro lugar, ele destoa da noção de perigo dos demais vigilantes; e em segundo, realça que as técnicas de proteção com que foram treinados, não os protege de tudo. A vulnerabilidade aqui, inclui além dos riscos convencionais da vigilância – assaltos, furtos, violência etc., e acrescenta-se mais um entendimento de perigo, que são os seres intangíveis.

Da mesma forma, as técnicas de proteção que aprenderam em sua formação profissional não são eficazes para espíritos – a arma de fogo não pode deter a ação dessas presenças; não há como coagi-las para fora de casa, ou detê-las, como fariam com humanos; muito menos acionar a polícia. Em outras palavras, os mecanismos de defesa não são armas, socos, chutes ou acionar as instituições de segurança pública – mas sim, estratégias que são arranjadas pelos próprios profissionais para que se sintam protegidos. Diversas delas já foram citadas – acender velas, fazer orações, ler, ouvir música, trocar de lugar, entre outras, aparecem como instrumentos de proteção descobertos pelos seguranças, que os tornam menos vulneráveis.

Para mim, o medo dos meus interlocutores adquire forma a partir de seu próprio corpo – ver, ouvir, cheirar, tocar, pensar, no entanto, é como se este mesmo corpo não fosse apto a protegê-los. Não é possível pegar um espírito a força, com as suas próprias mãos, e expulsá-lo do casarão, mas é viável fazer uma oração pedindo a proteção de um santo para que o espírito não lhe cause medo ou atrapalhe seu turno. Assumir o medo marca o reconhecimento da agência dos seres intangíveis, na medida em que um espírito se torna capaz de fazer o humano agir em prol dele – Joana preferindo madrugar na praça do que permanecer na casa; ou D30 levando velas para serem sugadas pelas presenças; são reações às presenças intangíveis, além da inversão das lógicas proteção e risco.

Os vigilantes em seus turnos vivenciam uma rotina nos espaços dos casarões que remetem as suas próprias casas – acomodam-se para cochilar, tomam banho, escovam os dentes, distraem-se com a televisão, alguns dispensam partes do fardamento para ficarem à vontade; porém, a casa não necessariamente se configura como um lugar de conforto.

Da Matta (1997) tece considerações sobre a casa e a rua enquanto delimitados entre o público e o privado. Ao apontar as ruas como espaços públicos associadas a riscos, desordem, anonimato, movimentos desconhecidos; e as casas como espaços privados, associados a proteção, aconchego, intimidade, relações familiares, o autor evidencia noções de proteção e risco – que considero serem invertidas no contexto de Joana. Joana e seus colegas demonstram o contrário. A partir do momento, em Joana passa a ‘vigiar da rua’ acompanhada por seus colegas homens, há um deslocamento entre noções de risco/proteção e casa/rua. Ao reunirem-se na praça durante a madrugada, desfrutam de um convívio prazeroso de conversas e brincadeiras, o que dissolve as noções de perigo. A imagem das ruas desertas à noite, como um cenário de perigos em específico as mulheres, ou das casas como um espaço reservado a proteção, são provocadas na medida em que Joana se sente mais confortável na rua, ‘exposta’, acompanhada por homens, do que no âmbito da casa.

Dessa forma, a busca por aparatos de defesa ocasionou uma familiarização com o ambiente. Até que obtivesse conforto, Joana reinventou maneiras de não sentir agonia no trabalho, o que aconteceu quando começou a usar o escapulário em seus turnos. Nesse sentido, o escapulário, aparece como o objeto que contemplou a proteção que estava ausente e estabilizou a relação entre Joana, a casa e os seres intangíveis. Para ela, o objeto trouxe consigo a *paz* que julgava precisar naquele momento em sua vida, cessando seus medos e desconfortos espirituais. Acostumar-se com o casarão, acredito ser o marco de um relacionamento mais

confortável estabelecido entre pessoas e seres intangíveis. Processo comentado por diversos vigilantes⁴⁶:

Ou você se acostuma, ou não vai trabalhar em lugar nenhum (D30).
Quando eu cheguei no primeiro dia eu senti, depois eu me acostumei com aquele movimento (Seu Luís).
Vulto constantemente, até acostumei com esse cheiro direto (Roberto).
Mas Graças a Deus me acostumei, depois que eu me acostumei tudo passou (Joana).
Eu não tenho mais medo, eu já acostumei. Eu não tenho mais medo (Seu Márcio).
Quem tem medo fica com medo. A gente vai se ambientando. Vai acostumando. (Seu José).

A descoberta de como as presenças funcionam – seus lugares preferidos, os objetos que mais gostam, ou sua forma recorrente de manifestação, são reconhecimentos dos hábitos das mesmas e adaptação das pessoas a elas. Uma transformação na relação é iniciada quando se acostuma com as manifestações sensoriais e não é mais afetado por elas. Cada pessoa encontra suas próprias maneiras de lidar com isso. Os incômodos cessam, e os vigilantes passam a identificar seu local de trabalho como um lugar de conforto: Joana se acostumou aos barulhos; Roberto se acostumou ao cheiro de rosas; D30 se acostumou com os *vultos*; Beto se acostumou com o choro que vinha do poço.

3.2 Outras desproteções

Sobre a desproteção dos vigilantes

Era por volta de uma hora da tarde de um sábado, fui ao encontro de Amaro no Museu Histórico e Artístico. Ele reclamava em voz alta com o funcionário do balcão de visitas, a pauta era a falta de água filtrada durante toda a semana. Ofereceu-me a cadeira de plástico branca, sentamos próximo à mesinha de madeira, me explicou que os funcionários estavam sem galão de água mineral, e que acreditava não ter tido algum dos repasses de dinheiro para comprar mantimentos do Museu.

A pauta dos noticiários naquela semana era a prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, e entre eu e Amaro naquele dia não foi diferente. Disse-me que achou uma prisão justa, e que outros políticos deveriam ser presos urgentemente, como o senador Aécio Neves – “a gente trabalha feito um jumento pra sustentar um monte de gente”, completou, enquanto eu

⁴⁶ Inclusive, Seu José, vigilante do MHAM que não acredita que tenham espíritos nos casarões. O segurança, que explica os fenômenos com uma leitura racional, diz ter se acostumado com os barulhos do museu – os pombos, os vidros tremendo, os ventos.

concordava a afirmação. Não se auto definiu nem como de esquerda, nem de direita, mas dizia buscar políticos que querem um país melhor. Falou estar decepcionado com algumas atitudes do governador Flávio Dino, reclamando que ele precisava “*demitir o rapaz da secretaria de saúde*”, e afirmou ter certeza que eu era “*esquerdista*” – enquanto eu sorria bastante de suas impressões.

Passamos a tarde falando sobre casos de corrupção no Maranhão, um deles com bastante indignação – a conhecida como ‘*prefeita ostentação*’⁴⁷ da cidade de Bom Jardim, interior do estado, que desviava dinheiro da educação pública enquanto postava em redes sociais suas viagens de luxo. “*Eu gosto de falar de política*”, comentou que infelizmente, no seu outro emprego de vigilante, é recomendado que ele não fale sobre política – por conta do dono do estabelecimento ser irmão de um influente político da cidade. Comentei que achava absurdo regular os tópicos que um vigilante poderia conversar ou não, então Amaro sorriu dizendo que *isso não era nada*.

A relação entre a política e a vida dos vigilantes são mais estreitas do que as opiniões de Amaro sobre as eleições. Como já mencionado, o vínculo dos vigilantes nos prédios públicos é mediado por um processo de licitação de empresas privadas. Segundo meus interlocutores, nesse processo, também são escolhidas empresas por vínculos de *amizade política*, termo utilizado por D30. Os profissionais mais antigos contam que há dez anos atrás, havia monopólio de uma só empresa na segurança dos prédios do estado. Fazia cerca de dois anos que essa empresa havia sido substituída – tanto que muitos dos profissionais que conheci migraram para ela para que permanecessem nos mesmos postos de trabalho.

Todos os vigilantes que trabalhavam no Prédio da História da UEMA foram substituídos em novembro de 2017. Quando reencontrei D30, em janeiro de 2018, disse que não fora demitido, e sim, trocado de posto, mesmo querendo ter continuado em seu trabalho no Centro Histórico – “*Eu já esperava que isso fosse acontecer... ano político é assim mesmo... muda tudo!*” exclamou sorrindo, dizendo que a administração do curso de história tentou mantê-los no local mas não deu certo. Os alunos, professores e funcionários se reuniram em assembleias, e fizeram um abaixo-assinado pedindo à Reitoria da UEMA e à empresa de vigilância a permanência dos profissionais:

Atenção alunos, convocamos a todos para na sexta-feira dia 03/11/2017, para nos reunirmos e fazermos um abaixo-assinado contra a saída dos funcionários da vigilância que serão dispensados com a entrada da nova empresa de segurança. O abaixo-assinado será levado a reitoria e para a própria empresa, pedindo a

⁴⁷ Apelido dado a Lidiane Leite, ex-prefeita da cidade de Bom Jardim, condenada por crimes como fraude de licitações, falsidade ideológica, associação criminosa e crime de responsabilidade.

permanência dos funcionários nos seus postos. Vamos fazer isso por D30 e os demais vigilantes que além de excelentes funcionários, que já conhecem a nossa realidade, nos conhecem, e também a rotina do curso de História, são pais de família que necessitam do seu emprego. Organizar e agir!'. (Convocatória publicada via Facebook⁴⁸).

A permanência de um funcionário de empresas privadas de vigilância que são contratadas pelo estado em um mesmo posto está sujeita à conjectura de relações políticas ou contratuais do governo em vigência. No caso de D30, a empresa em que trabalhava foi substituída por outra, que não permitiu que os profissionais já alocados em posto, como ele, se tornassem novos funcionários - então, ele permaneceu na mesma empresa e foi trocado de posto.

Seu José, por exemplo, trocou de posto por mais de dezoito vezes em seus quase trinta anos de exercício na vigilância. Por outro lado, Joana conseguiu permanecer por dez anos em seu mesmo posto, no entanto, trocou de empresa para que isso acontecesse. De qualquer forma, o vigilante nem sempre tem escolha sobre a sua permanência ou mudança de posto de trabalho, quase sempre abre mão de algo para continuar empregado— boas relações no trabalho, proximidade de casa/logística de locomoção, alteração do plano de saúde, benefícios de valor inferior⁴⁹ etc.

Pelo que percebi, na permuta de empresas, o profissional está sujeito a três situações: 1. Continuar na mesma empresa, e mudar de posto, obviamente se houver outro local disponível (caso de D30); 2. Sair da empresa anterior, e ser absorvido pela nova empresa, em caso de recrutarem novos profissionais (caso de Amaro, Joana e outros vigilantes que já trocaram de empresa para que permanecessem nos mesmo lugares); 3. Ser demitido, em caso de não haver outra vaga na sua empresa atual e nem na nova empresa. As relações narradas entre políticos e donos de empresas de vigilância, me pareciam ser determinantes sobre a alocação ou substituição de funcionários.

As exigências da categoria são manifestadas pela atuação do Sindicato dos Vigilantes. Para ser sindicalizado, paga-se quarenta reais e uma fração – o profissional tem descontos em planos odontológicos conveniados, autoescolas, e pode cortar o cabelo e fazer a barba gratuitamente, na barbearia em frente à sede do sindicato, localizado na Rua dos Afogados no

⁴⁸ Convocatória publicada em página do curso de História da UEMA na rede social Facebook. Os nomes das empresas foram retirados por mim. Mais informações em: https://www.facebook.com/pages/Pr%C3%A9dio-De-Hist%C3%B3ria-Uema/784750034882830?ref=br_rs.

⁴⁹ Refiro-me a mudanças de empresas em que o vigilante passa a receber auxílios (alimentação, maternidade e outros) inferiores aos que recebia anteriormente. Os salários variam de acordo com as empresas, estabeleci uma média de 1.500 a 2.000 reais com benefícios inclusos, pelo que ouvi dos vigilantes.

centro de São Luís. Entre as reclamações, me relataram – o aumento insignificativo de cinquenta centavos no ticket refeição (que alterou o valor de 16 reais para 16 reais e 50 centavos⁵⁰); e a substituição do plano de saúde, que desagradou por ter poucos locais para atendimento, o que foi considerada uma decadência em relação ao antigo plano.

Os vigilantes têm consciência da instabilidade de seus cargos, e da possibilidade de ficarem desempregados. Sendo um funcionário à mercê do melhor cenário para as empresas, grande parte dos vigilantes cria outros planos para a carreira profissional – buscar mais de um emprego, cursar faculdade ou ter outra atividade. Entre as razões, estão a incerteza de seus contratos, a chance de ter um maior salário, ou preocupações com a segurança pessoal.

A preocupação com a estabilidade financeira é notória na maioria das trajetórias. Amaro, quando ainda morava com seus pais, após ter concluído o ensino médio, ficou um tempo apenas estudando para concursos. Seu primeiro emprego foi de assistente administrativo, até que resolveu fazer o curso de vigilância – o que lhe rendeu a função que exerce até os dias atuais para sustentar sua esposa e filho. Hoje, percebe que os tempos em que se dedicava apenas a estudar para concursos, era um privilégio – pois desde que teve filho passou a ter dois empregos na área de segurança, para tentar oferecer bons estudos para ele, de forma que trabalha os trinta dias do mês. Vários vigilantes almejam estudar em alguma faculdade – Amaro tem planos de fazer direito, assim que seu filho tiver um emprego que possa ajudar das contas da casa; D30 falava em cursar Música ou licenciatura em História, já que se identificava bastante com as pesquisas dos alunos que conhecia.

Já os profissionais mais experientes, como Seu José e Seu Márcio, demonstram um conforto oriundo de anos de profissão – conquistas como casa própria, filhos criados e empregados, são contadas com louvor, entre seus planos principais está a aposentadoria. Seu Márcio já havia conseguido se aposentar como vigia, porém continuava em exercício como vigilante de empresa privada.

Nos contextos em que fiz pesquisa, os vigilantes têm como seus ‘chefes’ tanto os responsáveis pela instituição (prédio público), quanto os inspetores das empresas privadas. Dificilmente mencionavam relações de conflito em seus postos de trabalho, mas os que ouvi diziam respeito a fofocas sobre seu comportamento – conversar demais e não prestar atenção nos transeuntes; estar muito concentrado no celular ou ausentar-se das entradas dos prédios por muito tempo; estavam entre as razões possíveis de algum comentário sobre suas posturas.

⁵⁰ Devido as alternâncias, todo vigilante recebe o valor referente a quinze refeições, o que equivale cerca de quinze refeições ao mês, acrescentados ao salário.

O controle das empresas privadas sobre suas funções, era estabelecido através do inspetor – funcionário que roda por todos os postos onde têm vigilantes da empresa, constatando por meio de assinaturas que estavam executando suas atividades como deveriam – devidamente fardados, com os recursos de segurança exigidos para tal. As visitas de inspetores podem acontecer a qualquer momento – começo, meio ou final de turnos. Se por ventura, o vigilante estiver com algum dos requisitos inadequados, é advertido – ou seja, suspenso por um ou mais dias de trabalho, os quais são descontados de seu salário. Amaro, me disse já ter sido advertido por duas vezes pelo mesmo inspetor – foi suspenso por cinco dias por uma falta (mesmo que tenha sido justificada), o que lhe custou quase oitocentos reais descontados do salário no final do mês.

Desse modo, é possível perceber como a insegurança do vínculo empregatício é uma das dimensões de desproteção do vigilante – após ter adquirido laços, se adaptado a dinâmica de funcionamento, sabe que pode ser substituído repentinamente. Da mesma maneira, a exposição ao perigo/violência em suas funções, como assaltos, assassinatos ou estupros, é outro segmento de desproteção. A arma, que é tida como instrumento de maior poder para proteger a si mesmo e ao patrimônio, é um dos principais elementos de perigo – visto que é um dos principais alvos de grupos de assaltantes.

As armas pertencem às empresas, quando os vigilantes trabalham armados, é obrigatório que nos próprios postos tenham um cofre para armazená-las. Segundo meus interlocutores, as pistolas fornecidas pelas empresas, não são tão eficazes quanto as utilizadas por assaltantes – só tem capacidade para cinco tiros, enquanto que as armas utilizadas por assaltantes cabem cerca de quinze tiros. Em raros casos ouvi que foi necessário que utilizassem⁵¹ suas armas, no entanto, tentativas de assalto ou arrombamento não são incomuns.

A noite, além de ser o turno preferido dos seres intangíveis, é também o turno que assaltantes costumam agir. A prática de ‘tirar folga’ em postos de trabalho que não se conhece, é tida como uma das mais perigosas. Diferente das trocas entre vigilantes que são colegas, mencionadas no Capítulo 1, essas são solicitadas pela própria empresa. Segundo Amaro, a empresa costuma ligar (normalmente com urgência) perguntando se o profissional está disponível para trabalhar naquele dia para substituir um colega, caso esteja, receberá o valor extra da diária como pagamento junto ao salário. Aceitar ou não o trabalho extra é facultativo, assim como é inteira responsabilidade do vigilante habituar-se a dinâmica do local, que pode

⁵¹ Vale ressaltar, que mesmo sendo raro que utilizem armas, as empresas de vigilância possuem um procedimento obrigatório realizado a cada dois anos, chamado reciclagem. O intuito é atualizar o profissional dos conteúdos básicos do curso que outrora fizera, inclusive a utilização de armas de fogo e códigos de rádio.

variar – terrenos, supermercados, materiais de construção etc. O perigo nesses casos, é ‘não saber aonde está entrando’.

O maior problema de ir trocar turnos em lugares que não se conhece, é não ser situado pela empresa sobre seu funcionamento - *“Já me ligaram, disseram que era um posto bacana né. Chegando lá, o lugar não tinha muro, era só mato. Três homens entraram pra me roubar, pra fazer o mal comigo, pra tirar minha arma”*, contou-me Amaro, sobre uma das vezes que foi chamado. Desde então, ele só aceita substituir alguém se conhece o local. Completou que alguns usuários de crack já entraram no museu pelos fundos, e levaram um ventilador – exclamou que era o item de menor valor a ser roubado em um museu como aquele.

Para além das diferentes formas de conceber vulnerabilidades (emprego, riscos de vida e ‘perigos intangíveis’) que apresentei, acredito que os vigilantes terminam por estabelecer vínculos, permeados pelos casarões, que extrapolam seus ofícios de trabalho. Infelizmente, o abaixo assinado para manter os vigilantes da faculdade de História não obteve o resultado esperado, porém, no início de 2018, D30 foi um dos homenageados na formatura dos graduados do curso. Escolhido como padrinho da turma, que levou o seu ‘nome’, D30 me contou orgulhoso que o gesto foi fruto do respeito e amizade que fez durante sua passagem por aquele posto. Isto, remete como vigiar o casarão permite ao vigilante envolver-se em diferentes engajamentos – fazem amizades; compartilham experiências; deslocam percepções sobre vida/morte/corpo/espírito/etc.; constroem familiaridade com seres intangíveis; despertam percepções sobre o patrimônio – ao reparar os ratos, goteiras, ou reformas.

Sobre a transformação das casas e desproteções das coisas

Amaro já havia mencionado a reforma com bastante empolgação, mostrando-se um completo defensor das mudanças previstas. Entre uma de suas preocupações, estavam os cupins – *“Já pensou esse negócio desaba?”*, me falou apreensivo apontando para o segundo pavimento que possui chão de madeira. As visitas para inspecionar o casarão já haviam começado, o vigilante demonstrava indignação com algumas coisas no prédio. Destacou o estado em que se encontrava o pequeno teatro – em desuso, os objetos estavam cobertos por cascas de cupins, baratas passeavam se proliferando pelo espaço, sem contar nas superfícies corroídas por mordidas de ratos. Narrou que há alguns anos havia notificado seus superiores sobre uma infestação de cupins que se alastrava num piano - apesar de tomadas as providências, Amaro acredita que já era tarde demais para o piano ser restaurado.

Animado com os rumores da reforma, dividiu comigo outras coisas que acreditava estarem sobre risco eminente – “*Aqui tem coisa de valor incalculável*”, citou a obra de Pablo Picasso que fora doada ao acervo, que em caso de dano, não haveria como ser reposta. Mencionou a necessidade de uma estrutura que controlasse umidade ou pragas, para assim preservar as obras originais. “*Muita coisa, muita coisa mesmo tem que mudar aqui. A pessoa que é cadeirante vai subir essa escada aqui?*”, falou apontando para as escadas, terminamos por deduzir que havia pouca acessibilidade nos museus e ruas do Centro Histórico.

Em outro momento, em conversa com a diretora do MHAM, tive a confirmação que a reforma era um plano confirmado. Entre as mudanças previstas, estavam várias das indignações de Amaro – a reforma do pequeno teatro, manutenção da parte de fiação elétrica (que representa risco de incêndio), os telhados (os quais os pombos se acomodam) serão refeitos – agora com uma técnica implantada pelo IPHAN, que parece ser um tipo de amarra entre os telhados, para que não saiam do lugar ou facilite a entrada de animais.

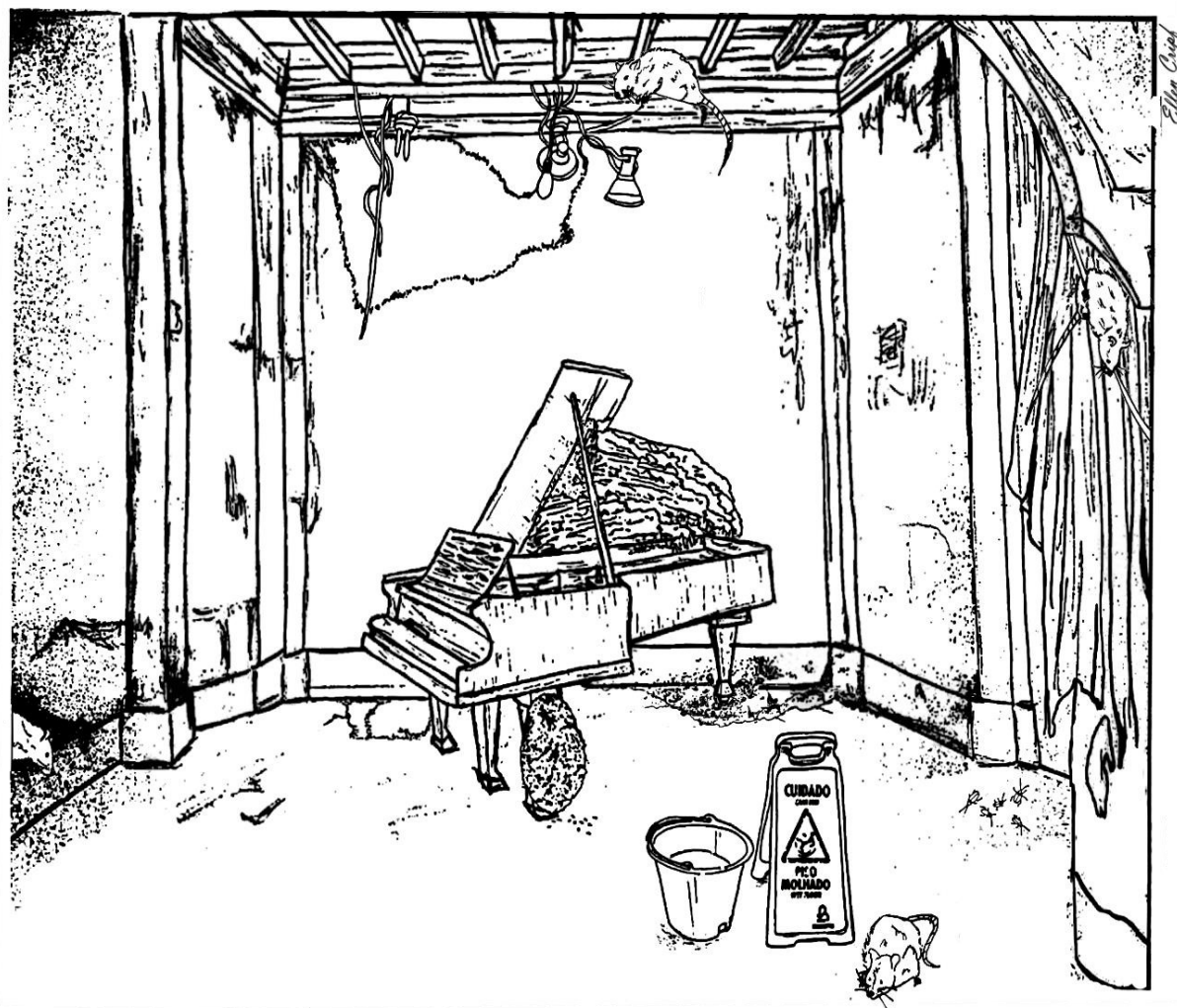


Figura 11. ‘O piano e os cupins’ (Ilustração)

A partir dos questionamentos de André Guedes (2017), proponho pensar sobre mudanças e/ou transformações nas casas e os entes que misturam-se com elas. Guedes (2017) acompanha as mudanças em Minaçu (Goiás) após seis anos de sua pesquisa de doutoramento, e analisa como foram estabelecidas/mantidas relações entre casas, pessoas e cidades - a chegada das políticas de habitação nas camadas populares; a transformação de casas e formas de moradia; a mudança de pessoas para outras cidades por razões diversas (família, casamento, divórcio etc.); entre outras coisas que evidenciam como ocorrem processos e como as relações não são fixas ou permanentes.

No contexto do Centro Histórico, parto das reformas de casarões como processos – substituições de materiais, manutenção dos velhos, destruição de compartimentos – O que as transformações levam ou mantêm? Qual a interferência das reformas na mistura entre pessoas, animais e seres intangíveis? Para isso, parto de três dimensões que habitam as casas: o tempo/natureza; os animais/insetos; e os seres intangíveis.

Do início para o final do campo, pude assistir vários casarões e praças em reforma. O Cafú das Mercês, já estava há anos com seu segundo pavimento isolado. Segundo a diretoria, uma infiltração foi criando vida e crescia pelo forro – como se fosse uma grande barriga. Por receio de machucar pessoas ou o próprio acervo, o prédio entrou em reforma em 2018.

A Casa de Nhozinho⁵², onde tantas vezes encostava para falar com Silvana, foi fechada para uma reforma prevista para noventa dias, em fevereiro de 2018. Quase um ano depois, em janeiro de 2019, ainda posso ver as estruturas de metais utilizadas para os reparos externos, e o museu permanece fechado. Normalmente, nos museus em períodos de reforma, ficam apenas funcionários administrativos e os vigilantes, sendo fechado para visitantes.

Nunca pude visitar o cenário da ‘narrativa cartão de visitas’ dos vigilantes – o Museu de Artes Visuais, que está fechado desde Outubro de 2015. Mesmo tendo sido reinaugurado em julho de 2018, por representantes do IPHAN e do governo estadual, segue com as portas fechadas. Sob outro ponto de vista, alguns espaços foram inaugurados, prontos para uso – por exemplo, a entrega das Praças Deodoro, Praça Dom Pedro II, Casa do Tambor de Crioula. Na Praça Deodoro, foram reinstalados dezoito bustos de intelectuais maranhenses, que permaneceram guardados durante anos no MHAM – “Os bustos são de bronze e resistentes a intempéries como o sol, chuva e ventos”⁵³.

⁵² Reportagem que contém mais informações: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2018/10/12/museu-de-artes-visuais-e-casa-de-nhozinho-seguem-fechadas-em-sao-luis.ghtml>.

⁵³ Mais informações disponíveis em: www.agenciasaoluis.com.br/noticia/226550.

Pode-se dizer, que as intervenções do Estado, mesmo que com intuito de preservar o patrimônio sob ameaça, pode terminar causando destruição dos edifícios em outros aspectos por conta da demora da execução da reforma. Pelo que pude perceber quanto mais demorada uma reforma, mais ela pode colocar coisas em risco. A reforma que perdurou por nove anos no MHAM, colocou em risco diversos segmentos - documentos da instituição, registro da memória institucional de acervo, desaparecimento ou rasura em peças, objetos ficaram expostos a poeira ou aos temidos cupins. Em reforma⁵⁴ de 1989 a 1998, o museu teve danos ocasionados pela própria intervenção – aglomerando objetos, insetos, em situações que colocaram em risco bens incalculáveis.

A reserva técnica, acervo não utilizado no momento, é a mais vulnerável perante as combinações que as reformas trazem – com o espaço em desuso, a mistura entre temperaturas favorece a proliferação de pragas. As peças podem ser perdidas, pelo simples contato uma com a outra – papel junto a bronze, mistura-se com poeira, acrescenta-se uma pequena goteira, depois de alguns dias os cupins já podem ter construído casas imensas. Em uma pesquisa rápida, descobri que existem cerca de três mil espécies de cupins, com preferências diversas – “Algumas preferem madeira seca, como a dos móveis, outras madeira dura, enquanto ainda existem as que gostam de madeira úmida e as que escolhem a madeira podre. Existem ainda espécies que não comem madeira, e sim húmus presente no solo”⁵⁵. Por essas e outras razões, os cupins e ratos, são uma grande preocupação do Museu – sendo ameaças tanto a papéis quanto a madeiras.

Os ratos⁵⁶, relatados pelos vigilantes como companheiros de turnos, são nocivos para diversas texturas. Além disso, podem ser facilmente confundidos com um *espírito*, mas logo o barulho feito pelo roer de seus dentes o denuncia. Os ruídos feitos por animais podiam ser confundidos com seres intangíveis, assim como, seres intangíveis poderiam ser explicados por ruídos de animais. Uma vez, quando me contavam sobre barulhos, fui confundida pela narrativa:

Zé do Bingo – *Eu escuto né...*
Eu – *Escuta o quê?*
Zé do Bingo – *Ah, pancada na porta aí, né.*

⁵⁴ A demora é explicada por sérios conflitos com as construtoras encarregadas da função.

⁵⁵ Trecho de entrevista com representante do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/voce-sabia/os-cupins-comem-a-madeira,5b18d8aec67ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

⁵⁶ Ratos foram descritos como habitantes de toda a região central de São Luís. Na reportagem feita pelo Jornal O Estado, trabalhadores e consumidores do mercado central relatam sobre os processos de deterioração que junta animais, chuvas, e ausência de reparos. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2018/06/19/mercado-central-tem-prejuizos-provocados-por-deterioracao/>.

Eu – *Que mais...*
Zé do Bingo – *Tem o gato...*
Eu – *O gato?*
Zé do Bingo – *O gato preto!*
Eu – *Um vulto?*
Zé do Bingo – *Não, o gato era de verdade!*
(Registro de campo, abril de 2017).

Zé do Bingo era um dos vigilantes da Casa de Nhozinho, que dizia ter como perturbações o vento e um gato preto. No Museu de Arqueologia, quando conversei com uma vigilante e zelador, contaram-me de mais um gato – ele costumava incomodar à noite, se movimentando pelo forro. Foi organizada uma operação para remover o animal, mas o barulho continuava então deduziram ser *assombrações*.

Seu Daniel, vigia noturno do Arquivo Público, falou-me dos grupos de baratas que invadiam o casarão, antes da reforma em 1997. Nas madrugadas, quando ‘vigia da rua’ com seus colegas, ele costumava derramar um pouco de cachaça no chão para que elas bebessem, dizendo que eram baratas bem festeiras: “*As baratas daqui gostam de uma cachaça! Tu já deu cachaça pra elas? Só cachaceira!*”, pediu que eu percebesse como elas estavam em todas as festas pelas praças do Centro Histórico. Com as substituições de saneamento da Rua de Nazaré, diz que tanto os ratos quanto as baratas sumiram por um tempo.

Tsing (2015) analisa através dos cogumelos, como as interações multiespécies podem questionar a superioridade humana. Ao considerar coexistências/coabitações, a autora rebate a ênfase histórica do ser humano como único ser autônomo que controla ou impacta outras espécies. Dessa forma, considero que os conjuntos de interações e acontecimentos têm agência sobre as casas históricas – as escadas de madeira, portas ou janelas, podem ser roídas por cupins e serem facilmente inutilizadas; os ventos podem afastar telhas; as chuvas⁵⁷ podem causar goteiras; ocasionar umidade e mofo nas paredes; ratos e cupins podem destruir bens incalculáveis; e em caso da não manutenção adequada das instalações elétricas, incêndios⁵⁸ podem acontecer – assim, a mistura desses elementos termina por tornar desprotegido a estrutura física do casarão e as coisas que guarda.

Em uma reforma, que favorece a presença dos animais/pragas, o papel é o material mais vulnerável. No Arquivo Público, os bens mais valiosos são feitos de papel – dados da câmara

⁵⁷ Em Março de 2019, uma tempestade derrubou um casarão localizado na Rua Jacinto Maia, no Centro Histórico de São Luís. Reportagem da Rede Mirante de televisão, disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/videos/v/apos-forte-chuva-casarao-desaba-em-sao-luis/7483073/>.

⁵⁸ Vale ressaltar a tragédia ocorrida com o Museu Nacional no Rio de Janeiro em setembro de 2018. O incêndio no museu que guardava parte da história do Brasil e do mundo, permitiu que fossem percebidos vários aspectos que necessitavam de manutenção urgente – infiltrações, instalações elétricas, dejetos de animais, e cupins, estão entre eles. Mais informações disponíveis em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45398964>.

municipal de São Luís, fundos da arquidiocese, biblioteca de apoio repleta de livros raros ou papéis com partituras seculares. Para uso de algumas fontes de pesquisa, é obrigatório o uso de luvas para tocar nos papéis – já que as mãos humanas podem contaminá-las. Por isso, há uma vigilância de infiltrações ou danos causados pelas chuvas, já que colocam o acervo de pesquisa em risco.

No Museu, a temperatura ideal para algumas obras é de dezoito graus – visto que, quando as obras de papel entram em contato com a umidade, encolhem seu tamanho, porém, a climatização ainda não foi providenciada. Da mesma forma, obras estão sujeitas a manchas oriundas de baratas, cupins ou ratos. A administração se esforça constantemente para evitar a proliferação das pragas – mantendo o museu fechado para limpeza as segundas-feiras – passa por dedetizações quando necessário, e passou a ter um serviço de vistoria que, diariamente, busca identificar possíveis ameaças às peças.

As coleções que compunham o acervo se espalharam⁵⁹ com a reforma. Assim que inaugurado, na década de setenta, o Museu Histórico tinha cerca de mil peças oriundas de doações e coleções particulares (MARANHÃO, 2014, p. 07). Após a longa reforma nos anos noventa, foram feitas restaurações de peças, e remanejamento de outras para a criação dos três museus administrados pelo MHAM – uma coleção sobre arte no Maranhão foi doada para criar o Museu de Artes Visuais; as peças que traçam a trajetória da arquidiocese maranhense foram doadas para criar o Museu de Arte Sacra; e por fim, dos objetos que expressam a trajetória dos negros no Maranhão criou-se o Cafú das Mercês.

No final da reforma do MHAM foram demolidos dois compartimentos que ficavam no jardim – um alpendre (um tipo de varanda) e uma casa de banhos (MARANHÃO, p. 23, 2014). Segundo funcionárias, a casa de banho foi destruída por ser contemporânea ao modelo da casa histórica - a casa de banho que foi construída no século XX, destoava de toda a construção do século XIX. Roseiras que sobreviviam há décadas foram arrancadas, permanecendo apenas esculpidas nos azulejos.

Outras coisas se mantiveram intocadas – as pedras de cantaria, as chamadas “janelas de assento”, os portões originais – que ainda permanecem sendo fechados por uma única chave, que ninguém pode tirar cópias ou levar para casa. A chave, para além de abrir ou fechar os portões, se constitui como um patrimônio manuseado diariamente por vigilantes. Os vigilantes

⁵⁹ Na ‘bagunça’ trazida pelas construções, podem ocorrer furtos nem sempre imediatamente percebidos – quando o Museu de Arte Sacra ainda funcionava ao lado do MHAM, uma mulher furtou uma valiosa coroa de ouro da reserva técnica. Outros casos já foram registrados no Museu de Artes Visuais e, infelizmente, os maiores suspeitos são os próprios funcionários

que conheci eram orientados a não deixá-la sem o engate das correntes. “*Essa chave é única, só tem essa aqui, se esse pessoal olha, eles levam na hora, isso é uma relíquia*”, me disse Amaro, que a segurou para que eu tirasse uma fotografia dela (figura 6).

A demora para a execução das reformas, misturada ao desuso dos espaços, favorece a vulnerabilidade das casas e bens que guardam. A força do tempo misturada com a natureza, podem causar danos significativos – tempestades e ventanias podem derrubar paredes; plantas podem espalhar suas raízes e causar rachaduras no chão; a exposição a situações semelhantes por muito tempo, sem os devidos reparos, termina por ameaçar o que tornam estas casas tão valiosas – suas características coloniais. Isto, permite pensar em como as casas constituem processos – que engajam uma reunião de vidas (INGOLD, 2012), e o tombamento como patrimônio não congela essas interferências. O título de patrimônio concedido a essas casas, parece oferecê-las uma dimensão do intocável ou permanente – mas pode-se assistir um esforço de pequenas mudanças continuamente em prol de mantê-las preservadas, como aponta Ingold (2012): “A casa real nunca fica pronta. Ela exige de seus moradores um esforço contínuo de reforço face ao vaivém de seus habitantes humanos, para não falar do clima! A água das chuvas pinga através do telhado onde o vento carregou uma telha, alimentando o crescimento de fungos que ameaçam decompor a madeira”. (INGOLD, 2012, p. 30). Portanto, é como se estivessem em constante ameaça pelos diversos entes que habitam nela.

Sob esse ponto de vista, há uma plasticidade nos casarões do Centro Histórico - aquele imóvel que desmoronou, sobrando apenas as paredes e pedaços de teto – ganha uma placa de estacionamento; casarões abandonados por muito tempo, são ocupados por famílias de baixa renda tornando-se uma nova moradia; estabelecimentos mudam de lugar, entram em reforma, ficam em desuso, tornam-se locais de ‘base’ por meliantes. Sendo assim, as ocupações dos prédios históricos superam a lógica de perdas e ganhos alimentada pela preservação de patrimônio, na medida em que são capazes de serem reocupados de outra forma pelas pessoas.

Os processos de transformação que ocorrem com a passagem do tempo também podem deixar seres desprotegidos. “*O prédio antigo que faz a coisa acontecer*”, foi o que Roberto disse sobre o cheiro de rosas da baronesa. Explicou a mim e Amaro, que quanto mais original um casarão, mais tende a ter *espíritos*. As reformas que inserem ‘coisas modernas’ espantam eles. Seu Daniel, já havia me dito uma coisa parecida. As *visagens* de mulheres no prédio do Arquivo Público, teriam ido junto com a chegada de novas tecnologias implantadas na casa – as lâmpadas que iluminam espaços maiores, a substituição das madeiras ou do telhado. O

vigilante defendia, que quanto mais moderno um casarão, menos tem *assombrações*. Lembra, as mudanças que a modernidade fez nos casarões que passou:

Hoje se modernizou né... Antigamente os prédios era diferente... O Museu Histórico até hoje tem aquele 'portãozão' com uma chave imensa que gira... que não tem nem como ter cópia daquela chave... Antes as luzes nesses casarão não eram tão fortes, era uma luzinha pra iluminar um espaço... Antes tinham os datilógrafos, não os computadores, e fora que aquela época tinham muitos ratos! Qualquer barulhinho também podiam ser ratos! Como se modernizou essas casas, isso vai sumindo, as visagem... (Registro de campo, outubro de 2017).

Essas falas, mostram a possibilidade dos seres intangíveis também serem afetados por mudanças. Meus interlocutores antagonizam dois aspectos que determinam a presença ou ausência de seres intangíveis – por um lado a antiguidade/originalidade e, por outro, a modernidade/tecnologia. Penso que isto acrescenta mais algumas características sobre os seres intangíveis – além de pouco movimento, gosto pelo horário da noite, acredito que eles preferem a permanência/constância dos espaços. Enquanto nós, humanos, entramos em uma tendência de busca por tecnologia em todos os aspectos de nossas vidas, os seres intangíveis parecem gostar de estruturas artesanais – pedras de cantaria, janelas estilo guilhotina ou forros estilo espinha de peixe – sendo resistentes as transformações em seus espaços de morada. Nesse sentido, pode-se pensar que os seres intangíveis não são tão estáveis, e a agência humana pode torná-los vulneráveis. É como se chegasse um dia em que são espantados por barulhos – furadeiras, martelos, enxadas... e saíssem correndo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Capítulo 1, busquei situar como as pessoas que convivem com casarões entram num ciclo narrativo sobre o Centro Histórico, formado pelo compartilhamento de eventos/experiências de moradores, vigilantes, funcionários – que podem ou não ter vivido essas experiências, mas que igualmente contribuem para sua dispersão. ‘Etnografia fantasma’ reflete como ideias sobre os casarões circulam, e conseguem afetar as pessoas – que nunca viram/ sentiram/encontraram; e ao mesmo tempo, continuam a alimentar essas ideias. Minha intenção, foi mencionar que o transporte de narrativas não é aleatório ou arbitrário. Elas saem do âmbito de imaginário e passam a ser fruto de um acontecimento – nos quais, grande parte das vezes, o vigilante é uma figura central. Assim, os profissionais da segurança se constituem como fontes de experiência ao compartilhar o que encontram em seu ofício nas casas históricas. Como bons narradores, tornam-se uma das ligações materiais dessas narrativas – embasadas em situações onde presenças intangíveis foram vistas/ouvidas/sentidas. As narrativas formam como um nexo de relação entre seres diversos e os humanos.

No Capítulo 2, busquei mostrar como os seres intangíveis ganham forma a partir das percepções dos vigilantes. Suas descobertas sobre como funcionam seus espaços de trabalho – interdições por desconfortos de sensações; medos; questionamentos; encontram explicações em seres intangíveis. O corpo e os objetos são o suporte material que permite entender essas entidades; através deles, os vigilantes obtêm informações sobre quem habita os casarões – seus comportamentos; territórios; gostos; com isso, conjecturam suas histórias. Dessa forma, os seguranças criam estratégias próprias para conviver com os seres intangíveis – mecanismos de defesa/evitação/bom relacionamento ou formas de explicação racionais são acionadas para o ‘se acostumar’ com as casas. A partir disso, uma ambiguidade entre proteção/desproteção cerca o ofício dos vigilantes, na medida em que vigia e sente-se vigiado.

No Capítulo 3, busquei discutir sobre as formas de vulnerabilidade que cercam os entes da pesquisa. O encontro entre vínculos – seres intangíveis/casas; vigilantes/trabalho/casas/seres intangíveis; casas/Estado/natureza - passa por transformações ao decorrer do tempo. Há uma transformação de relacionamento entre humano e ser intangível – o vigilante se acostuma com as interdições, a partir das técnicas traçadas por si mesmo e inaugura um novo arcabouço sobre a vigilância – que invalida as técnicas institucionais de proteção e agrega outras. As variadas dimensões da temporalidade não tratam apenas do processo temporal no qual os vigilantes se acostumam aos casarões, mas, indicam ainda que os casarões do Centro Histórico sofrem

impacto das agências do tempo e da natureza. Tempestades, ratos, cupins, plantas e outros seres se misturam e ameaçam as características que tornam os casarões especiais. As reformas congeladas com o passar dos anos mostram um Estado que, com intenção de preservação, contribui para deterioração. Além disso, há a possibilidade dos seres intangíveis também serem impactados pelas reformas das casas – objetos, poeira, tempo, e espaços em desuso parecem interferir no vínculo entre os seres e as casas, o que demonstra que também são passíveis de vulnerabilidade e interdições.

Acredito que a dissertação, nesses três capítulos, nos permita considerar alguns desdobramentos interessantes nas formas de perceber a relação entre casas, pessoas e seres intangíveis no Centro Histórico. Em primeiro lugar, o profissional encarregado de proteger, encontra-se desprotegido em outros âmbitos – os vínculos empregatícios carregados de instabilidade; as mulheres que enfrentam múltiplas jornadas além do trabalho; atraso de salários; mudança repentina de posto de trabalho; violência; são coisas que remetem à vulnerabilidade. Por outro lado, em sua função de ‘vigiar’, os vigilantes envolvem-se em vínculos que excedem o propósito inicial – estabelecem relações de afeto com lugares/pessoas; notificam sobre infiltrações/animais ou coisas que podem deteriorar espaços ou objetos; ‘vigiam o casarão a partir da rua’ /levam velas/carregam filho para o trabalho/. Todas essas situações mostram que não é só um tipo de relação que move suas passagens pelo Centro Histórico – a ideia de trabalho ‘explode’ diante de todos os sentidos dados à jornada laboral no espaço. O trabalho se constituiu como elo entre os seres intangíveis e os vigilantes. Foi ele que permitiu com que essas pessoas realizassem um exercício de deslocamento, que movimentou concepções cristãs e filosóficas; noções de tempo e espaço; percepções sobre vida e morte ou corpo e espírito. A ideia de um sujeito pronto e terminado ‘explode’ diante das transformações subjetivas pautadas nas experiências no Centro Histórico.

Em segundo lugar, essa dissertação permite pensar quais as possíveis formas de agregação das diferenças – objetos, pessoas, casas, e espíritos, convivem de forma que, a existência de cada um não anula outra. Algumas questões precisam de desdobramentos futuros, entre elas, destaco a relação entre tempo e propriedade. Proponho que a casa explicita relações de propriedade que atravessam o tempo, ao sugerir que os seres intangíveis tenham chegado antes dos vigilantes. Documentos e registros de posse só em parte demonstram esses vínculos que insistem em não deixar casarões, em não perder laços com o espaço, em não se desterrar. O tempo interfere em todos os entes da relação – as casas que são consumidas; os seres intangíveis que habitam dois tempos diferentes (passado/presente); e o tempo limitado por

licitações/empresas que vincula vigilantes e casarões. Portanto, sendo relações que perpassam diferentes temporalidades, faz-se necessário analisar até que ponto elas funcionam e podem coexistir.

Por fim, considero que a dissertação pontua, ainda que indiretamente, uma discussão sobre patrimônio e transformação. Para tanto, é importante situar que os usos temporários dos casarões, que são também patrimônio, acontecem o tempo todo. Casarões se tornam ocupações informais realizadas por moradores; são isolados, reocupados, remanejados para receber serviços e pessoas; são perdidos, desabados, esquecidos. Há, portanto, uma reinvenção criativa dos espaços no decorrer das intervenções do Estado e da natureza nas casas. Por isso, nesse processo dinâmico, também esse registro escrito precisa ser temporalizado: todo novo olhar ao Centro Histórico pode encontrar novos seres, novos vigilantes e novos casarões – ainda que, em sentido estrito, sejam os mesmos.

BIBLIOGRAFIA

AHLERT, Martina. Relatório de pesquisa: **Sentidos e práticas do “habitar” no Centro Histórico de São Luís**, Maranhão. 2017.

ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. **Reabilitação do Centro Histórico de São Luís: revisão crítica do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

BAUMANN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v.8, n.12, p.185-229. 2006. Disponível: periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18230. Acesso Nov.2018.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas vol.1. 3ªed. São Paulo: Editora brasiliense. 1987. p.197-221.

BLANES, Ruy. ESPÍRITO SANTO, Diana. Introduction: on the agency of intangible. In: BLANES, Ruy. ESPÍRITO SANTO, Diana. (orgs.). **The Social Life of Spirits**. Chicago and London: The University of Chicago Press. 2014. p.01-32.

BOURDIEU, Pierre [1970]. A casa kabyle e o mundo às avessas. **Cadernos de campo**, n. 8, p. 147-157, 1999.

CARDOSO, Paula Paoliello. **A reabilitação de edifícios para uso residencial multifamiliar no centro histórico de São Luís/MA**. Dissertação de mestrado: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2012. 149f.

CARDOSO, Vânia Zikán. Narrar o mundo: histórias do "povo da rua" e a narração do imprevisível. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 317-345. Out. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Out. 2018.

_____. O espírito da performance. In: **Revista Ilha**, v.11, n.01, p. 197-213, 2009.

COMERFORD, John. Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 57, 2. p. 108-142, 2014.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 37, p. 9-41, abr. 2016. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645006>>. Acesso em: Jan. 2019.

DUALIBE, Nayala Nunes. **Etnografia das polifonias do Centro Histórico de São Luís**. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2014. 134f.

ESPÍRITO SANTO, José Marcelo do. **Tipologia da arquitetura residencial urbana em São Luís do Maranhão: um estudo da casa a partir da teoria Muratoriana**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. (1937). Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: **Bruxaria Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

FAVRET-SAADA, Jeane. Ser afetado. In: **Cadernos de campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **“Tudo é Desterro?”: construção e desconstrução de regiões no Centro Histórico de São Luís**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Luís, 2005. 151f.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu: Etnografia da Casa das Minas do Maranhão**. 2. ed. rev. atual. São Luís: EDUFMA, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GONÇALVES, Daniela Santos. **“Moro em edifício histórico, e agora?”** Avaliação pós ocupação de habitações multifamiliares no Centro Histórico de São Luís –MA. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2006. 161f.

GONÇALVES, Gabriela Lages. **Os “viajantes” da Guest House: arte e corpo em uma perspectiva antropológica**. Monografia. Curso de Ciências Sociais. Universidade Federal do Maranhão, 2016.

GORDON JR., Cesar. About the house: Lévi-Strauss and Beyond. *Mana*, Rio de Janeiro. V.2, n.2, p.192-195. Outubro, 1996.

GUEDES, André Dumans. Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 403-435, 2017.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. v. 18, n. 37, junho 2012. p.25-44. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832012000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em Set. 2018.

_____. A antropologia ganha vida. In: T. Ingold. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes. 2015.

_____. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1,2, p. 162-183, jan. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18229>>. Acesso em Set.2018.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA. São Paulo: EDUSC, 2012.

LEAL, Ondina Fachel. ANJOS, José Carlos Gomes dos. “Cidadania de quem? Possibilidades e limites da antropologia”. **Horizontes Antropológicos**, Vol.5(10):151-173. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471831999000100151&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Fev.2019.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Objeto, método e alcance desta investigação. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Trad. Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA. **Os mortos e os Outros**: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. Editora HUCITEC, São Paulo, 1978.

MARANHÃO. **Dossiê**: Proposta de Inclusão do Centro Histórico de São Luís na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. São Luís: Secretaria do Estado da Cultura do Maranhão, 1997.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. **Museu Histórico e Artístico do Maranhão**: intervenções estruturais e história institucional. São Luís, 2014.

MARQUES, Marcia Tereza Campos. **Condições de Habitabilidade no Centro Histórico de São Luís-MA**: estudo das atividades comerciais e de serviços necessárias e das atividades

incompatíveis. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Recife/ Universidade Estadual do Maranhão. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. 2002. 91f.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades Esquimós”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.425-503.

MENEZES, Flaviano Costa. **Moradas e memórias**: o valor patrimonial das residências da São Luís antiga através da literatura. São Luís: EDUFMA, 2015.

MILLER, Daniel. Casas e teorias da acomodação. IN: **Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar. 2013. p.120-163.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

_____. **Um beiral para os bentivis**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

NORONHA, Raquel. **No coração da Praia Grande**: representações sobre a noção de patrimônio na Feira da Praia Grande. São Luís: EDUFMA, 2015.

PEIRANO, Mariza. O dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro- Relume Dumará/Núcleo de Antropologia Política. UFRJ, 2002.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **São Luís**: Ilha do Maranhão e Alcântara. Guia de Arquitetura e Paisagem. Ed. Junta de Andalucia. 2008.

SILVA, Joao Ricardo Costa e. Políticas Públicas no Centro Histórico de São Luís: as etapas do processo de intervenções urbanísticas. In: **IV Jornada Internacional de Políticas Públicas - Neoliberalismo e lutas sociais: perspectivas para as políticas públicas**, São Luís – Maranhão. Anais. 2009.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. **Cadernos de Leitura**, n. 62, p.1-15, Mai. 2017. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>. Acesso em Fev.2019.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, vol.17, n. 1, p. 177-201, 2015.

VIVEIROS FILHO, Francisco Fuzzetti de. **A urbanidade do sobrado**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

APÊNDICE A



Figura 12. Casarão em frente à moradia de Dona Serena (2019).

APÊNDICE B

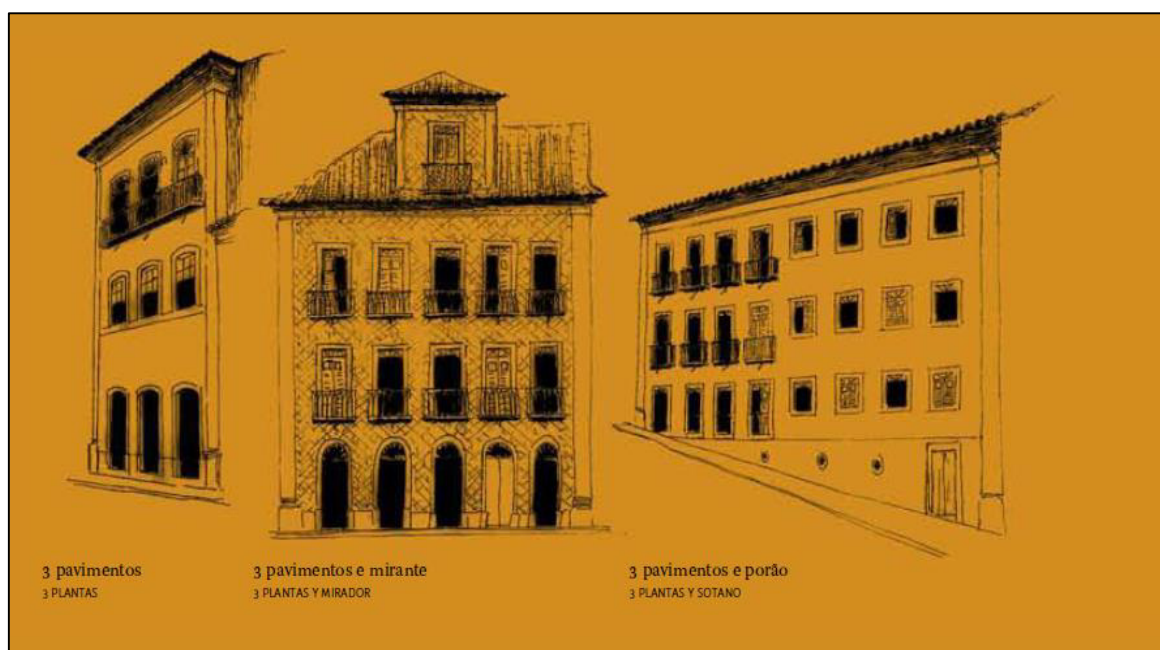


Figura 13. Tipos de Sobrados (fonte: SÃO LUÍS, 2008)



Figura 14. Tipos de sobrados (fonte: SÃO LUÍS, 2008).

Apêndice C

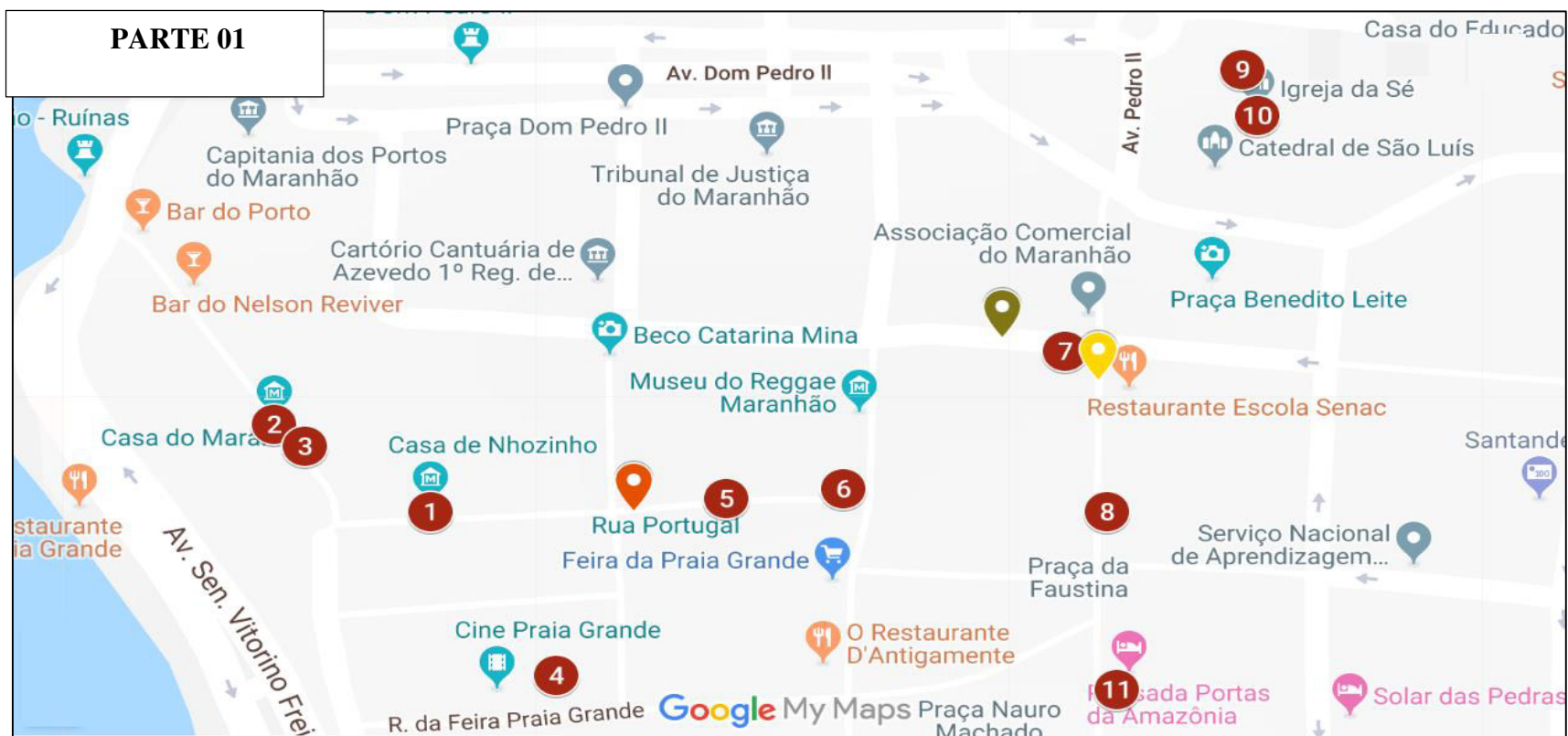


Figura 15. Mapa B (Parte 01)

1. Casa de Nhozinho
2. Casa do Maranhão
3. Morada das Artes
4. Centro de Criatividade Odylo Costa Filho
(Casa da Festa)
5. Museu de Artes Visuais
6. Sec. Cultura e Turismo

- Rua Portugal
- Rua 28 de Julho
- Rua Nazareth

7. Arquivo Público do Estado do Maranhão
8. Centro de Pesquisa em História Natural e Arqueologia
9. Museu de Arte Sacra
10. Igreja da Sé
11. Pousada Portas da Amazônia

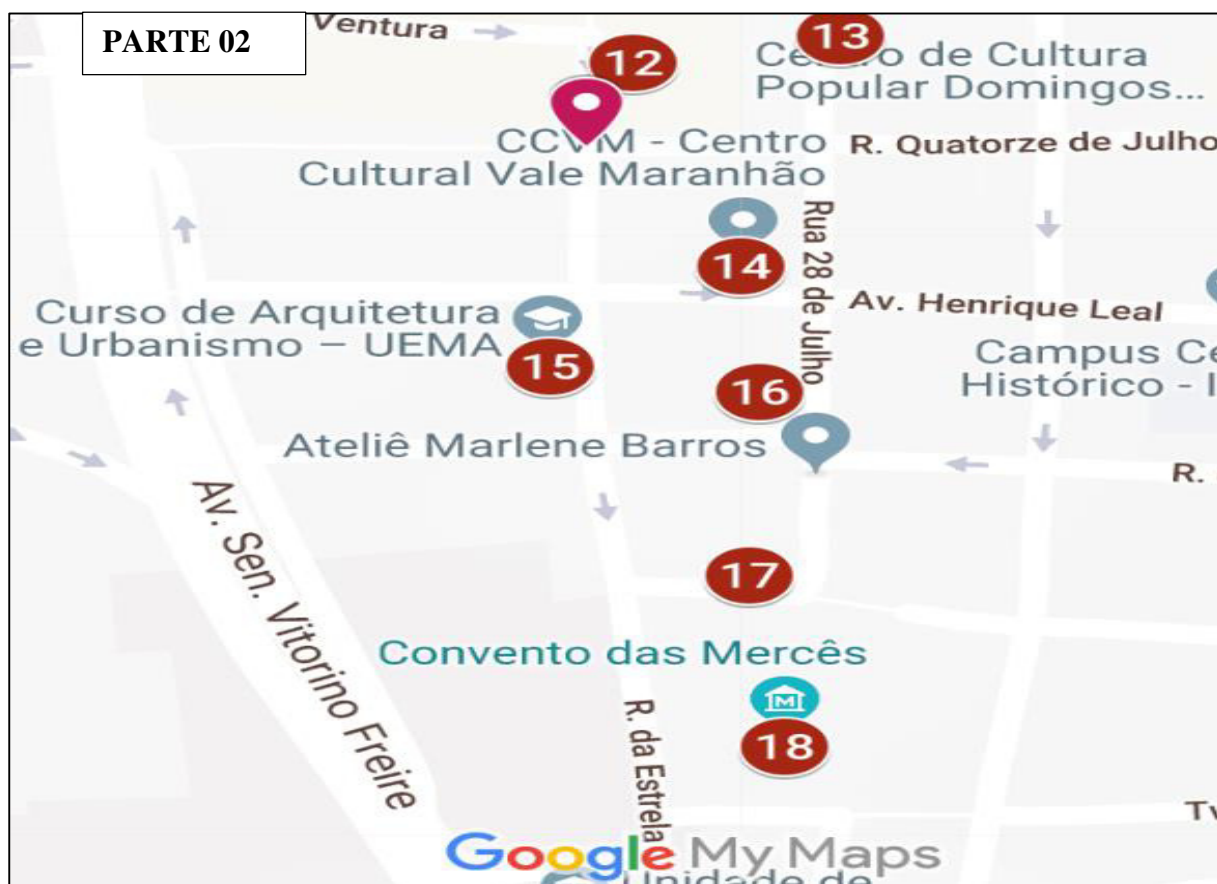


Figura 16. Mapa B (Parte 02)

LEGENDA	
12. Prédio de História – UEMA	
13. Casa da Festa	
14. Centro Cultural da Vale - CCVM	
15. Curso de Arquitetura – UEMA	
16. Casa Frankie	
17. Cafú das Mercês	
18. Convento das Mercês	
	Rua da Estrela

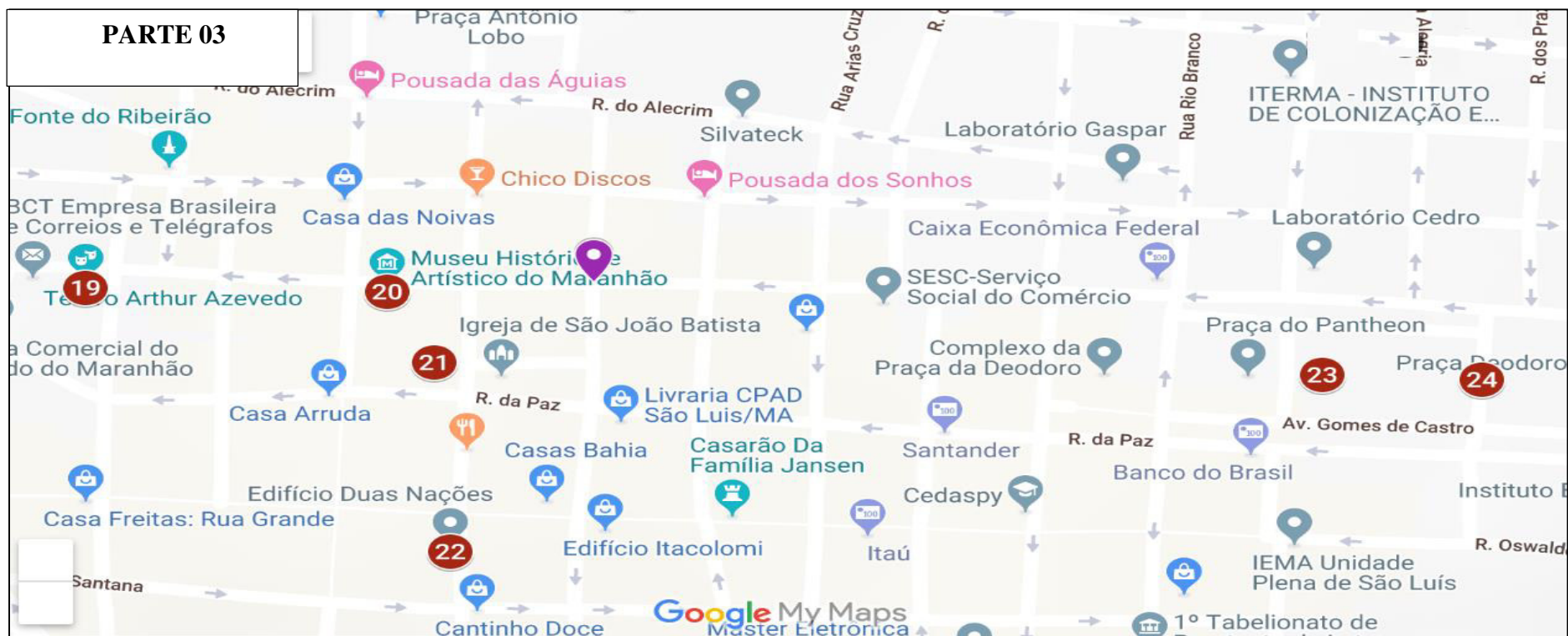


Figura 17. Mapa B (Parte 03)

LEGENDA	
19. Teatro Artur Azevedo	24. Banco do Brasil (Deodoro)
20. Museu Histórico e Artístico	
21. Palácio das Lágrimas	
22. Edifício Duas Nações	
23. Biblioteca Benedito Leite	
	 Rua do Sol

